

CURSO BÁSICO DE MARXISMO-LENINISMO-MAOISMO
PARTIDO COMUNISTA DA ÍNDIA – MARXISTA-LENINISTA-
MAOISTA
1ª Edição



Sumário

PREFÁCIO À PRIMEIRA EDIÇÃO, MARÇO DE 2016.....	3
CAPÍTULO 1 - INTRODUÇÃO.....	4
CAPÍTULO 2 - O QUE É O MARXISMO-LENINISMO-MAOÍSMO?.....	5
CAPÍTULO 3 - CONDIÇÕES SOCIOECONÔMICAS QUE LEVARAM AO NASCIMENTO DO MARXISMO.....	7
CAPÍTULO 4 - OS PRIMEIROS ANOS DE MARX E ENGELS ATÉ TORNAREM-SE MARXISTAS.....	11
CAPÍTULO 5 - AS TRÊS FONTES DO MARXISMO.....	18
CAPÍTULO 6 - OS FUNDAMENTOS BÁSICOS DA FILOSOFIA MARXISTA: O MATERIALISMO HISTÓRICO E DIALÉTICO.....	20
CAPÍTULO 7 - A LUTA CONTRA O SOCIALISMO UTÓPICO E O ESTABELECIMENTO DO SOCIALISMO CIENTÍFICO.....	22
CAPÍTULO 8 - A ECONOMIA POLÍTICA MARXISTA.....	25
CAPÍTULO 9 - MARX UNE-SE À CLASSE TRABALHADORA.....	27
CAPÍTULO 10 - AS LIÇÕES DA COMUNA DE PARIS.....	30
CAPÍTULO 11 - PROLIFERAÇÃO DO MARXISMO E ASCENSÃO DO OPORTUNISMO.....	33
CAPÍTULO 12 - O MARXISMO NA RÚSSIA : A JUVENTUDE DE LENIN.....	36
CAPÍTULO 13 - LENIN E O PARTIDO COMUNISTA DE NOVO TIPO.....	40
CAPÍTULO 14 - REVOLUÇÃO BURGUESA NA RÚSSIA DE 1905 : DESENVOLVIMENTO DAS TÁTICAS PROLETÁRIAS.....	43
CAPÍTULO 15 - PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL: OPORTUNISMO VS TÁTICAS REVOLUCIONÁRIAS.....	47
CAPÍTULO 16 - ANÁLISE DE LENIN SOBRE O IMPERIALISMO, A FASE SUPERIOR DO CAPITALISMO.....	50
CAPÍTULO 17 - A GRANDIOSA REVOLUÇÃO SOCIALISTA DE OUTUBRO.....	52
CAPÍTULO 18 - A FORMAÇÃO DA TERCEIRA INTERNACIONAL.....	56
CAPÍTULO 19 - A QUESTÃO NACIONAL E COLONIAL.....	59
CAPÍTULO 20 - A INFÂNCIA E AS CONTRIBUIÇÕES REVOLUCIONÁRIAS DE STÁLIN ATÉ A REVOLUÇÃO DE 1917.....	61
CAPÍTULO 21 - A CONSTRUÇÃO DO SOCIALISMO: A EXPERIÊNCIA RUSSA.....	67
CAPÍTULO 22 - LUTA CONTRA O TROTSKISMO E OUTRAS TENDÊNCIAS OPORTUNISTAS.....	72
CAPÍTULO 23 - TÁTICAS DURANTE A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL.....	75
CAPÍTULO 24 - PRIMEIROS ANOS DE MAO.....	79
CAPÍTULO 25 - A LUTA DE MAO CONTRA AS LINHAS DE DIREITA E 'ESQUERDA' E A VITÓRIA DA REVOLUÇÃO CHINESA.....	85
CAPÍTULO 26 - O CAMINHO DA REVOLUÇÃO NAS COLÔNIAS E SEMI-COLÔNIAS.....	91
CAPÍTULO 27 - MAO SOBRE A FILOSOFIA.....	93
CAPÍTULO 28 - MAO SOBRE O PARTIDO.....	98
CAPÍTULO 30 - O GRANDE DEBATE: A LUTA DE MAO CONTRA O REVISIONISMO MODERNO DE KRUSCHEV.....	107
CAPÍTULO 31 - A GRANDE REVOLUÇÃO CULTURAL PROLETÁRIA.....	110
CAPÍTULO 32 - APÓS A MORTE DE MAO.....	116

PREFÁCIO À PRIMEIRA EDIÇÃO, MARÇO DE 2016

A tradução do curso para língua portuguesa, é fruto de um trabalho e esforço coletivo de companheiras e companheiros de luta que compõem o Núcleo de Traduções do Povo. Um material com uma riqueza teórica como esse deve ser espalhado aos quatro cantos do mundo, nas mais variadas línguas, para contribuir no desenvolvimento ideológico daqueles que lutam dia-a-dia pela transformação do mundo e pela libertação das mais amplas massas trabalhadoras sob direção do proletariado.

O presente material foi feito pelo Partido Comunista da Índia – Marxista-leninista-maoista, que está dirigindo a guerra popular em seu país, sob o guia da ideologia do proletariado: o marxismo-leninismo-maoismo. E conforme o debate e a luta de linhas se acirra no Movimento Comunista Internacional pela completa e total assimilação do maoismo como terceira e superior etapa do marxismo, materiais como esses servem de ferramentas para compreensão das mais variadas questões que envolvem a ideologia do proletariado.

Em breve outras edições do material serão publicadas, pois, mesmo com a tradução e revisão sempre sobram alguns erros que vão ser corrigidos e também por acreditarmos que dá para incluir mais conteúdo para ajudar a completar o material aqui exposto.

Por fim, nós do Núcleo de Traduções do Povo, esperamos que esse material seja espalhado e difundido, que sejam feitos estudos e debates sobre o mesmo e que a leitura e o conteúdo assimilado não sirva apenas como um “conteúdo adicional” e sim como uma ferramenta para impulsionar a atuação na prática. Afinal como dizia Karl Marx: “*Os filósofos limitaram-se a interpretar o mundo de diversas maneiras; o que importa é modificá-lo*”.

CAPÍTULO 1 - INTRODUÇÃO

Grande parte dos ativistas revolucionários denomina-se enquanto agentes “pragmáticos”. Expressam: “Por que importar-se com ideologia, teoria e afins? Isso é para estudiosos e “intelectuais”,... o mais importante é seguir adiante com os trabalhos”. Os combatentes e militantes pertencentes às instâncias inferiores acreditam ser suficiente que o comitê central e os demais organismos superiores do partido estudem e forneçam orientação; e, não raro, muitos membros de posições hierárquicas mais elevadas creem que outras atividades são urgentes em demasia para “permitir” dedicação e tempo em detrimento do estudo teórico.

Em contrapartida, existem muitos outros que acreditam ser necessário conhecer toda obra dos grandes professores a fim de trabalhar de maneira "apropriada". Gastam muito tempo tentando ler tudo. Eles geralmente apresentam a tendência de tratar tudo o que é lido enquanto dogmas incontestes.

É necessário negar tais atitudes em nosso aprendizado. Todos os camaradas devem dedicar tempo e atenção suficientes aos seus estudos com objetivo de compreender a essência de nossa ideologia – o marxismo-leninismo-maoísmo. Mais importante que conhecer um largo número de livros, forçoso é entender profundamente os básicos e essenciais aspectos de nossa ideologia guiadora. Se fizermos isso e aprendermos a aplica-los em nossos trabalhos diários, estaremos hábeis a refinarmos nossa prática, tanto enquanto ativistas individuais como na atividade do partido em sua totalidade. Frequentemente entendemos e analisamos o mundo a nosso redor de acordo com nossas limitadas experiências, chegando muitas vezes a conclusões equivocadas. Um entendimento apropriado do marxismo-leninismo-maoísmo pode ajudar-nos a superar tais equívocos. Por outro lado, um entendimento superficial pode incorrer-nos de compreender apenas as membranas mais rasas de certas decisões do partido e seus comitês, levando-nos à incompreensão de sua essência e espírito. Tais erros podem ser evitados a partir de um aprofundamento no marxismo-leninismo-maoísmo. Por meio de nosso estudo deste, aprenderemos das experiências positivas e negativas advindas da Revolução Mundial; apreenderemos o positivo em seu legado, e aprenderemos a distinguir entre o certo e o errado em nossa própria prática. Também tornar-nos-emos aptos a reconhecer, criticar e lutar contra todos os tipos de oportunismo no seio do movimento. Em poucas palavras, o marxismo-leninismo-maoísmo faz-se necessário para moldar nossa prática à luz dá toda poderosa ideologia do proletariado.

Este curso básico de marxismo-leninismo-maoísmo tem como objetivo apresentar aos ativistas uma exposição dos aspectos fundamentais de nossa ideologia. Nossa ideologia é, antes de tudo, uma teoria de "ação", concebida para ser posta em prática. A teoria em si emergira ao longo do curso de numerosas lutas de classe. Posto isso, é essencial compreender as condições materiais concretas e prática social nas quais os grandes

professores do proletariado – Marx, Engels, Lênin, Stálin e Mao – puderam desenvolver e formular seus princípios básicos. Desta forma, este livro busca relacionar o processo histórico ao crescimento e desenvolvimento do marxismo-leninismo-maoísmo. Procurou-se apresentar os presentes conceitos básicos, sempre que possível, de maneira contextualizada às condições socioeconômicas, eventos políticos e lutas de classe que possibilitaram seu surgimento. A fim de entender-se tais tópicos particulares em detalhes, empreender um estudo minucioso e aprofundado vir-se-á necessário. Entretanto, este curso básico pretende oferecer a base essencial para compreensão da dinâmica do desenvolvimento de nossa ideologia e em quais condições e circunstâncias históricas tal teoria veio a ser.

Venha; comecemos nosso estudo.

CAPÍTULO 2 - O QUE É O MARXISMO-LENINISMO-MAOÍSMO?

O partido que dirige a revolução é o Partido Comunista; e a ideologia a guiar o pensamento e a prática do Partido Comunista é o marxismo-leninismo-maoísmo. Isso é do conhecimento de todos. Não obstante, muitos não têm certeza do que exatamente vem a ser a ideologia comunista ou marxismo-leninismo-maoísmo e quais são suas características e aspectos. Muitos entendem-na simplesmente como as ideias de Marx, Lênin e Mao. Tal entendimento é incompleto, insuficiente e superficial. É preciso aprofundar-se no assunto e entender sua essência interna. Comecemos por buscar entender tal essência do marxismo-leninismo-maoísmo.

Em época na qual Marx e Engels foram os primeiros desenvolvedores e propagandistas da teoria comunista, Engels, em 1847, escrevera um folheto chamado “Princípios básicos do comunismo”. Ele definiu o comunismo na seguinte frase, “O comunismo é a doutrina das condições de emancipação do proletariado.” Assim, Engels, nesta curta definição, explana que a essência da ideologia comunista é apresentar a teoria sobre o que é forçoso no objetivo de alcançar-se a liberdade completa da classe trabalhadora. Essa liberdade seria finalmente assegurada pelo estabelecimento da sociedade comunista.

Stálin explicara o mesmo de seguinte maneira, “O marxismo é a ciência das leis que regem o desenvolvimento da natureza e da sociedade, a ciência da revolução das massas oprimidas e exploradas, a ciência da vitória do socialismo em todos os países, a ciência da construção da sociedade comunista.” Aqui, Stálin explica o amplo escopo do marxismo. Primeiramente, trata-se de uma ciência que fornece as respostas para as questões que concernem não apenas a sociedade, mas também a natureza. Desta maneira, o marxismo configura-se como uma ciência abrangente. Em segundo lugar, é uma ciência que visa à revolução; e essa revolução não é a dos ricos [como as anteriores revoluções burguesas das classes capitalistas], mas das massas pobres e laboriosas. E em terceiro plano, é a ciência da construção da sociedade socialista e comunista.

A esta ciência é atualmente dada o nome de marxismo-leninismo-maoísmo graças às contribuições dos três professores que desempenharam grande papel em sua edificação e desenvolvimento – Karl Marx, Vladimir Lênin e Mao Tsé-tung. Além destes três, reconhecemos outros dois grandes professores que desempenharam fundamental contribuição à ciência do operariado – Friedrich Engels e Josef Stálin. Engels fora o camarada de Marx que colaborara assídua e intimamente na construção dos fundamentos do marxismo, avançando-os após a morte de Marx. Stálin defendera e desenvolvera o marxismo-leninismo após a morte de Lênin.

O marxismo fora desenvolvido primeiramente por Marx juntamente com seu amigo Engels há mais de cento e cinquenta anos. As principais partes constituintes do marxismo são: a filosofia do materialismo dialético e o desenvolvimento da concepção materialista da história ou materialismo histórico; a economia política marxista, responsável pela descoberta das leis de movimento do capitalismo e suas contradições, bem como a doutrina da mais-valia que pôs em evidência a fonte da exploração capitalista; e a teoria do socialismo científico baseado na doutrina da luta de classes e a demarcação dos princípios regentes das táticas de lutas classistas do proletariado.

O leninismo é o marxismo da era do imperialismo e da revolução operária. Fora primariamente desenvolvido por Lênin em meados do início do século passado, durante o percurso da Revolução Russa, enquanto travava-se a luta contra o oportunismo da Segunda Internacional e avançando o movimento comunista internacional por meio da Terceira Internacional. O leninismo, enquanto defesa e avanço do marxismo, promovera as seguintes contribuições: a descoberta das leis do movimento do estágio superior do capitalismo – o imperialismo – e como estas inevitavelmente levariam as potências imperialistas à guerra; o desenvolvimento qualitativo da teoria e prática da revolução proletária durante a revolução democrático-burguesa assim como na revolução socialista; um entendimento preciso a respeito da ditadura do proletariado, bem como os princípios primários no que tange a construção do socialismo; proporcionara a teoria e direção para os movimentos nacionais e coloniais, ligando os movimentos nacionais libertadores às causas da Revolução Socialista Mundial; o desenvolvimento dos princípios organizativos do partido leninista – o partido de novo tipo. Stálin, em sua defesa e acabamento do leninismo, contribuíra às leis e princípios que regem o período de construção do socialismo.

O maoísmo é a extensão e o desenvolvimento do marxismo-leninismo aplicado ao tempo presente. Foi desenvolvido por Mao Zedong durante a Revolução Chinesa, no processo de construção do socialismo, na luta contra o revisionismo moderno e particularmente durante a grande Revolução Cultural Proletária. As contribuições do maoísmo incluem: a teoria das contradições, o desenvolvimento da teoria do conhecimento e formulação da linha de massas consistida em "das massas, para as massas"; a teoria da Nova Democracia, a formulação do caminho da revolução nas colônias e semicolônias, e a

formulação no que diz respeito às três varinhas mágicas da revolução – o partido, o exército do povo e a frente única; a teoria da guerra popular prolongada e o desenvolvimento dos princípios da guerra militar; o desenvolvimento dos princípios organizativos do partido proletário através da compreensão da luta de duas linhas, campanhas de retificação e crítica e autocrítica; o desenvolvimento de uma política econômica baseada nas experiências soviética e chinesa e o entendimento dialético do processo de construção do socialismo como a condução correto de contradições no seio do processo de transição ao socialismo; e finalmente e mais importante, a teoria e prática da revolução contínua sob a ditadura do proletariado rumo à consolidação do socialismo, o combate ao revisionismo moderno e a prevenção da restauração do capitalismo, tendo sua expressão máxima na grande Revolução Cultural Proletária.

Marxismo, leninismo e maoísmo não se tratam de ideologias dissociadas, mas antes representam o constante crescimento e avanço de uma única ideologia. Nas seguintes páginas, buscaremos traçar e expor a história de seu processo de desenvolvimento. Além disso, tentaremos entender a essência de seus vários elementos e aspectos citados acima. A lista pode parecer longa e penosa, mas nosso estudo não deve seguir-se de tal forma. Se concentrarmos-nos e tentarmos entender a essência básica de cada aspecto em seu contexto histórico, seremos capazes de apreendermos muito.

CAPÍTULO 3 - CONDIÇÕES SOCIOECONÔMICAS QUE LEVARAM AO NASCIMENTO DO MARXISMO

Como veremos mais tarde, o marxismo ensina-nos que quaisquer ideias ou teorias são produtos de certas condições materiais. Sempre que novas condições materiais surgem, novas ideias e teorias emergem com elas. Esta mesma verdade aplica-se ao próprio marxismo. Assim, em prol de um melhor entendimento deste, devemos conhecer as condições materiais, i.e as condições socioeconômicas na qual Marx e Engels puderam dar origem ao marxismo.

O marxismo surgira há mais de cento e cinquenta anos, em meados de 1840. Estabeleceram-se primeiro na Europa, que à época dominava o mundo econômica, política e militarmente. Tal dominação era tamanha que quase todas as antigas civilizações milenares como Índia, China e Persa eram subordinadas a ela. Marx e Engels nasceram e viveram em algumas das localidades europeias mais avançadas economicamente, enquanto desenvolviam as ideias do marxismo. Eles observaram, participaram e foram influenciados pelos maiores eventos políticos de seu tempo. Posto isso, a fim de entender como nascera o marxismo, primeiramente devemos analisar a Europa de sua época e ver os principais fatores socioeconômicos de então:

1. O fator mais importante fora a Revolução Industrial, que durara aproximadamente de 1760 até 1830, e, mesmo centrada na Inglaterra, influenciou o mundo inteiro. A

Revolução Industrial é nomeada desta forma devido ao explosivo e revolucionário nascimento da produção industrial: foram nestes setenta anos que o mundo assistia pela primeira vez a um fenômeno de tal magnitude. Fora nesse tempo que as modernas fábricas foram construídas e cresceram rapidamente, especialmente na Inglaterra. Juntamente com tal evento viera a tremenda expansão do mercado mundial, que exportava os bens manufaturados ingleses para todas as partes do globo. Apesar de outros países como França, Holanda e regiões da Alemanha e dos Estados Unidos da América também contarem com suas indústrias, esse período histórico fora majoritariamente dominado pela Inglaterra. A dominação era tanta que o país começara a ser chamado de "oficina do mundo" devido à exportação de bens manufaturados para todos os países.

A Revolução Industrial transformou inteiramente a classe capitalista. Anteriormente, esta classe não era tão forte economicamente e era uma classe média [é chamada "burguesia" porque bourgeois significa "classe média" em francês]. Todavia, com o advento da Revolução Industrial, essa classe média transformou-se numa classe de milionários industriais – a moderna burguesia industrial. As incontáveis riquezas dessa nova classe concederam-na força suficiente para desafiar o poder das classes feudais que, até então, ainda detinham-se enquanto classes dominantes.

Além da moderna burguesia, a Revolução Industrial pariu também outra classe – a moderna classe trabalhadora industrial, o proletariado. Tal classe, que consiste em milhares de operários trabalhando juntos em imensas fábricas, diferencia-se gradualmente dos antigos trabalhadores que exerciam seu ofício em pequenos grupos nas oficinas. Os proletários modernos não possuem nada, exceto sua força de trabalho, com uma força e confiança desconhecidas às predecessoras gerações de trabalhadores. Essa força viera de seu contato com a grande indústria, com sua disciplina apreendida através do sistema das fábricas e sua organização superior advinda da experiência de incontáveis números de operários amontoados nas fábricas sob os mesmos tetos. Sua posição na sociedade formara-os enquanto potência na maior força revolucionária da história.

2. Outro fator importante fora àquele que dominara o cenário político europeu naquela época. Isto é, a onda de revoluções democrático-burguesas lideradas pelas nascentes classes capitalistas, na qual a mais importante fora a Revolução Francesa de 1789. A Revolução Francesa não trouxe apenas várias mudanças radicais na França. Ela também originara as guerras napoleônicas, cujos exércitos da burguesia francesa conquistara quase todo o continente europeu, levando consigo as reformas burguesas e abolindo o feudalismo onde quer que passassem. Além disso, eles deram o golpe de misericórdia aos reis e às velhas classes feudais. Apesar dos exércitos franceses terem sido derrotados posteriormente, as

velhas classes dominantes jamais conseguiram reaver suas posições de outrora. A moderna burguesia continuou sua torrente revolucionária com outras numerosas revoluções burguesas, resultando na derrota definitiva das obsoletas classes feudais e à vitória do capitalismo enquanto sistema global.

Desta forma, tanto a níveis econômicos como políticos, o período do nascimento do marxismo fora marcado por grandes avanços e vitórias para as classes capitalistas ao passo que estabeleciam suas leis e domínio nos mais avançados e dominantes países do mundo.

3. Apesar deste ser o período de grandes avanços para a burguesia internacional, o principal fator que dera à luz ao marxismo fora o surgimento da consciência das classes trabalhadoras e organizações proletárias, bem como movimentos que sinalizaram a emergência do proletariado enquanto força independente e autoconsciente.

Essa emergente consciência de classe proletária nascera primariamente na Inglaterra e na França. Ela ocorrera primeiro nesses países por causa de sua rápida proliferação da indústria moderna. A propagação da grande indústria, apesar de trazer grandes benefícios às classes proprietárias, produziu as condições desumanas de trabalho e vida para as classes laboriosas. Quase três quartos da força de trabalho eram compostos por mulheres e crianças, devidos à baixa remuneração e o mais fácil controle dos trabalhadores pelos capitalistas. Crianças a partir de seus seis anos de idade eram forçadas a trabalhar de quatorze a dezesseis horas nas fiações. Ao passo que os burgueses acumulavam cada vez mais riquezas, os trabalhadores afundavam-se cada vez em miséria. Enquanto os proprietários das usinas têxteis triplicavam seu capital, os salários de seus tecelões eram reduzidos a um oitavo do que era previamente remunerado.

Dessa forma, as condições do operariado eram de tal forma que a rebelião não era apenas justa, mas iminente. Os primeiros levantes foram espontâneos, sem direção clara. Um exemplo foram as destruições das máquinas de 1810-11 na Inglaterra, onde grupos de tecelões atacaram as fábricas têxteis e destruíram qualquer maquinaria na qual pudessem colocar suas mãos. Este foi seu método de protestar contra a grande indústria que destruíam gradualmente suas vidas. Tais protestos não tinham uma direção clara e foram reprimidos severamente, extinguindo-se de forma rápida.

O que se seguiu fora a disseminação e o crescimento do movimento e organizações operárias que vieram a fornecer a direção do proletariado combativo. Antigos sindicatos, inicialmente restritos a trabalhadores qualificados, começaram em 1818 a unir todos os operários no que era chamado de sindicatos de "comércios gerais". À medida que esses sindicatos foram crescendo, um

movimento a fim de iniciar uma união em escala nacional começara a desenvolver-se. Esta foi formada e, por volta de 1833-34, alcançara mais de quinhentos mil membros. Além dos sindicatos, os trabalhadores também começaram a organizar-se em cooperativas e sociedades mutualistas. Nos demais países onde grande parte dos sindicatos foram proibidos, essas foram as principais formas de organização da classe trabalhadora, que também crescia em número e força.

Ao passo que as organizações de trabalhadores começaram a crescer, os operários na Grã-Bretanha empreenderam o movimento cartista em 1837, demandando direitos eleitorais aos trabalhadores. Este foi o primeiro movimento revolucionário amplo, verdadeiramente massivo e politicamente organizado da classe operária. Fora utilizado o método de petições de massa ao Parlamento, de certa forma similar às campanhas de assinaturas empreendidas hoje em dia. Estas petições reuniram mais de cinco milhões de assinaturas. Alguns dos protestos cartistas contaram com trezentos e cinquenta mil manifestantes, mostrando a organização sólida e coesa da classe trabalhadora. Porém, como o movimento crescera em força e militância, acabara por sofrer severas repressões e fora suprimido em 1850. Durante o começo dos anos 1840, enquanto Engels residia em Manchester [na Inglaterra], ele esteve em íntimo contato com os líderes revolucionários cartistas bem como seu periódico *The Northern Star*, sendo profundamente influenciado pelo cartismo.

A crescente militância do movimento proletário levou muitas vezes durante esse período às primeiras revoltas operárias, reprimidas brutalmente. Exemplos destas foram os levantes em Londres em 1816 e Manchester em 1819, as revoltas dos trabalhadores de seda em Lyons [França] em 1831 e 1834, e o levante dos tecelões de linho na Alemanha prussiana [atualmente parte da Polônia] em 1844. Esta última luta teve um forte impacto na Alemanha assim como no jovem Marx.

Assim, em meados de 1840, o movimento operário crescia rapidamente em força e intensidade em vários países indústrias. Não obstante, ainda era demasiadamente fraco e insuficiente em causar uma verdadeira ameaça à dominação da grande burguesia e das antigas remanescentes classes feudais dominantes. Entretanto, a aparição do proletariado enquanto força classista independente fora um fenômeno de histórica significância mundial. O surgimento da existência material do proletariado significava ao mesmo tempo o nascimento de ideias que representavam essa nova classe revolucionária. Inúmeras ideias e teorias que clamavam por representar os interesses das classes trabalhadoras vieram a existir. O marxismo, quando formulado na época de 1840, era apenas mais uma destas. Todavia, apesar de inúmeras teorias terem emergido sob as mesmas circunstâncias socioeconômicas, apenas o marxismo oferecera as ferramentas para compreender adequadamente estas condições e também os meios para

transformá-la. Portanto, nos anos que vieram a seguir, apenas o marxismo provava ser uma genuína ideologia proletária.

CAPÍTULO 4 - OS PRIMEIROS ANOS DE MARX E ENGELS ATÉ TORNAREM-SE MARXISTAS

Obviamente, ninguém nasce marxista – nem mesmo Marx. Forçoso é que haja algum processo na qual as ideias e pontos de vista venham a ser desenvolvidos e formulados de maneira a formatar um corpo básico a ser chamado de ideologia. Naturalmente, Marx e Engels também tiveram que passar por tal processo antes de descobrirem e adotarem as verdades universais do que hoje conhecemos como marxismo. Este processo cognitivo fora naturalmente determinado, em grande medida, pelas experiências concretas que ambos passaram. Em vista de compreendermo-los com alguma profundidade, deveremos ater nossa atenção brevemente às primeiras experiências desses dois grandes professores.

Karl Marx nasceu no quinto dia de maio de 1818, na cidade de Trier, na então chamada Prússia Renana, hoje parte da Alemanha. Seu pai, Heinrich Marx, era um dos mais bem reputados advogados da cidade. Sua família era respeitada e culta, porém, não revolucionária. Ambos os pais de Marx vieram de uma longa linhagem de sacerdotes judeus. Assim, apesar de economicamente estáveis, sofreram com a discriminação social na atmosfera prussiana antisemita. Em 1816, o pai de Marx fora forçado a converter-se ao cristianismo devido às leis estabelecidas pelo governo prussiano que impediam os judeus de exercer a advocacia. De modo similar, em 1824, outra lei levantada pelo governo da Prússia impedia os gentios de integrarem as escolas públicas. Devido a isso, Heinrich Marx fora forçado a batizar seu filho Karl juntamente com seus demais irmãos e irmãs. Assim sendo, apesar de não ser adepto a nenhuma religião, o pai de Marx fora forçado a adotar uma nova fé para continuar exercendo seu ofício e poder oferecer a seus filhos uma boa educação.

A terra natal de Marx, Trier, é a cidade mais antiga na Alemanha, cujo longo dos séculos fora residência dos imperadores romanos e mais tarde de bispos católicos, contando com uma administração religiosa para a cidade e seus arredores. Em agosto de 1794, os exércitos franceses dominaram a cidade, instituindo uma administração civil e trazendo as ideias e instituições da Revolução Francesa. A cidade só iria voltar às mãos do rei prussiano após a derrota da França napoleônica em 1815. Desse modo, durante o período de nascimento e juventude de Marx, ela ainda carregava o profundo impacto de vinte e um anos das ideias revolucionárias francesas.

Trier era uma pequena cidade de aproximadamente doze mil habitantes. Sua funcionalidade dava-se principalmente enquanto cidade mercante para as regiões próximas, que por séculos havia sido uma famosa área vitícola. As ocupações de sua

população eram típicas de uma cidade de "serviços" – funcionários públicos, padres, pequenos comerciantes, artesãos, etc. etc. Permanecera intocada pela Revolução Industrial e manteve-se relativamente atrasada economicamente. Durante o período relativo à juventude de Marx, houvera também um alto crescimento da pobreza. Estatísticas oficiais de 1830 apontam que o desemprego alcançava um a cada quatro habitantes, apesar de que as taxas reais não documentadas deveriam ser bem mais altas. Mendigos e prostitutas eram comuns e as taxas de pequenos crimes como roubos e furtos eram extremamente elevadas. Desse modo, já nos primeiros anos de sua vida, o jovem Marx fora testemunha da miséria das classes trabalhadoras.

Após concluir sua educação básica, Marx ingressara no Ginásio Friedrich Wilhelm [segundo grau] em 1831, concluindo-o em 1835. Em três semanas, fora enviado para começar seus estudos superiores na faculdade de direito quarenta milhas de Trier, na cidade de Bonn [um importante centro que é hoje a capital conjunta da Alemanha]. Marx, decidido a aprender e estudar o quanto fosse possível, imediatamente registrou-se em nove cursos além de direito, incluindo poesia, literatura, arte, etc. No começo, era regular em suas aulas e palestras, mas logo perdera o interesse, especialmente em direito, na qual achava maçante e insatisfatório. Ele reduzira seus cursos de nove a seis e depois para quatro.

Marx decidira estudar por conta própria e rapidamente envolvera-se na tempestuosa vida dos estudantes na qual posteriormente tornar-se-ia líder. Interessado na produção poética, ele também ingressara em *Poetenbund*, um círculo de jovens escritores fundado por estudantes revolucionários. Na constante batalha entre os filhos dos nobres feudais e os da burguesia, não demorou a tornar-se líder do grupo burguês. Frequentemente envolvia-se em brigas e até mesmo em duelos de espada. Carregava consigo uma lâmina stiletto pelo qual a polícia prendeu-o certa vez. Ele também fora sentenciado a um dia na prisão de estudantes da universidade sob as acusações de “arruaças noturnas perturbadoras da paz e embriaguez”. Em um duelo de espadas, teve sua sobancelha direita ferida. Tal evento levou seu pai a tirá-lo da Universidade de Bonn, trazendo-o novamente à Trier em agosto de 1836.

Em sua estadia em Trier, noivara-se secretamente com Jenny von Westphalen, filha do barão von Westphalen, um nobre de alto cargo no governo prussiano. Jenny, que era quatro anos mais velha, e Marx eram amantes de infância que decidiram casar-se enquanto Marx ainda estava na escola. Eles agora estavam noivos sob a aprovação dos pais de Marx, mas sem a dos pais de Jenny, obtendo-a apenas em 1837.

Em outubro de 1836, Marx movera-se para a Universidade de Berlim, que era então a capital da Prússia. Essa universidade era muito maior que a de Bonn, reconhecida como um grande centro de estudos e aprendizado. Após matricular-se nos cursos da universidade, Marx entrara imediatamente em um turbilhão de trabalhos. Noite após noite, alimentando-se precariamente e abusando do tabaco, lia livros vorazmente e enchia

cadernos com suas anotações. Em vez de aulas formais, Marx deu seguimento a seus estudos por conta própria. Trabalhando em ritmo tremendo, trocara de direto para filosofia, depois poesia e conseqüentemente arte, escrevendo histórias e peças de teatro, para novamente retornar à filosofia e poesia. Seu excesso de trabalho teve efeitos ruins em sua saúde, particularmente em seus pulmões, forçando-o eventualmente a dar pausas em suas atividades. Todavia, sempre voltava a seus hábitos de trabalho excessivos, lendo de tudo, desde os antigos filósofos até os mais recentes trabalhos filosóficos e científicos. Acabara por voltar-se à filosofia, sempre procurando encontrar o significado universal; buscava pelo absoluto nos princípios, definições e conceitos.

Durante seu segundo ano na universidade, unira-se ao grupo de estudantes de filosofia chamado Jovens hegelianos. Eram seguidores do famoso filósofo alemão, Friedrich Hegel, que lecionou na Universidade de Berlim e morreu em 1830. Tentavam aplicar uma interpretação radical à filosofia de Hegel e por isso foram denominados Hegelianos de Esquerda. Um dos amigos de Marx e integrante do grupo – em fato, seu líder intelectual – era um professor chamado Bruno Bauer, um militante ateu que constantemente atacava os ensinamentos da igreja. Tais ataques, juntamente com os radicais posicionamentos políticos dos Jovens hegelianos, marcaram-nos frente às autoridades prussianas. Desse modo, após completar sua tese de doutorado, Marx não pode obter seu diploma da Universidade de Berlim, dominada por reacionários apontados pelo governo da Prússia. Depois de completar seus estudos em Berlim, apresentara sua tese e obteve seu doutorado em abril de 1841 pela Universidade de Jena, que detinha uma orientação liberal e estava fora do controle prussiano.

Após obter seu diploma, Marx esperava tornar-se professor na Universidade de Bonn, onde Bruno Bauer transferira-se em 1839. No entanto, Bauer encontrava-se em apuros devido aos distúrbios que suas palestras antirreligiosas haviam causado. Finalmente, o próprio rei ordenara a remoção de Bauer da Universidade de Bonn. Isso representara o fim da carreira de docência de Bauer, bem como as esperanças de um emprego de professor para Marx.

Marx então começara a concentrar-se no jornalismo, na qual daria início às atividades imediatamente após sua saída da universidade. Isso também ajudara-o a participar mais intimamente no crescente movimento de oposição democrática radical e, em seguida, desenvolve-la na província do Reno e na província vizinha de Westphalia. Estas províncias, que haviam experimentado a influência libertadora das reformas francesas anti-feudais foram os maiores centros de oposição ao rei da Prússia. A industrialização levava ao crescimento da burguesia, especialmente em Cologne, a cidade mais rica da Renânia. Isso acabara por converter-se em um forte apoio ao movimento oposicionista radical pelos industrialistas, alimentados de revolta pelo controle excessivo das classes feudais.

Marx começara a escrever para o Rheinische Zeitung ["jornal renano"], um jornal diário

financiado pelos industrialistas, e, em outubro de 1842, tornara-se seu editor chefe. Nas mãos de Marx, o jornal logo tornara-se um veículo de luta por radicais direitos democráticos. Isso, no entanto, levava Marx a entrar em constante conflito com a censura prussiana, altamente repressiva. Por fim, quando o período publicara uma crítica ao despotismo czarista russo, o próprio Czar pressionou o rei prussiano a tomar uma atitude. O jornal fora banido e fechado em março de 1843. Marx então começara a envolver-se num plano de criar um novo jornal, o *Deutsch-Französische Jahrbücher* [“os anais franco-alemães”].

Durante essa época, entre 1841 e 1843, Marx estava profundamente envolvido nas intempéries políticas desse período. Todavia, era basicamente um democrata radical e não tinha à época posições comunistas. A nível filosófico, sua maior transformação durante esse período fora em 1841, após ler o livro *A essência do cristianismo*, de Ludwig Feuerbach, que apresentara um ensaio crítico da religião tendo o materialismo como ponto de partida. Tal livro teve um papel fundamental na mudança das ideias idealistas de Marx advindas do grupo dos Jovens hegelianos para o materialismo. Outra obra filosófica de 1841 [*A triarquia europeia*] que influenciara Marx fora a tentativa de seu amigo, Moses Hess, em desenvolver uma filosofia comunista combinando o socialismo francês às ideias dos Hegelianos de Esquerda.

Porém, à época, Marx ainda tinha um conhecimento limitado acerca das ideias socialistas e comunistas. Seu primeiro contato com estas fora em 1842, ao ler com interesse as obras de vários dos pioneiros teóricos socialistas franceses. Não obstante, ele não convertera-se ao comunismo ou socialismo por tais leituras. Essa mudança só viria ocorrer através de seu contato com os grupos classistas de trabalhadores comunistas e seu estudo da economia política, ambos empreitados após mudar-se para Paris, no fim do ano de 1843.

Sete anos após seu noivado, Marx e Jenny casaram-se em junho de 1843. Eles tiveram uma curta lua-de-mel na Suíça, na qual Marx escrevera um folheto apresentando suas primeiras críticas a Hegel. Após sua lua-de-mel, começara seus estudos e preparações para sua mudança a Paris, onde o já mencionado *Deutsch-Französische Jahrbücher* viria a nascer. Essa mudança para Paris fora planejada com intuito de evitar a censura prussiana. Todavia, embora o periódico tenha sido planejado como um jornal mensal, colapsara com apenas uma edição, que saíra em fevereiro de 1844.

Entretanto, a estadia de Marx em Paris fora marcada por significativas novas experiências. A de importância colossal fora o contato direto com vários grupos comunistas e socialistas cuja Paris era berço. Além de conhecer um vasto número de teóricos e revolucionários, Marx fora grandemente beneficiado por contato regular com vários revolucionários oriundos das classes laboriosas de Paris. Ao mesmo tempo, Marx iniciara seus estudos em economia política, lendo a maioria dos trabalhos dos famosos economistas clássicos bretões. O contato revolucionário somado a seu estudo tiveram

grande impacto, refletindo em seus escritos.

A única edição do *Deutsch-Französische Jahrbücher* fora de importância crucial por conter a primeira generalização de Marx acerca da compreensão marxista da materialidade histórica, expressa em seu artigo crítico da filosofia hegeliana. Fora nesse artigo que Marx formulara a importante definição sobre o papel histórico do proletariado. Ele também fez aqui a famosa formulação de que a religião é o ópio do povo. Essa mesma edição também contava com um artigo crítico de Engels sobre economia política, que também fornecera um entendimento materialista no que tange o desenvolvimento do capitalismo moderno.

Fora o interesse de Marx nos escritos de Engels que possibilitara a reunião dos dois em Paris, entre vinte e oito de agosto e seis de setembro de 1844. Este fora um encontro histórico que ajudara os dois grandes pensadores a esclarecerem suas ideias e edificarem os primeiros fundamentos do marxismo. Apesar de ambos terem chegado de forma independente a conclusões similares, esse encontro ajudou-os a alcançarem absoluto consenso teórico. Fora nesse encontro que eles mais claramente chegaram a uma compreensão correta acerca da concepção materialista da história, que é a pedra angular da teoria marxista.

Friedrich Engels nasceu em vinte e oito de novembro de 1820, na cidade têxtil de Barmen na província do Reno na Prússia. Seu pai era um rico proprietário de uma fábrica de fiação de algodão e era um cristão protestante fervoroso de perspectivas políticas reacionárias.

Barmen, assim como a Trier de Marx, pertencia à parte da Prússia que contara com duas décadas de dominação francesa. Disso decorreram influências progressistas na região. Porém, uma de suas principais características era compor um dos maiores centros indústrias renanos. Por conseguinte, Engels, desde muito cedo, presenciou as severas condições de pobreza e exploração das classes trabalhadoras. Para sobreviver à competição das fábricas, os artesãos eram obrigados a trabalhar da manhã até noite. Frequentemente buscavam afogar seus problemas no álcool. Trabalho infantil e doenças pulmonares oriundas do ofício industrial eram decorrentes.

Engels frequentara a escola de Barmen até a idade de quatorze anos. Ele fora enviado ao ginásio da cidade vizinha de Elberfeld [atualmente, Barmen e Elberfeld formam uma única cidade]. Esse ginásio [segundo grau ou ensino-médio] tinha a reputação de ser uma das melhores escolas na Prússia. Friedrich era um estudante inteligente, com grande facilidade em aprender novas línguas. Ele também fazia parte de um círculo de poesia juntamente com outros estudantes e escrevia seus próprios poemas e pequenos contos. Planejava estudar economia e direito; entretanto, seu pai estava mais interessado em fazer seu filho mais velho aprender o negócio da família. Então, aos dezessete anos, fora subitamente afastado da escola e integrado à oficina de seu pai como aprendiz.

Apesar deste ser o fim dos estudos formais de Engels, continuaria a usar seu tempo livre ao estudo da história, filosofia, literatura e linguística, assim como escrever poesia, que muito o atraía. No ano seguinte, em julho de 1838, Engels fora enviado a trabalhar como estagiário em uma grande fábrica de comércio na cidade portuária de Bremen. O ambiente de cidade grande trouxe a Engels o contato com a literatura estrangeira e a imprensa. Em suas horas de lazer, começara a ler ficção e política. Ele continuou a aprender novas línguas e além do alemão tinha conhecimento de latim, grego, italiano, espanhol, português, inglês, holandês, etc. Essa habilidade de aprender novas línguas acompanharia Engels ao longo de sua vida, chegando a aprender mais de vinte línguas, incluindo os idiomas persa e árabe. Em Bremen, Engels tornara-se um bom cavaleiro, nadador, espadachim e patinador.

Em seu tempo de escola, Engels tornara-se um aguerrido opositor contra a burocracia. Enquanto jovem crescido, atraía-se pelas ideias democratas radicais da revolução democrático-burguesa que agitava a Alemanha. O primeiro grupo na qual interessara-se fora o grupo literário *Juventude alemã*, devido a seus radicais posicionamentos políticos. Logo começara a escrever para seu jornal da cidade portuária de Hamburgo, não longe de Bremen. Ele escreveu dois artigos sobre a situação em seu distrito natal. Expôs as severas condições de exploração que sofriam os trabalhadores de Barmen e Elberfeld, as doenças que estes sofriam, e o fato de que metade das crianças da cidade foram privados da escola e obrigadas a trabalhar nas fábricas. Engels particularmente atacou a hipocrisia da religiosidade dos grandes proprietários exploradores [que incluía seu próprio pai].

Em meados do fim de 1839, começara seus estudos da filosofia de Hegel, na qual tentava relacionar a suas próprias crenças democráticas. Todavia, apenas veio a empreender mais progressos em seu estudo hegeliano após concluir seu estágio em Bremen no ano de 1841, e depois de alguns meses, mudou-se para Berlim para cumprir seu ano de serviços militares obrigatórios.

Enquanto prestava serviço militar, adentrara a Universidade de Berlim como estudante externo e fizera o curso de filosofia. Ele então conectara-se intimamente com os Jovens hegelianos, grupo na qual Marx fazia parte. Ele, como Marx, fora influenciado pelas visões materialistas do livro de Feuerbach, lançado no mesmo ano. Os escritos de Engels agora apresentavam alguns aspectos materialistas. O principal elemento que enfatizara era a ação política. Isso o fizera romper, em 1842, com seu antigo grupo *Juventude alemã*, na qual sentia-se restringido apenas a vazios debates literários. No entanto, continuaria intimamente ligado aos *Jovens hegelianos*, especialmente Bruno Bauer e seu irmão.

Fora a proximidade de Engels para com Bauer que possibilitaria sua amizade com Marx, ao encontrarem-se pela primeira vez em novembro de 1842. Engels havia concluído seus serviços militares e estava a caminho de casa para juntar-se novamente aos negócios de

seu pai, em Manchester, na Inglaterra. No caminho, visitara Marx em seu escritório do jornal em Cologne, na qual Marx era editor-chefe. Marx, então, começara a criticar os *Jovens hegelianos*, especialmente Bauers, por concentrarem em demasia sua propaganda nos ataques à religião em vez da política. Então, Marx e Engels, ao comporem diferentes agremiações políticas, não poderiam tornar-se mais próximos em seu primeiro encontro.

Foram as experiências de Engels na Grã-Bretanha que o fizeram um comunista. Ele desenvolveu uma grande proximidade com os trabalhadores de Manchester, assim como os líderes dos trabalhadores revolucionários do movimento cartista. Manchester era o maior centro mundial da moderna indústria têxtil e logo Engels empreendera um profundo estudo sobre as condições de vida e trabalho dos operários. Regularmente visitava as áreas das classes trabalhadoras a fim de ganhar experiência direta. Nesse processo, o amor nascera entre ele e Mary Burns, uma jovem trabalhadora irlandesa, que mais tarde tornar-se-ia sua companheira e esposa. À medida que coletava material para seu futuro livro sobre as condições da classe trabalhadora na Inglaterra, Engels começara a entender o potencial revolucionário do proletariado. Sua contínua participação no movimento convenceu-o de que as classes laboriosas não eram apenas uma classe sofrida e oprimida, mas também uma classe guerreira cujas ações revolucionárias construiriam o futuro.

Além do contato com as classes trabalhadoras, Engels estudara com afinco as várias teorias socialistas e comunistas e conhecera vários líderes e escritores franceses e alemães que elaboraram tais teorias. Apesar de não adotar nenhuma dessas teorias, empreendera uma análise de seus pontos positivos e negativos. Ao mesmo tempo, iniciara seus estudos em relação à economia política burguesa. Tal empreendimento fora em vista de auxílio na análise das relações econômicas da sociedade, ao começar a intuir que tratavam-se da base da transformação social. Os resultados iniciais de seus estudos foram formulados em seu artigo e publicados por Marx em seu jornal, em Paris. Como citado acima, tal evento acabara levando a correspondência de cartas entre Marx e Engels e a seu histórico encontro em 1844.

A esse ponto, Engels estava voltando de Manchester a sua cidade natal de Barmen, parando no caminho para encontrar Marx em Paris, onde residia então. Suas discussões ajudaram Marx a formular sua concepção materialista da história, na qual ambos começaram a tomar como verdade. Além disso, nessa reunião, começaram a trabalhar em seu primeiro livro conjunto, consistindo em um ataque à Bruno Bauer e ao grupo dos *Jovens hegelianos*, na qual os dois anteriormente faziam parte.

Engels passou os próximos oito meses fazendo intensa propaganda comunista e trabalhos organizativos na Alemanha. Durante esse período, esteve em constante atrito com seu pai que se opunha a suas atividades comunistas e tentara por fazê-lo trabalhar em sua fábrica. Depois de apenas duas semanas no escritório de seu pai, Engels rejeitara

tal ofício completamente e deixou Barmen para unir-se a Marx. Nesse tempo, Marx era novamente alvo das autoridades feudais. O rei prussiano pressionou o rei francês, que o expurgou de Paris. Marx fora forçado a mover-se para Bruxelas, na Bélgica, junto de sua esposa e filha de oito meses. Este fora o lugar onde Engels passaria a viver construir seu lar, ao lado de seu amigo Marx.

Marx, nesse meio tempo, havia elaborado um exaustivo trabalho no desenvolvimento das principais características dessa nova visão de mundo, na qual haviam discutido em seu encontro anterior. Em Bruxelas, Marx e Engels iniciaram um intenso trabalho conjunto. Isso fora, como dissera Engels, a fim de desenvolver essa nova perspectiva filosófica em todos os âmbitos possíveis. O resultado fora o histórico livro *A ideologia alemã*, que só veio a ser publicado quase cem anos depois. O principal objetivo desse livro à época fora elucidar e esclarecer os dois grandes pensadores acerca de seu velho entendimento e estabelecer os pilares dessa nova filosofia, que seria denominada posteriormente como marxismo. Marx e Engels haviam se tornado marxistas!

CAPÍTULO 5 - AS TRÊS FONTES DO MARXISMO

Desde a remota juventude de Marx e Engels, era notório que tratavam-se de dois homens extraordinários e brilhantes. Entretanto, faz-se claro também que o marxismo não fora uma invenção repentina que surgira de algumas mentes magníficas. As mudanças socioeconômicas daquela época possibilitaram a base para a emergência da verdadeira ideologia proletária. O conteúdo atual e a forma dessa ideologia, porém, foram produtos de batalhas travadas nos mais importantes campos do pensamento daquele tempo. Enquanto intelectuais, Marx e Engels tinham ampla e profunda compreensão dos avanços mais recentes do pensamento nos países mais desenvolvidos da época. Dessa forma, eles puderam apoiar-se nos grandes pensadores que os precederam, absorvendo o que havia de bom nestes e rejeitando o que de ruim continham. E fora assim que eles construíram a estrutura e o conteúdo do marxismo.

Vejamos quais foram os principais campos do pensar na qual basearam suas ideias. Assim poderemos compreender em que consistem as fontes elementares do marxismo.

1. A primeira fonte do pensamento marxista é a Filosofia Clássica Alemã. Toda ideologia tem de ter seu chão em alguma filosofia e, tanto Marx como Engels, como já vimos, tiveram sua formação na filosofia clássica alemã.

A filosofia germânica, durante o período de 1760 a 1830, viera a ser a escola mais influente quando falamos em filosofia europeia. Ela tem suas bases nas classes médias alemãs. Essa classe fora intelectualmente muito avançada, mas não desenvolvera a força política necessária para fazer a revolução, ou os recursos econômicos para a Revolução Industrial. Tais foram os fatores que provavelmente inclinaram-nas a elaborar sistemas de pensamento.

Porém, essa classe, constituída em grande parte por funcionários públicos, contava com inúmeros aspectos contraditórios. Por um lado, pendera à burguesia e ao proletariado industrial e por outro, às classes feudais. Isso refletira na filosofia germânica tanto aspectos progressistas quanto reacionários. Isso pode ser notado particularmente na filosofia de Hegel, na qual Marx e Engels basearam-se ampla e profundamente. Todavia, eles rejeitaram todos os elementos antiprogressistas que sustentavam a sociedade feudal existente e desenvolveram em contrapartida aspectos progressistas e revolucionários, edificando os fundamentos da filosofia marxista.

2. A Economia Política Inglesa – também chamada de Economia clássica – é a segunda importante fonte do marxismo. A Grã-Bretanha, sendo o centro da Revolução Industrial, naturalmente desenvolvera o estudo da economia e as leis econômicas que regiam o país. Fora um novo campo de estudo que basicamente começara com o crescimento do capitalismo. Teve sua base primária na moderna indústria burguesa e exercera seu papel na justificação e glorificação do capitalismo. Também oferecera os argumentos intelectuais para a crescente burguesia em sua luta contra as classes feudais.

Na Inglaterra, esse período começara com a publicação, em 1776, do livro mundialmente famoso *A riqueza das nações*, de Adam Smith. Ele argumentava que, dando-se ao capitalismo liberdade total para seu crescimento, levaria ao maior progresso já visto da humanidade. Ele também argumentara pela redução de qualquer tipo de controle das classes feudais às classes capitalistas. David Ricardo fora outro famoso economista clássico que desempenhara um papel fundamental nas batalhas da burguesia contra os senhores feudais. Fora ele que apontara que à medida que o capitalismo crescia a taxa de lucro dos capitalistas declinava. Sua significativa descoberta fora a teoria do valor-trabalho, que mostrara que todo valor econômico é criado pelo trabalho. Outros economistas analisaram as causas das crises econômicas sob o capitalismo.

A economia política inglesa servira aos interesses da burguesia industrial. Entretanto, provocara um papel revolucionário em detrimento das classes feudais. Não obstante, os economistas não avançaram suas análises nos pontos nas quais feriam os interesses de classe burgueses. Por exemplo, Ricardo, apesar de haver desenvolvido a teoria do valor-trabalho, não expôs a exploração do trabalho pela classe capitalista. Isto fora feito por Marx. Ele levou adiante o trabalho dos economistas ingleses além dos limites das classes capitalistas e tirou as conclusões revolucionárias necessárias a partir deles. Fora assim que Marx desenvolveu os princípios da economia política marxista.

3. A terceira fonte do marxismo foram as várias teorias socialistas, originadas principalmente na França. Essas teorias representavam as esperanças e

interesses da emergente classe operária. Elas eram tanto reflexões quanto protestos contra a exploração e opressão capitalista frente às classes trabalhadoras. Na época, a França era o maior polo de teorias e grupos revolucionários, inspirando toda Europa. Era natural que as primeiras teorias socialistas surgissem em solo francês.

Muitas dessas teorias tinham grandes defeitos à medida que não contavam com apropriadas análises científicas acerca da sociedade. Ainda assim, elas representaram um rompimento com o individualismo egoísta competitivo das teorias revolucionárias burguesas. Elas também apontaram o caminho a ser seguido para o proletariado imerso na sociedade capitalista. Assim sendo, Marx empenhara-se no estudo dessas teorias do socialismo e do comunismo antes de formular os princípios marxistas do socialismo científico. Enquanto esteve em Paris, passara um considerável tempo com os líderes e membros de numerosos grupos revolucionários e socialistas franceses. Marx pegara o que de melhor havia no socialismo e dera a este a base científica da doutrina da luta de classes. Assim, ele desenvolvera os princípios do socialismo científico marxista.

Essa é a história de como o marxismo emergira dessas três grandes fontes de ideias nos países mais avançados da Europa. As três fontes do marxismo – a Filosofia Clássica alemã, a Economia Política inglesa e as teorias do socialismo francês – correspondem aos três principais componentes dessa nova ideologia – a filosofia marxista do materialismo dialético, a economia política e a teoria do socialismo científico. Nas páginas a seguir, tentaremos entender a essência de cada uma dessas partes constitutivas.

CAPÍTULO 6 - OS FUNDAMENTOS BÁSICOS DA FILOSOFIA MARXISTA: O MATERIALISMO HISTÓRICO E DIALÉTICO

Como já vimos repetidamente, Marx e Engels insistiram que a filosofia deveria ser prática e relacionada ao mundo real. Isso é expresso da maneira mais clara por Marx em sua famosa sentença, “Os filósofos apenas interpretaram o mundo de várias maneiras; a questão, porém, é muda-lo.” Com isso, Marx quis dizer que não almejava tornar-se um filósofo convencional, como um sábio sentado em alguma montanha meditando sobre coisas sobrenaturais. Ele não via utilidade em refletir e contemplar senão ligado à realidade prática. Suas empreitadas foram em busca do entendimento de como ocorre a mudança no mundo e como participar desse processo pela prática real, levando essa transformação à sociedade vigente. Em outras palavras, estava interessado em uma filosofia que aplicasse-se à prática social.

Em face disso, Marx teve de aplicar uma divisão básica em todo campo filosófico – a divisão entre idealismo e materialismo. Essa divisão decorre envolta ao problema básico do vir a ser e sua anterioridade fundamental – i.e, espírito ou natureza. Aqueles que

defendem que o espírito é primeiro pertencem ao campo do idealismo; em contrapartida, aqueles que advogam que a natureza é anterior pertencem ao campo do materialismo. O idealismo está sempre vinculado, de uma maneira ou outra, à religião e à teologia. Sendo homens práticos, absolutamente opostos às crenças religiosas, é natural que Marx e Engels estabelecessem a filosofia marxista no campo do materialismo.

Ao fazerem isso, foram definitivamente auxiliados e influenciados pelos escritos de Feuerbach e demais filósofos materialistas da época. Todavia, esses filósofos eram materialistas mecanicistas que compreendiam a natureza e a sociedade como uma espécie de máquina a girar infinitamente, sem nenhum tipo de desenvolvimento ou mudança real. Marx rejeitara o materialismo mecanicista por não dar nenhuma explicação razoável acerca do desenvolvimento do processo histórico.

Devido a isso, Marx voltara-se à dialética, que é a ciência das leis gerais do movimento. A essência da dialética é que esta compreende os objetos em suas interconexões e contradições. Dessa maneira, a dialética era capaz de providenciar a ciência do desenvolvimento que Marx sabia ser necessária para a mudança do mundo.

À época, a filosofia de Hegel e suas leis da dialética [na qual Marx estudara ferrenhamente] eram as mais avançadas na Europa. Mas Hegel desenvolvera suas leis filosóficas em um método idealista, fazendo-as aplicáveis apenas no campo do pensamento. Ele pertencia ao idealismo e não reconhecia a natureza e o ser social material como primeiros e o espírito e as ideias enquanto posteriores. Não compreendera que as leis do pensamento eram elas mesmas reflexos das leis naturais e sociais. Assim sendo, como dissera Marx, a dialética de Hegel, sendo idealista, residia na mente – configurando um absurdo ilógico. Marx virara a dialética hegeliana de cabeça para baixo inserindo-a nas bases do materialismo. Marx tomara as leis dialéticas de Hegel e dera-as o acabamento da filosofia materialista. Ele também transformara as leis hegelianas do pensamento nas leis da natureza e da sociedade. Dessa forma, Marx elaborara o materialismo dialético, que é a essência da filosofia marxista.

Dando à dialética uma base materialista e racional, Marx transformara-a numa filosofia da revolução. Marx e Engels aplicaram o materialismo dialético ao estudo da sociedade e da história, formulando assim a concepção histórico-materialista. A concepção materialista da história fora uma nova e revolucionária maneira de compreender a sociedade e a mudança social. Ela explana a base das mudanças sociais e revoluções políticas não como invenções de algumas mentes brilhantes, mas antes, como um produto dos processos ocorridos no ventre da sociedade. Isso mostrara aos revolucionários que o caminho para a mudança social encontra-se na compreensão, e por conseguinte, na formulação das ideias corretas para trazer a mudança.

O ponto de partida da concepção materialista da história reside no grau das forças produtivas materiais, i.e, ferramentas, maquinaria, técnica, etc. etc. Marx diz que,

dependendo do estágio de desenvolvimento das forças produtivas, teremos definidas certas relações de produção, i.e, relações de posse e controle sobre os meios de produção. Dessa forma, p.e, as forças produtivas de antigamente como o arado de madeira, o moinho de vento, usinas operadas pela força manual e animal dá-nos as relações feudais; forças produtivas modernas como os tratores, colheitadeiras, etc., quando difundidas, dão luz às relações capitalistas de produção. Essas relações de produção constituem a estrutura econômica da sociedade, i.e, sua base econômica.

No topo da base econômica da sociedade surge a superestrutura política e a legalidade, com suas respectivas formas de consciência social. Além disso, Marx diz que é o modo de produção [consistindo nas forças produtivas e relações de produção] que condicionam a vida social, política e intelectual em geral. Assim, p.e, o modo de produção feudal dá à luz à severa opressão de mulheres e castas baixas, bem como um sistema político não democrático; o modo de produção capitalista, por outro lado, reduz a opressão social e traz consigo alguns direitos democrático-burgueses.

A um certo estágio do desenvolvimento das forças produtivas, estas acabam por entrar em conflito com as relações de produção existentes. Essas velhas relações de produção começam a frear o avanço das forças produtivas. A não ser que essas relações venham a ser mudadas, as forças produtivas não podem mais desenvolver-se. Esse período na qual as relações de produção começam a atuar como grilhões sobre o desenvolvimento das forças produtivas trata-se do prelúdio da revolução social. A revolução é necessária para a mudança das relações de produção, i.e, a relação entre as várias classes inseridas na sociedade. Uma vez que isso aconteça e as relações de produção ou propriedade são quebradas, i.e, a base econômica é mudada, então a mudança em toda a superestrutura segue-a rapidamente.

Essa concepção materialista da história fora a primeira grande descoberta de Marx, acabada em torno de 1844-45. Trata-se do fundamento na qual todos os demais pilares da teoria marxista foram construídos.

Nos anos a seguir, Marx e Engels, assim como os demais professores do proletariado, continuaram a desenvolver a filosofia marxista. Todavia, sua essência remanesce nos princípios básicos do materialismo histórico-dialético mencionados acima.

CAPÍTULO 7 - A LUTA CONTRA O SOCIALISMO UTÓPICO E O ESTABELECIMENTO DO SOCIALISMO CIENTÍFICO

O socialismo utópico é o termo designado às principais correntes do socialismo pré-marxista, que surgiram e espalharam-se na primeira metade do século XIX. O termo "utópico" [derivado da ideia de Utopia, que seria um estado de coisas onde tudo é perfeito] e "socialista" ficaram populares primeiramente em meados de 1830. Eram usados para descrever um grupo de pensadores que desenvolveram teorias de

transformação da sociedade em bases mais igualitárias almejando por remover o individualismo, o egoísmo e a competitividade da natureza humana. Muitos desses pensadores e seus seguidores tentaram implementar essas teorias construindo comunidades ideais onde todos os seus membros trabalhavam, viviam e compartilhavam os frutos do trabalho numa base cooperativa. Eles acreditavam que tais comunidades ideais providenciaram o exemplo que viria a ser seguido pelo resto da sociedade. Portanto, não baseavam-se no processo real da sociedade para esquematizar seu socialismo. Em vez disso, acreditavam que a racionalidade de seus planos e ideias seriam o suficiente para convencer as pessoas a mudar a sociedade.

O socialismo utópico fora, primeiro e principalmente, uma reação à opressão e exploração da classe trabalhadora sob o capitalismo. Os trabalhadores lutaram bravamente para superar o feudalismo. Entretanto, os lemas burgueses de liberdade, igualdade e fraternidade tinham significação de genuína liberdade e emancipação apenas para as classes capitalistas, que intensificaram a exploração dos trabalhadores. As várias doutrinas socialistas surgiram como resultado das emergentes contradições de classes entre os capitalistas e operários e também como um protesto contra a exploração. Seu objetivo era criar um sistema que fornecesse justiça aos trabalhadores.

A anarquia da produção capitalista fora outra causa para o surgimento das novas teorias socialistas. Os socialistas utópicos almejavam construir sistemas racionais que fornecessem todas as necessidades da humanidade de maneira ordenada e harmônica. Alguns deles até tentaram convencer os capitalistas e os oficiais do governo que seus sistemas socialistas eram muito mais racionais, planejados e desejados do que a vigente ordem capitalista. Assim, alguns até tentaram arrecadar fundos dos ricos para seus projetos.

O principal defeito das doutrinas socialistas pré-marxistas é que elas não tinham uma base real nas contradições e lutas de classe que desenrolam-se no seio da sociedade. Apesar de suas ideias elas mesmas serem produtos das contradições classistas da sociedade, os socialistas utópicos não perceberam o quão forçoso era empreender a luta de classes a fim de alcançar-se o socialismo. Mesmo suas ideias sendo de fato um reflexo das aspirações do proletariado em sua infância, os socialistas utópicos não reconheciam a importância vital do papel revolucionário do proletariado em levar a sociedade ao socialismo.

Quando Marx e Engels entraram em contato com os grupos socialistas e comunistas, eles começaram a convencer os seguidores das teorias socialistas utópicas dos equívocos de suas ideias. Participaram intensivamente de debates nos vários grupos revolucionários e das classes laboriosas onde essas teorias estavam em discussão. Seu principal objetivo era fornecer uma base científica à teoria socialista. Para isso, tiveram de expor os defeitos e incorreções dos primeiros socialistas e somar ao socialismo as bases sólidas da teoria marxista da luta de classes.

O próprio Marx colocara que a teoria das lutas de classe não fora algo de sua autoria. Em fato, os antigos escritores socialistas e até mesmo burgueses estavam cientes a respeito e escreveram sobre as classes e as lutas classistas. No entanto, a diferença essencial da teoria marxista da luta de classes repousa em sua exposição de que tais lutas levariam inevitavelmente ao socialismo e ao comunismo.

Primeiramente, Marx mostrara que as classes não são algo que sempre estiveram presentes nas sociedades humanas. Ele expôs que houve um longo período na história da humanidade onde absolutamente não existiam classes sociais [i.e durante o comunismo primitivo]. Também há de existir um período vindouro onde novamente não haverá mais classes. Em segundo lugar, Marx analisou minuciosamente as lutas de classes atuais entre a burguesia e proletariado e mostrara como tal processo iria levar de forma inevitável à revolução dos trabalhadores e estabelecer a ditadura do proletariado, i.e, o socialismo. Terceiramente, Marx apontara que essa ditadura do proletariado era ela mesma um período de transição para uma nova sociedade. O proletariado apenas poderá desenvolver-se destruindo a si mesmo enquanto classe, abolindo todas as classes existentes e estabelecendo uma sociedade sem classes, i.e, o comunismo.

É essa a teoria de luta de classes que Marx e Engels desenvolveram, propagaram e trouxeram à prática durante o curso de suas vidas. É essa a teoria marxista de lutas classistas que converteram o socialismo em uma ciência. Com ela, o socialismo não fora mais visto como um produto de algumas mentes brilhantes, mas como um resultado necessário da luta entre duas classes historicamente antagônicas – o proletariado e a burguesia. Devido ao socialismo científico, a tarefa dos socialistas não era mais uma empreitada em busca do mais perfeito, harmônico e racional sistema de sociedade, como os socialistas utópicos empenhavam-se em idealizar. Sob o socialismo científico, o fim era analisar a sociedade, analisar as bases históricas e econômicas das contradições de classes sociais e a partir disso encontrar a via para cessar com todos os conflitos classistas e trazer o socialismo e o comunismo.

A clareza científica da teoria marxista socialista fora tão grande que muitos dos elementos mais sinceros nas várias organizações socialistas e comunistas dos anos de 1840 rejeitaram as variações pré-marxistas e a-classistas do socialismo. Marx e Engels logo tornaram-se líderes ideológicos do movimento socialista. Quando uma nova organização internacional fora formada em 1847 unindo trabalhadores, intelectuais e grupos de revolucionários socialistas de vários países, eles viraram seus líderes. Sugeriram o nome para a nova organização, *A Liga Comunista*, e foram apontados para elaborar seu programa. Tal programa trata-se do histórico *Manifesto Comunista*.

O *Manifesto Comunista* não fora apenas o primeiro programa e linha geral do proletariado internacional. Ele também estabeleceu os componentes básicos do socialismo científico e expôs a abordagem de todos os outros tipos de socialismo. Com sua rápida tradução em vários idiomas, o Manifesto logo espalhara as ideias básicas do socialismo científico

marxista através da Europa e do mundo inteiro. Esses princípios básicos descritos no documento permanecem essencialmente atuais mesmo passados mais de cento e cinquenta anos.

CAPÍTULO 8 - A ECONOMIA POLÍTICA MARXISTA

Como já visto, Marx desenvolvera seus princípios de economia política em continuação e oposição à economia política burguesa dos economistas ingleses. Grande parte dos escritos econômicos de Marx de 1844 até 1859 tratam-se de críticas a tal economia política. Ele posicionara-se contra as alegações dos economistas políticos burgueses de que o capitalismo era um sistema permanente e universal. Por outro lado, provara que o capitalismo apenas poderia existir durante um limitado período e era destinado a ser superado e substituído por uma nova e superior ordem social. Em suas últimas análises econômicas, principalmente nos vários volumes de sua principal obra, *o Capital*, concentrara-se em descobrir e estudar as leis econômicas do capitalismo. As análises das relações de produção na sociedade capitalista em sua origem, desenvolvimento e declínio formam o carro-chefe da economia política de Marx.

Os economistas burgueses sempre mantiveram suas análises na forma de relação entre coisas, i.e, nas trocas de mercadorias por outras. Marx, porém, mostrara que a economia trata não de coisas, mas de relações entre pessoas e, em última instância, entre classes.

Uma vez que, sob o capitalismo, a produção de mercadorias impera, Marx começara sua análise a partir da mercadoria. Ele pontuara que a troca de mercadorias não era meramente uma troca de coisas, mas de fato, expressava a relação entre indivíduos produtores na sociedade que conectavam-se através do mercado. Apesar das trocas de mercadorias existirem desde tempos remotos, fora apenas com o desenvolvimento do dinheiro e o nascer do capitalismo que ela alcançara seu cimo ao interconectar a vida econômica de milhões de produtores individuais em toda a sociedade como um todo. O capitalismo converte até a força de trabalho em mercadoria, comprada e vendida livremente no mercado.

O trabalhador assalariado vende sua força de trabalho ao proprietário dos meios de produção, i.e, o capitalista. O operário então passa uma parte de seu dia de trabalho produzindo o equivalente a seu salário, i.e, produzindo o necessário para cobrir os custos de sua subsistência e de sua família. A outra parte de seu dia de trabalho é gasta produzindo a manutenção e o crescimento econômico do burguês. O operário não ganha absolutamente nenhum pagamento por essa produção, que vai integralmente para o grande capitalista. Esse valor excedente que todo trabalhador produz, que vai além do valor necessário para ganhar seu salário e conseguir manter-se, Marx dá o nome de mais-valia. Essa é a fonte de lucro e riqueza para as classes capitalistas.

A descoberta do conceito da mais-valia expôs a natureza da exploração sofrida pelas

classes trabalhadoras. Ela também trouxe à tona a origem do antagonismo entre proletariado e burguesia. Esse antagonismo de classe é a principal manifestação da contradição fundamental da sociedade capitalista: a contradição entre o caráter social da produção e o caráter privado da propriedade. Essa descoberta da mais-valia é referida por Engels como a segunda maior descoberta de Marx [juntamente com a descoberta da concepção materialista da história]. Lênin chamará a doutrina da mais-valia como a pedra angular da teoria econômica marxista.

Marx também analisara em detalhes as periódicas crises econômicas que repetidamente afetavam o capitalismo. Ele explanara tais crises capitalistas como outra manifestação das contradições fundamentais do capitalismo. Assim, expôs a falsidade dos economistas burgueses em propagar que o capitalismo não enfrentaria nenhuma crise uma vez que a autorregulação do mercado supostamente solucionaria todos os problemas. Eles tentaram argumentar que qualquer artigo produzido pelos capitalistas seria automaticamente vendido no mercado.

No entanto, Marx mostrara que a própria natureza do trabalho sob o capitalismo levaria inevitavelmente à crise. Ele mostrara como os capitalistas, em sua ambição desesperada em acumular mais e mais riquezas, passaram a aumentar insanamente a produção. Porém, ao mesmo tempo, todo capitalista tentara manter suas taxas de lucro o mais elevado possível, diminuindo os salários de seus funcionários e atirando-os à pobreza. As classes trabalhadoras compõem a maior fração da sociedade e sua pobreza significa automaticamente a redução de sua capacidade de adquirir os bens disponíveis no mercado. Assim, à medida que os capitalistas aumentavam a produção de bens fornecidos ao mercado, também reduziam a capacidade de compra de uma grande parcela de seus consumidores. Isso naturalmente levou a uma severa contradição entre a expansão da produção e a contração do mercado. O resultado fora a crise de superprodução, onde o mercado transborda em bens não vendidos. Numerosos burgueses vão à falência. Milhares de trabalhadores são removidos de seus empregos e forçados a padecer em fome enquanto as lojas estão cheias de bens que permanecem inutilizados devido às baixíssimas demandas.

Marx ainda concluía que a anarquia dessas crises do capitalismo poderia resolver-se apenas ao solucionar-se a contradição fundamental capitalista entre o cunho social da produção e o caráter privado da propriedade. Marx mostrara que a força social que traria a revolução fora criada pelo capitalismo ele mesmo: isto é, a classe operária. É o operariado apenas quem não tem interesse em continuar no atual sistema de exploração e propriedade privada. É apenas ele que tem interesse e capacidade de edificar o socialismo.

Marx analisara a maneira na qual toda crise intensifica as contradições do sistema capitalista. Ele descrevera o processo na qual cada crise de centralização de capital passava-o cada vez mais a um número menor de mãos capitalistas. Esse processo ocorre

juntamente com o crescimento da miséria e descontentamento das massas trabalhadoras. À medida que as contradições do capitalismo acentuam-se, os levantes revolucionários do proletariado crescem em força e intensidade, finalmente culminando na revolução, na expropriação do capital e na construção da sociedade socialista com um caráter de propriedade adequada aos traços sociais da produção.

Nesse sentido, Marx, partindo da unidade econômica mais básica – a mercadoria – revelara a natureza das leis econômicas regentes do capitalismo. Ele também expôs a base econômica científica para a revolução socialista e o caminho ao comunismo.

CAPÍTULO 9 - MARX UNE-SE À CLASSE TRABALHADORA

Como já vimos, Marx e Engels eram profundamente envolvidos com os grupos revolucionários comunistas da década de "40 do século XIX. Eles acabaram por liderar a *Liga Comunista*, uma organização internacional que unira revolucionários de vários países europeus. Eles também elaboraram seu programa – o *Manifesto Comunista* –, que adquirira significância histórica mundial. Não obstante, à época – em 1848 –, a influência do marxismo ainda viria a ter de alcançar as vastas massas trabalhadoras. As dimensões da *Liga Comunista* restringiam-se principalmente a trabalhadores e intelectuais exilados. Em fato, nesse período, o marxismo era apenas mais uma das correntes do socialismo.

A revolução de 1848, que levava insurreição ao longo do Velho Continente, fora o primeiro grande evento histórico cujo marxismo mostrara-se na prática. Marx e Engels residiam em Bruxelas quando ocorrera o estopim da revolução, na França. O governo belga, temendo a proliferação revolucionária, expulsara Marx de Bruxelas e forçara-o a mudar-se a Paris, aonde Engels logo viria juntar-se a seu amigo. No entanto, com a onda revolucionária alastrando a Alemanha, ambos decidiram mover-se de imediato para lá a fim de participar diretamente nos eventos revolucionários.

Lá, eles tentaram consolidar o trabalho da Liga Comunista e de associações dos trabalhadores. Eles criaram um periódico diário, o *Neue Rheinische Zeitung*, que servira como um órgão de propagação da linha revolucionária. O jornal tivera a linha de apoio à democracia burguesa radical como o consumo da revolução democrático-burguesa enquanto principal objetivo na Alemanha. Todavia, o periódico simultaneamente servira como organizador do emergente partido proletário revolucionário germânico. Marx e Engels tentaram até formar um partido massivo de trabalhadores, unindo as várias associações de operários das mais diversas províncias da Alemanha. O jornal durara um ano. Com o colapso da revolução na Alemanha e em outras partes da Europa, o periódico fora forçado a encerrar suas atividades e Marx fora expurgado pelo rei prussiano. Ele voltara a Paris, mas logo teve de sair de lá por causa da perseguição promovida pelas autoridades francesas. Engels permanecera na Alemanha, lutando como um soldado no exército revolucionário até o fim. Após a derrota militar, ele escapou, e em meados do fim

de 1849, juntara-se novamente a Marx, que residia em Londres. A Inglaterra continuaria a ser o centro de suas ações até o fim de suas vidas.

A derrota da revolução de 1848 levava a confusão e desordem aos revolucionários e ativistas proletários em meio a Europa. Muitas das anteriores correntes dominantes do socialismo não puderam oferecer nenhuma explicação satisfatória acerca das razões do curso dos eventos durante a revolução. Fora em tal atmosfera que Marx tomara para si a tarefa de explicar as forças sociais por trás da inicial vitória e posterior derrota da revolução. Uma vez que a França fora o centro e principal ponto de partida de ambos os ápices e declínios da revolução, Marx concentrou suas análises nos eventos franceses. Isso fora feito em seus brilhantes trabalhos, *As lutas de classes na França de 1848 a 1850* e *O 18 Brumário de Luís Bonaparte*. Essas foram as primeiras tentativas de Marx em explicar os correntes eventos históricos por meio da concepção materialista da história. Ele analisara com completa clareza as forças de classes por trás de cada grande reviravolta da revolução. Ele também oferecera as bases classistas para as táticas revolucionárias do proletariado. Ao expor o papel de várias classes nos mais variados estágios, ele mostrara quais eram os amigos e os inimigos da revolução e, dessa forma, a abordagem dos operários para cada um destes.

No período subsequente, Marx continuara seus escritos acerca dos maiores eventos políticos ao redor do planeta. Em todos esses escritos, ele apresentara uma clara perspectiva de um ponto de vista proletário. Isso o distinguira de todas as outras variáveis do socialismo, que provaram incapacidade em fornecer respostas reais à contínua mudança do mundo. Tal aspecto claramente estabelecera a superioridade do marxismo em face às outras tendências do socialismo, manifestando-se enquanto uma genuína ferramenta prática para a compreensão e mudança do globo.

Simultaneamente, Marx e Engels trabalharam energeticamente para unir a fracas e fragmentadas organizações da classe trabalhadora. A *Liga Comunista*, que tinha sua sede central na Alemanha, sofrera severa repressão da polícia prussiana. Muitos de seus membros na Alemanha foram parar atrás das grades e a organização em si fora finalmente dissolvida em novembro de 1852. Durante o longo período de reação após o fracasso da revolução de 1848, Marx e Engels continuaram tentando a reorganizar e reviver o movimento da classe trabalhadora. Além de escrever e publicar suas obras extensivamente, eles mantiveram constante contato com as organizações das classes trabalhadoras em várias nações, particularmente na Inglaterra, França e Alemanha. Suas metas eram formar uma organização internacional de trabalhadores e fundar partidos do proletariado nos países industrialmente desenvolvidos.

Os principais trabalhos sobre esse ponto foram feitos por Marx. Ele trabalhara nesse período em condições adversas. Após ser expurgado pelos governos de vários países, mesmo após mover-se a Londres, estava sob constante vigilância da polícia secreta, especialmente a prussiana. Além da repressão política, a situação econômica de Marx

sempre fora muito precária. Graças à pobre e desorganizada situação do movimento revolucionário das classes trabalhadoras, à época era inviável suportá-lo durante um período integral. Assim, sua única fonte de subsídio eram os pagamentos por artigos que escrevera para um grande jornal, o *The New York Tribune*. Evidentemente, tal fonte era completamente insuficiente para sustentar a larga família de Marx. Eles passavam constantemente por pobreza, dívidas e até fome. Muitas vezes, tiveram de vender utensílios de sua casa para poder adquirir comida. Marx tinha seis crianças, mas apenas três conseguiram sobreviver além da infância. Quando sua filha recém-nascida faleceu, o funeral teve de ser adiado por dias até o dinheiro necessário ser adquirido. O próprio Marx constantemente contraía sérias doenças, na qual teve de lutar para conseguir completar seu trabalho.

Para tais dificuldades econômicas, o principal suporte para a família de Marx fora seu amigo Engels. Após o fracasso da revolução de 1848, Engels fora obrigado a trabalhar na firma de seu pai, em Manchester. Trabalhara nela durante vinte anos, primeiramente como funcionário e depois, durante os últimos cinco anos, como um sócio da empresa até 1869. Durante esse período, teve uma renda substancial, na qual ajudaria regularmente a Marx.

A ajuda de Engels, porém, não era meramente econômica. Embora não gozasse em abundância de tempo livre devido a seu trabalho, dedicara todos os seus esforços para continuar seus estudos e ajudar Marx. Eles correspondiam-se regularmente e constantemente compartilhavam suas ideias. Marx sempre consultou Engels nas principais questões, particularmente as decisões concernentes ao movimento internacional da classe operária.

Esses esforços finalmente tiveram seus frutos em 1864, com a fundação da *Associação Internacional dos Trabalhadores – a Primeira Internacional*. Marx logo se tornara seu líder e fora responsável por elaborar seu primeiro programa e estatuto. O programa da Internacional, porém, não continha as fortes palavras do *Manifesto Comunista*. A *Primeira Internacional*, diferente da *Liga Comunista*, não era uma organização limitada a pequenos grupos de revolucionários. De fato, muitas das seções da Internacional, especialmente aquelas da Inglaterra e França, representavam organizações com vastas massas de trabalhadores. Entretanto, muitas dessas organizações não detinham um claro e correto entendimento. Apesar de estas serem compostas predominantemente por trabalhadores, o nível de consciência era normalmente menor do que aqueles revolucionários seletos da *Liga Comunista*. O programa e estatuto, assim, deveriam ser formulados tendo isto em mente. A linha correta deveria ser apresentada de uma maneira aceitável às organizações membras da Internacional. Marx, com sua grande profundidade ideológica e experiência prática organizativa, era à época o único indivíduo capaz de elaborar tais documentos e fora apontado para a tarefa. Nos anos subsequentes fora ele, também, quem produzira os mais importantes documentos da

Primeira Internacional.

Fora assim que o marxismo apenas pode fornecer a perspectiva ideológica, política e organizativa para a *Primeira Internacional*. A implantação desta perspectiva significou constante luta contra as várias correntes anarquistas e oportunistas que surgiram no seio do movimento. Além de outras coisas, os anarquistas opuseram-se a uma forte organização centralista enquanto os oportunistas opuseram-se à luta política convicta. Combatendo ambos os desvios, Marx e Engels trabalharam para construir a Internacional enquanto uma organização de massas de luta, unindo os trabalhadores da Europa e da América. Tal tarefa fora amplamente bem sucedida, levando ao mesmo tempo à fundação de inúmeros partidos proletários independentes nos vários países industrializados ao redor do mundo.

À época da histórica Comuna de Paris de 1871, o marxismo avançara muito em sua posição em detrimento do período respectivo à revolução de 1848. O marxismo não permanecera apenas como mais uma mera corrente do socialismo. As antigas tendências do Socialismo Utópico foram ultrapassadas pela história e fora o marxismo apenas que detinha real significância prática. O marxismo também já não era mais restrito a pequenos grupos – tornava-se um fenômeno de massas. Sua influência estendera-se aos movimentos operários em várias nações industrializadas. Ele fornecera a liderança ideológica para a independência dos partidos proletários. Ele encabeçara um massivo movimento do proletariado, que começava a desafiar a burguesia. O marxismo havia se unido às vastas massas da classe trabalhadora.

CAPÍTULO 10 - AS LIÇÕES DA COMUNA DE PARIS

A *Comuna de Paris* fora a primeira vez na história cujo proletariado alcançara o poder e esteve apto a estabelecer o seu domínio. A Comuna não pôde consolidar seu poder e fora esmagada após um período de setenta e dois dias. Não obstante, tal experiência fora de histórica importância mundial. Durante sua pequena existência, ela trouxe consigo um vislumbre da nova sociedade. Por meio de ambos os seus exemplos, positivos e negativos, fornecera imensuráveis e valiosas lições para as classes trabalhadoras de todo o mundo. Marx, em seu papel de líder da Primeira Internacional, sintetizara as lições dessa grande experiência para o proletariado internacional.

As condições para o surgimento da Comuna de Paris foram construídas pela guerra franco-prussiana de 1870-71. Esta teve seu início em julho de 1870, com a ordem do reacionário imperador francês Napoleão III em efetivar um ataque à Prússia [que ao unir-se a outras províncias menores, tornou-se a Alemanha em janeiro de 1871], devido a seu equivocado pensamento de que os prussianos estavam em uma posição inferior. Seus exércitos foram rapidamente derrotados e o próprio Napoleão III rendera-se, sendo tomado como prisioneiro pelos prussianos em setembro de 1870. Sua rendição fora

seguida do estabelecimento de uma República encabeçada por um político chamado Thiers. Thiers, em março de 1871, assinara um tratado de paz com os germânicos. Paris, entretanto, que havia sido cercada pelos exércitos prussianos desde setembro de 1870, não reconhecera a Thiers como seu governante. Estava sob o controle da Guarda Nacional de Paris, que era composta majoritariamente por operários. Em dezoito de março de 1871, Thiers enviou suas forças armadas para desarmar a Guarda Nacional. Houve então uma revolta na qual dois dos generais franceses foram mortos e o exército fora obrigado a retirar-se. O poder fora passado para as mãos da Guarda Nacional, que, em uma semana, convocara eleições e estabelecera um conselho constituído por noventa e dois delegados. O conselho, que detinha um grande número de trabalhadores, tornou-se o órgão de governo popular. Ele promovera numerosas medidas progressistas para a reorganização da vida social e administração da cidade, tendo total apoio do povo trabalhador. Entretanto, a Comuna de Paris fora um governo sob o constante ataque. Temendo a força das classes trabalhadoras, os opressores franceses e alemães imediatamente uniram-se a fim de destruir a Comuna. A Alemanha ajudara diretamente o governo provisório de Thiers libertando uma numerosa secção do exército francês que havia se rendido e levado como prisioneiro em 1870. Fortalecido pelos reforços, o governo de Thiers lançara uma campanha em larga escala para conquistar Paris. Os trabalhadores lutaram bravamente, mas não eram páreos para um exército profissional e bem equipado. Após vários dias de batalha heroica, resultando em milhares de mártires, a Comuna fora esmagada em vinte e oito de maio de 1871. Mesmo após a reconquista da cidade, cerca de trinta mil *communards* foram massacrados a sangue frio. Mais de quarenta e cinco mil foram sentenciados a corte-marcial, das quais muitos foram executados e outros enviados à prisão ou exílio. Era como se a burguesia estivesse determinada a ensinar uma inesquecível lição para os trabalhadores, para que jamais sonhassem novamente em conquistar o poder.

A *Primeira Internacional* teve seu pico de apoio popular à época da guerra francoprussiana e da Comuna de Paris. Ela detinha uma ampla base de luta entre os trabalhadores e regularmente fornecera direção em questões políticas. Quando eclodira a guerra franco-prussiana Marx imediatamente formulara um documento em nome do Comitê Central da Primeira Internacional. Esse documento é uma das primeiras aplicações dos princípios táticos marxistas acerca da guerra. Ele clamara por solidariedade internacional dos trabalhadores ao culpar os gerentes da França e Alemanha pela guerra. Graças à propaganda da Internacional, um forte espírito internacionalista tomou conta de ambos os operários alemães e franceses. Em fato, Bebel e Wilhelm Liebknecht, dois membros do parlamento e líderes do partido proletário alemão, integrantes marxistas da Internacional, foram presos pelo governo prussiano por votarem contra os créditos de guerra no parlamento.

No período inicial da guerra, Marx caracterizara-a como defensiva por parte da Alemanha

por causa da natureza reacionário da agressão do regime de Napoleão III. Ele, no entanto, previra a queda de seu governante. Quando isso se tornou realidade, Marx imediatamente elaborara um documento chamando os operários germânicos a oporem-se ao que havia se transformado numa guerra alemã de conquista. Ele advogara pela paz com a França e reconhecimento na nova República. Ele entendera que a República era comandada pela aristocracia financeira e pela grande burguesia. Entretanto, sentira que seria prematura a tentativa de derrubar a república e formar um governo de trabalhadores. De fato, Marx opusera-se a qualquer empreitada insurrecional em Paris. Isso se devia à inimiga Alemanha já ter cercado a cidade, havendo-se poucas chances de qualquer insurreição sobreviver devido a tais circunstâncias.

Apesar dos avisos de Marx, os ativistas de várias correntes anarquistas e conspiracionistas que detinham certos seguidores em Paris tentaram organizar várias tentativas de levantes. Quando a insurreição realmente veio à tona, Marx, apesar de sua inicial oposição, declarou total apoio e dedicou sua militância à Comuna. Ele imediatamente reconheceu seu valor histórico e enviou milhares de cartas pelo mundo tentando construir apoio internacional. Por meio de mensageiros, manteve contato com os *communards*, enviando conselhos aos Internacionalistas membros da Comuna. Consultando Engels, que era um especialista nos assuntos militares, enviara também seus pareceres acerca da defesa militar da Comuna. Embora a liderança da Comuna estivesse nas mãos de membros de outros grupos e correntes, os marxistas integrantes da Comuna fizeram de tudo para fortalecer sua atividade e defesa. Após a derrota da Comuna, a Internacional era a principal organização que arranjava abrigo e ajuda na busca por empregos para os *communards* que tiveram de fugir da brutal repressão da burguesia francesa.

Marx, que qualificara a Comuna como um evento de magnitude histórica colossal, realizara uma análise profunda na empreitada em apreender as valiosas lições de sua experiência. Essa obra, *A guerra civil na França*, fora escrito durante a Comuna, mas pôde apenas ser publicada dois dias após sua queda. Esse trabalho serviu para propagar os feitos e construir a abordagem correta para a Comuna entre os revolucionários e trabalhadores de todo o planeta.

Marx, primeiramente, destacou as principais medidas positivas e revolucionárias tomadas pela Comuna, que qualificara como a incubação da nova sociedade. Ele pôs em evidência as decisões políticas centrais, como a separação entre Igreja e Estado, abolição de subsídios à igreja, substituição do exército permanente por uma milícia popular, eleição e controle de todos os juízes e magistrados, limite salarial para todos os oficiais governamentais e tornando-os estritamente responsáveis diante de seu eleitorado, etc. As principais medidas socioeconômicas foram a educação geral e gratuita, abolição do trabalho noturno nas padarias, cancelamento de multas de empregadores em oficinas, fechamento de casas de penhores, expropriação de oficinas fechadas em detrimento de

um controle executado pelas cooperativas operárias, assistência aos desempregados, casas racionadas e assistência aos devedores. Todas essas medidas citadas acima mostrara que, não havendo uma direção clara para a Comuna, todas as decisões tinham uma clara orientação atuante do proletariado. Apesar de constantemente confrontados pela questão concernente a sua sobrevivência, a Comuna, por meio de suas ações, fornecera os primeiros vislumbres de que tipo de sociedade seria trazida com a vindoura revolução proletária. Ela trouxera a pioneira experiência dos proletários exercendo o poder de Estado – o que Marx e Engels referiam-se como a primeira ditadura do proletariado.

A Comuna, em suas deficiências, fornecera também as mais valiosas lições para as futuras lutas do operariado. Isso fora apontado por Marx. A fraqueza da Comuna deveuse à lacuna de uma liderança clara e centralizada de um único partido proletário. A partir disso Marx concluía que para o sucesso da revolução, seria inteiramente necessário haver a liderança de um forte, coeso e disciplinado partido operário. O outro ponto, na qual Marx frisara repetidamente, era a necessidade de esmagar por concreto a antiga maquinaria estatal. A fim de construir-se um novo Estado operário, não é possível contar com a predecessora máquina estatal burguesa e seus velhos funcionários, que eram totalmente impelidos a preservar a velha ordem social. Em fato, no objetivo de construir o Estado dos trabalhadores, forçoso é, primeiramente, destruir o antigo aparato estatal e livrar-se de todos os funcionários de alto escalão associados a este.

No período de reação e repressão subsequente ao advento da Comuna, houve considerável desordem entre as forças revolucionárias em como assimilar as experiências e esboçar as conclusões corretas. Os anarquistas, que participaram em grande quantidade na Comuna, estavam particularmente perdidos. A análise de Marx oferecera uma posição lúcida, esclarecendo todos os tipos de confusão. Marx ajudara também a propagar o correto entendimento no que tange à Comuna ao redor do mundo. Após a Comuna, a burguesia retratara Marx como o real líder da Comuna, e fora inclusive entrevistado pelas imprensas mundiais. Por meio dessas entrevistas, ele estava apto a apresentar as posições corretas para vários países. O marxismo, novamente, estava fornecendo as respostas corretas.

CAPÍTULO 11 - PROLIFERAÇÃO DO MARXISMO E ASCENSÃO DO OPORTUNISMO

O período seguinte à Comuna de Paris fora marcado por uma violenta ofensiva reacionária da burguesia contra o movimento da classe trabalhadora. Tal fenômeno teve impacto na *Primeira Internacional*. A secção francesa sofrera as piores investidas, com a maioria de seus membros tornando-se refugiados em outros países, havendo também severas batalhas de facções entre eles. De modo similar, o movimento operário germânico sofrera um descenso devido à prisão de seus principais líderes marxistas,

Bebel e Liebknecht, que se opuseram à guerra e a anexação de territórios franceses. Isso quer dizer que duas das mais importantes secções da Internacional foram duramente atingidas. Simultaneamente, houvera uma cisão na secção bretã, com alguns líderes deixando a Internacional em oposição aos posicionamentos militantes de Marx em seu apoio à Comuna. Isso, somado às manipulações políticas desempenhadas por parte dos anarquistas, enfraquecera a Internacional. Marx e Engels decidiram transferir o quartel general da Internacional de Londres para Nova Iorque. Essa decisão fora tomada no congresso de 1872. A enfraquecida Internacional, no entanto, não conseguira reviver-se e fora finalmente dissolvida em 1876.

A dissolução da Primeira Internacional, porém, não impedira o avanço do marxismo e a criação de novos partidos do proletariado. O período subsequente à Comuna de Paris contara com um intervalo pacífico de quase trinta e cinco anos, sem nenhuma guerra significativa entre as grandes potências capitalistas em solo europeu. Durante esse tempo, o movimento operário expandira-se rapidamente na maioria dos países industrializados. Partidos socialistas, que tinham basicamente uma composição proletária, construíram largas e elaboradas estruturas. Sob sua liderança, cresceram os sindicatos, os periódicos diários, as cooperativas de trabalhadores, etc. Trabalhando constantemente na legalidade, eles participaram com certo sucesso nos parlamentos burgueses. Foram vários desses partidos que se uniram para fundar a Segunda Internacional, em 1889. A fundação da Segunda Internacional dera um novo ânimo e encorajamento para o crescimento de novos partidos socialistas proletários em vários cantos do mundo.

Até o fim de suas vidas, Marx e Engels continuariam a desempenhar o papel de líderes ideológicos e organizadores práticos desse crescente movimento da classe trabalhadora. Eles constantemente somavam ao emergente movimento avanços teóricos a fim de fortalecer suas bases. Marx concentrou-se no estudo da economia política e em tópicos mais profundos do estudo do capitalismo. O primeiro volume de *O capital* fora lançado em 1867. Após isso, Marx continuou a lutar contra suas severas enfermidades no objetivo de completar os volumes restantes de sua obra. Não obstante, elas continuariam inacabadas devido a sua morte em quatorze de março de 1883. Engels, no entanto, completara a tarefa monumental de coletar as notas e fragmentos de Marx, editando-os e por fim publicando o segundo e o terceiro volumes de *O capital*. Em fato, Engels realizara substanciais contribuições teóricas após dedicar-se a tal ofício em tempo integral, a partir de 1869. Juntamente a Marx, assim como individualmente, ele deu à luz inúmeras obras de filosofia, teoria socialista, evolução, origem de instituições políticas e sociais, etc. etc. Após a morte de Marx, desempenhou o papel central na condução e construção do movimento operário em diversos países. Por meio de correspondências regulares, desempenhou a função de uma espécie de central que, de certa maneira, inexistia durante esse período. Tais atividades foram desempenhadas até a data de sua morte, em

cinco de agosto de 1895.

Grande parte dos trabalhos de Marx e Engels fora destinada à luta ideológica contra as correntes do oportunismo, que começaram a ganhar força com o crescimento do movimento. Entre essas tendências, uma importante fora o lassaleísmo, que emergira durante a Primeira Internacional, mas continuaria suas atividades anos depois. Seu idealizador, Ferdinand Lassalle, fora o fundador do primeiro partido socialista da classe trabalhadora, fundado em 1863 na Alemanha. Os principais aspectos oportunistas do lassaleísmo eram o desencorajamento de trabalhadores em lutar por melhores salários e fazer apelos ao Estado para ajuda governamental a fim de criação de cooperativas de trabalhadores, na qual Lassalle via como a principal forma de reformar a sociedade, trazendo o socialismo de maneira gradual. No objetivo de combater o mau entendimento a respeito das lutas por salários mais elevados, Marx escreveu sua obra denominada "*Salário, preço e lucro*", apresentando-a no Conselho Geral da *Primeira Internacional* em 1865. A luta contra o lassaleísmo, no entanto, continuara em 1875, quando Marx escrevera a *Crítica ao programa de Gotha*. O programa de Gotha fora o programa formulado à época da unificação dos partidos proletários marxista e lassaleísta da Alemanha em um único partido. Naquele tempo, os marxistas estavam tão interessados na unidade que acabaram por firmar vários compromissos com as políticas oportunistas do lassaleísmo. Marx, em sua obra, criticou os pontos que advogavam por políticas oportunistas. Todavia, a *Crítica* fora entregue apenas a um punhado dos principais membros marxistas do partido alemão. Em 1891, porém, quando um novo programa estava sendo redigido, Engels insistira na publicação da *Crítica*, apesar da oposição de algumas lideranças do partido. Dessa vez, os aspectos lassalleístas não apareceram no novo programa.

Outras correntes oportunistas que vieram a aparecer eram, similarmente, fortemente combatidas por Marx e Engels enquanto estes estavam vivos. Após a morte de Engels, no entanto, um dos maiores ataques ao marxismo surgiu-se no ventre do movimento operário ele mesmo. Uma vez que a oposição direta ao marxismo seria muito difícil, esse ataque veio de forma furtiva e camuflada, numa tentativa de "revisar" o marxismo. Essa tendência que veio a ser chamada de revisionismo fora iniciada primeiramente por Bernstein, um dos líderes do partido germânico e também da Segunda Internacional. Ele apresentou suas perspectivas em 1898-99 juntamente com o partido alemão. Bernstein defendera que, por causa das mudanças nas condições materiais, era necessário mudar todos os fundamentos básicos formulados por Marx. Ele propôs que não era necessário que houvesse uma revolução violenta para trazer o socialismo e que as reformas das instituições capitalistas iriam trazê-lo gradualmente. Como o oportunismo estava crescendo no seio do movimento das classes trabalhadoras, o revisionismo de Bernstein logo encontrou apoiadores em diversos países. Ao mesmo tempo, vários revolucionários autênticos uniram-se na defesa e apoio ao genuíno marxismo. O debate

fora retomado no congresso da Segunda Internacional, realizado em 1904. O congresso condenara o revisionismo por vinte e cinco votos a cinco, contando com doze abstenções. Houve também outra resolução, que não condenou tão firmemente o revisionismo e não fora aprovada devido a um empate de vinte e um votos a ambos os posicionamentos. Assim, nas duas resoluções, houve uma grande secção que apoiou ou optou por não opor-se ao revisionismo. Apesar de o congresso haver finalmente condenado o revisionismo, ficou claro, em 1904, que o oportunismo e o revisionismo haviam construído uma base sólida e substancial nos mais elevados níveis do movimento internacional da classe trabalhadora. A oposição ao oportunismo em diversos países, entretanto, também era muito forte. Um centro de oposição particularmente forte fora a Rússia, onde os bolcheviques, sob a liderança de Lênin, já haviam travado inúmeras batalhas contras as variáveis russas do oportunismo.

CAPÍTULO 12 - O MARXISMO NA RÚSSIA : A JUVENTUDE DE LENIN

A Rússia foi um dos países onde o Marxismo e a literatura Marxista se espalharam mais cedo. Vale lembrar que a primeira tradução do trabalho principal de Marx, “O Capital” (“Das Kapital”), foi para a língua Russa. A edição russa de 1871 (cinco anos após do lançamento da edição original alemã) foi um sucesso imediato, gerando boas vendas e inúmeras análises positivas em periódicos prestigiosos. Seu impacto foi tão grande que, em 1873-74, frases do “Capital” já apareciam em materiais de propaganda de movimentos estudantis radicais em grandes cidades russas. A tradução para o russo de outros trabalhos Marxistas também foi adotada rapidamente por revolucionários russos atraídos pelo Marxismo.

Uma destas revolucionárias foi Vera Zasulich, uma mulher conhecida por sua tentativa de assassinato contra o governador de São Petersburgo. Ela começou a se corresponder com Marx em 1881, e após a morte deste manteve seu contato com Engels. Em 1883 ela se juntou à primeira organização russa Marxista – o *Grupo Emancipação do Trabalho*, liderado por George Plekhanov. Plekhanov participou do 1º Congresso da *Segunda Internacional* em 1889, após o qual encontrou Engels pela primeira vez. Depois deste encontro, Plekhanov continuou mantendo contato e recebendo conselhos de Engels.

Plekhanov teve um papel central na consolidação do Marxismo na Rússia. Ele traduziu e popularizou muitos trabalhos de Marx e Engels. Enquanto combatia as visões anarquistas e socialistas-camponesas dos Narodniks, ele também fez grandes contribuições teóricas para o Marxismo. Naquela época, a Rússia estava sob o regime tirânico do Czar, contra o qual muitos revolucionários independentes e organizados já conduziam atividades. Entretanto, muitas dessas organizações tendiam para o anarquismo e o terrorismo. Plekhanov e o *Grupo Emancipação do Trabalho* foram cruciais na conversão de amplos setores destes grupos para o Marxismo. No entanto, Lenin, que mais tarde se tornaria parceiro desse grupo, viria a ser figura mais destacada e a que impulsionou o Marxismo e

o movimento proletário como um todo.

Lenin era o nome partidário de Vladimir Ilyich Ulyanov, nascido em 22 de abril de 1870 na cidade de Simbirsk, capital da província de mesmo nome. Simbirsk era situada às margens do Rio Volga, o maior rio da Rússia. Mesmo sendo uma capital da província, a comunicação com o mundo externo era difícil. Não havia estrada de ferro e o principal meio de transporte eram os barcos a vapor que vinham e voltavam no rio Volga. Durante o inverno até mesmo esse movimento cessava, pois o rio se encontrava congelado e as longas viagens acabavam sendo feitas a cavalo.

O pai de Lenin era um homem de boa educação que havia ascendido do campesinato ao magistério através de muito trabalho duro. Ele foi professor, inspetor de escolas, até finalmente se tornar diretor das escolas primárias da província de Simbirsk. Também foi concedido a ele o título nobre de *Conselheiro Civil* em 1874. Veio a falecer em 1886. A mãe de Lenin era filha de um médico rural, e, mesmo não tendo frequentado a escola, foi educada em casa além de ser fluente em diversas línguas estrangeiras, as quais ensinou aos seus filhos. Ela faleceu em 1916. O casal teve oito filhos, dois dos quais morreram na infância e um terceiro na adolescência. Lênin foi o quarto filho. Todos os seus irmãos e irmãs cresceram para se tornarem revolucionários.

Lenin foi o mais influenciado pelo seu irmão mais velho, Alexander. Alexander era um estudante brilhante e medalhista de ouro da Universidade de São Petesburgo (cidade capital do Império Russo). Ele era membro dos círculos secretos de estudo da juventude revolucionária de São Petersburgo e conduzia propaganda política em meio aos trabalhadores. Ideologicamente, ele se situava entre os Narodniks e o Marxismo. Alexander foi preso em 1887 juntamente com sua irmã mais velha, Anna, além de outros camaradas, devido a uma tentativa de assassinato contra o Czar. Anna foi liberada posteriormente e banida de São Petersburgo. Alexander, por ser líder do grupo, foi condenado ao enforcamento no dia 8 de março de 1887, juntamente com quatro de seus camaradas. Com apenas 17 anos de idade, Lenin jurou vingar o martírio de seu irmão.

Lenin foi um estudante modelo desde sua juventude, e possuía um método sistemático de estudo. Diferentemente dos outros estudantes, ele nunca produzia seus trabalhos na última hora. Ao invés disso, ele preparava um rascunho inicial e prosseguia fazendo anotações, adições e alterações constantemente antes de consolidar uma versão final. Lenin possuía um alto nível de concentração e não conversava com ninguém que o interrompesse enquanto estudava. Ele era um grande admirador de seu irmão e quando jovem tentava imitar tudo o que Alexander fazia. Um mês depois de seu irmão ser enforcado, apesar de severa tensão e luto, Lenin teve que encarar seus exames finais da escola. Nos quais viria a conquistar a medalha de ouro de melhor estudante.

Apesar da medalha, Lenin não conseguiu ingressar nas universidades de São Petersburgo e de Moscou devido a seu parentesco com o conhecido revolucionário.

Conseguiu apenas ser admitido na pequena Universidade de Kazan. No entanto, em menos de três meses foi expulso da cidade de Kazan por participar de um protesto contrário a novos regulamentos que limitavam a autonomia das universidades e a liberdade dos estudantes. O policial que escoltou Lenin até os limites da cidade tentou convencê-lo de que ele se encontrava frente a um muro intransponível, um caminho sem volta. Lenin respondeu que este muro estava em decomposição e viria a cair com um único golpe. No ano seguinte, 1888, Lenin voltou a ser aceito na cidade, mas não foi readmitido na universidade. Foi então que se juntou aos círculos secretos de estudo do Marxismo.

Neste período, e posteriormente quando sua família se mudou para a província de Samara, Lenin passou uma boa parte do seu tempo lendo e estudando. Além de ler as obras dos revolucionários russos, Lenin, aos dezoito anos, começou a ler muitos trabalhos de Marx e Plekhanov. Em pouco tempo passou a difundir seu conhecimento do Marxismo. Primeiramente para Anna, sua irmã mais velha, e posteriormente em pequenos grupos de estudos que organizava com amigos. Lenin também tomou os hábitos da natação, esqui, alpinismo e caça.

Ao mesmo tempo, sua mãe vinha fazendo tentativas de readmiti-lo na universidade. Apesar de seus esforços, ele foi recusado novamente em Kazan. Também lhe negaram um passaporte estrangeiro para que ele pudesse estudar no exterior. Depois de muitas aplicações, Lenin foi finalmente aceito como estudante externo de Direito na Universidade de São Petersburgo, em 1890. A condição de estudante externo permitia a ele fazer provas, mas não a assistir aulas. Lenin estava determinado a terminar o curso ao mesmo tempo que seus colegas da Kazan, então ele passou a estudar sozinho vorazmente. Dentro de um ano ele terminou seu curso, que normalmente seria feito em quatro anos. Nas provas finais de 1891 recebeu as maiores notas do curso, rendendo-lhe um diploma de primeira classe. Em janeiro de 1892 ele foi aceito como advogado e começou a exercer a profissão na Corte Regional de Samara.

Lenin, no entanto, estava pouco interessado na prática do Direito. Ele havia acumulado contatos Marxistas enquanto realizava suas provas em São Petersburgo, e dessa forma adquiriu uma boa quantidade de literatura Marxista. Em Samara, Lenin passou boa parte de seu tempo dando aulas em círculos ilegais de estudo. Ele também fundou o primeiro círculo de estudos marxistas em Samara. A província era considerada a central dos Narodniks, então Lenin concentrou suas energias na luta contra a ideologia Narodnik daquela época, que já havia se transformado em liberalismo. Ao mesmo tempo, ele nutria grande respeito pelos heróicos revolucionários Narodnik dos anos 1870, muitos dos quais ainda moravam em Samara após se aposentarem da política. Deles, Lenin estava sempre disposto a aprender sobre trabalho revolucionário, suas técnicas secretas e também sobre o comportamento dos revolucionários em interrogatórios e julgamentos. Foi em Samara que ele produziu seus primeiros escritos, que circularam nas rodas de estudo.

Além de traduzir o Manifesto Comunista para o russo. As atividades e influência de Lenin começaram a se espalhar além de Samara para as outras províncias da região do Volga.

Depois de desenvolver opiniões sólidas, Lenin queria agora aumentar o alcance de seu trabalho revolucionário. Com isso em mente, ele se mudou para São Petersburgo em Agosto de 1893, cidade que se tornara um grande centro industrial com enorme quantidade de proletários. Como disfarce, ele conseguiu um emprego de advogado assistente de um defensor público. Ele fazia pouco trabalho legal e se concentrava em atividades revolucionárias. Lenin rapidamente se tornou a figura que trouxe vida nova às numerosas rodas de estudo de São Petersburgo, influenciando também Moscou. Além de dar aulas para os círculos, ele também estava sempre interessado em aprender cada detalhe da vida dos trabalhadores. Nos círculos, ele convenceu uma grande parte dos revolucionários a trocar a propaganda seletiva em pequenas rodas (semelhante as aulas de educação política) por agitação de massas em meio às multidões trabalhadoras.

Foi durante esse período que ele conheceu sua futura esposa, Krupskaya, que já havia tido contato com Marxismo e, naquele momento, estava dando aulas noturnas, sem remuneração, em uma escola para trabalhadores. Muitos deles, inclusive, já tinham se tornado alunos nos círculos de Lenin. Pessoalmente, ele estava sempre disposto a conhecer a vida e as condições de trabalho dos operários de S. Petersburgo. Quando Lenin adoecia, Krupskaya costumava o visitar, e tal amizade gradualmente se transformou em amor.

Lenin continuava a expandir seus contatos para muitas outras cidades russas. Em fevereiro de 1895, um encontro de grupos de estudo de várias grades cidades decidiu enviá-lo ao exterior para fazer contato com o *Grupo Emancipação do Trabalho*. Sua primeira visita à Europa durou de abril a setembro de 1895. Durante esse período, ele conheceu Plekhanov e Axelrod do *Grupo Emancipação do Trabalho*, entre outros líderes das organizações classistas alemãs e francesas. Apesar de querer muito ter conhecido Engels, este já se encontrava em seu leito de morte.

Mediante seu retorno à Rússia, Lenin unificou todos os círculos Marxistas de S. Petersburgo em uma grande organização política chamada *Liga de Luta pela Emancipação da Classe Trabalhadora*. A Liga imediatamente começou a preparar agitações e greves em grandes fábricas da cidade. Ela também fez planos de publicar uma revista ilegal dos trabalhadores. Essa ideia, no entanto, não se concretizou. A polícia secreta mantinha Lenin sob vigilância e finalmente conseguiu prendê-lo com a ajuda de um informante. Dessa vez, a polícia tinha evidências. Ele foi pego em Dezembro de 1895, juntamente com o manuscrito da primeira edição da revista ilegal, e mandado para a cadeia.

Mesmo na prisão Lenin conseguiu manter contato próximo com seus camaradas do lado de fora. Sua mãe e sua irmã Anna trouxeram diversos livros para ele, nos quais ele

enviava cartas escritas em uma linguagem codificada que havia ensinado para sua irmã. Lenin também escrevia cartas usando leite, que servia de tinta invisível e só podia ser lida após o aquecimento do papel. Ele usava pão preto como tinteiro, pois dessa forma poderia engoli-lo rapidamente caso algum guarda se aproximasse. Da cadeia, Lenin escrevia panfletos e dirigia greves, que estavam em alta na Rússia no ano de 1896. Ele veio a ser conhecido como verdadeiro líder da Liga. Ao mesmo tempo, começou a trabalhar em seu primeiro grande trabalho, a obra *O Desenvolvimento do Capitalismo na Rússia*. Estudando intensamente de manhã até a noite, Lenin mantinha a saúde fazendo exercícios físicos antes de dormir.

Depois de um ano preso Lenin foi libertado, mas imediatamente condenado a três anos de exílio na Sibéria, onde chegou em maio de 1897. No meio tempo, Krupskaya também foi presa, e ele a pediu em casamento enquanto estava na Sibéria. Ela respondeu apenas, "Se é meu destino ser uma esposa, então que assim seja". Foi permitido que ela se juntasse a ele na Sibéria, onde chegou em Maio de 1898. Lenin passou a maior parte de seu tempo aprimorando o trabalho teórico. Com a ajuda de Krupskaya, ele traduziu o livro inglês intitulado *Democracia Industrial*. Também terminou seu trabalho sobre o desenvolvimento do capitalismo na Rússia, que foi publicado legalmente em 1899. Logo em seguida iniciou sua luta contra os Economicistas – uma tendência oportunista ligada ao revisionismo Bernsteiniano, mencionado no capítulo anterior. Isso o levou a escrever extensamente sobre qual deveria ser o programa e as tarefas imediatas da revolução russa.

Ao sair do exílio em 1900, Lenin começou a trabalhar nessas tarefas.

CAPÍTULO 13 - LENIN E O PARTIDO COMUNISTA DE NOVO TIPO

A questão mais urgente quando Lenin deixou o exílio, foi construir um verdadeiro Partido Proletário revolucionário. O *Partido Operário Social-Democrata Russo* (POS DR) foi formalmente estabelecido em um congresso feito em 1898 composto por 9 delegados. Porém, o Comitê Central eleito no Congresso foi subitamente preso. A bandeira do partido anunciada no Congresso, de unificar todos os grupos e construir um único partido de estrutura organizada, não foi cumprida. Assim em 1900 esta tarefa manteve-se.

O plano de construir o partido foi trabalhado em detalhes durante o exílio. Lenin sentiu que a chave para isso seria criar um jornal para todos os russos. Lenin propôs que a única forma política e organizativa de unir os ciclos e grupos de estudos marxistas seria através deste jornal. Este jornal seria capaz de ligar politicamente as variadas células do partido em toda a Rússia, apresentando a linha correta e lutando contra todos os desvios oportunistas. Todavia, a mais difícil tarefa de distribuir clandestinamente o jornal, seria criar uma organização clandestina treinada para enfrentar o repressivo serviço militar russo. Lenin pretendia, primeiramente, por em ação seu plano antes da convocação do

Congresso do POSDR, pois, isto também era necessário na luta contra o oportunismo e o revisionismo que surgiram no movimento ao longo dos anos.

O plano de Lenin havia sido discutido e aprovado pela *Liga de Luta* em várias cidades russas e na conferência dos *Sociais Democratas*, na qual ele organizou para discutir tal plano. Seus principais aliados neste plano eram Martov e Postresov, membros do grupo central de São Petersburgo, com o qual fora exilado na Sibéria na mesma época. O plano era de publicar o jornal primeiramente no exterior, pois, era muito perigoso publicá-lo na Rússia. Lenin também planejava para este propósito unir-se ao *Grupo de Emancipação do Trabalho* de Plekanov, o qual já existia no exterior. As pautas editoriais requeriam seis membros - três do *Grupo de Emancipação* do exterior e três da Rússia - Lenin, Martov e Postresov. Após todos os preparativos, a primeira edição do jornal saiu em Dezembro de 1990.

Foi chamado de *Iskra*, significando Faísca. Este título carrega as palavras da primeira burguesia revolucionária russa de 1825 - A Faísca Acenderá uma Flama. *Iskra* foi publicado em vários países e em várias épocas - Alemanha, Inglaterra e Suíça. Jamais foi enviado diretamente para Rússia, porém, foi sendo repassado até ser alcançado pelo comitê secreto do *Iskra* na Rússia. As distribuidoras possuíam extrema dificuldade perante a polícia secreta, e se os colaboradores do *Iskra* fossem, por acaso, capturados, seriam imediatamente exilados para a Sibéria. O *Iskra* foi um grande ponto de partida para a educação da classe trabalhadora com leituras e grupos de estudo consistindo principalmente nos artigos do jornal. Militantes do *Iskra* aproveitavam toda oportunidade que tinham para distribuir o jornal em segredo. Estes eram distribuídos não apenas em fábricas, mas também nas ruas, em teatros, no quartel do exército e através dos correios. Nas grandes cidades eles eram amplamente distribuídos através das ruas e dos salões de teatros. Nos locais de trabalho eles eram distribuídos tarde da noite ou de manhã cedo, guardados nos pátios das fábricas e perto das bombas de água onde seriam vistos de manhã. Nas pequenas cidades e vilarejos, os panfletos do *Iskra* eram levados em carroças de camponeses nos dias de feira e colados nas paredes. Tudo isso era um trabalho perigoso e se descoberto seria interceptado e seus colaboradores seriam presos e enviados para Sibéria. Os camaradas envolvidos neste trabalho lentamente começaram a construir o núcleo de revolucionários profissionais, núcleo esse que no planejamento de Lenin era uma das bases na construção do Partido Comunista.

Quanto à estrutura e composição do próprio partido, Lenin considerou que este deveria consistir em duas partes: a) círculo fechado de trabalhadores dirigentes do partido, revolucionários principalmente profissionais, isto é, trabalhadores do partido livres de toda ocupação, exceto do trabalho do partido que possuem o mínimo necessário de conhecimento teórico, experiência política, prática organizacional e experiência em enfrentar e combater a polícia czarista; b) Uma ampla rede de partidos e organizações locais e um largo número de membros de partidos aproveitando a simpatia e suporte de

centenas de milhares de trabalhadores. Todo o processo de construir tal partido adveio da ajuda do *Iskra*, Lenin deu a direção deste processo através de livros e artigos. De particular significância os escritos *Por Onde Começar?*, *Que fazer?* e *Carta para o Camarada em Questões Organizacionais*. Nesses trabalhos ele explora a ideologia e organização central do partido comunista.

Apesar das questões organizacionais, uma grande batalha travada por Lenin era a luta contra os economicistas, que queriam restringir o *POSDR* meramente à luta econômica dos trabalhadores. Sua força tinha crescido na Rússia durante o período em que Lenin esteve no exílio, e este percebeu que o economicismo deveria ser ideologicamente derrotado antes da convocação do Congresso do Partido. Ele lançou um ataque direto em sua particularidade através de seu livro *Que Fazer?* Lenin expôs como a visão dos economicistas significava curvar-se à espontaneidade do movimento da classe trabalhadora, negligenciar toda consciência e o papel de liderança do partido. Ele mostrou como isso levaria a escravidão da classe trabalhadora ao capitalismo. Enquanto manchavam o marxismo, os economicistas queriam converter o Partido revolucionário em um partido reformista. Lenin também mostrou como os economicistas eram, na verdade, representantes russos do oportunismo que tendia ao revisionismo de Bernstein. O livro de Lenin foi amplamente distribuído pela Rússia, conseguindo derrotar definitivamente o economicismo. Isto também fixou os princípios que mais tarde seriam pilares da fundação ideológica do Partido bolchevique.

O nascimento da fração Bolchevique dentro do *Partido Operário Social-Democrata Russo* no segundo Congresso do Partido ocorreu em julho/agosto de 1903. O principal debate no Congresso foi em relação a qual deveria ser a natureza do Partido e também quem deveria fazer parte do mesmo. Lenin tinha em mente uma forte, efetiva e revolucionária, concepção de organização, baseada no propósito de que todos membros do Partido deveriam trabalhar em organizações partidárias. Martov, em outra mão, tinha como modelo o vago funcionamento de partidos legais, o que se tornou comum na Segunda Internacional na época. Martov também propôs perder o critério da aceitação, assim permitindo que qualquer um que aceitasse o programa do Partido e o apoiasse financeiramente, a ser elegível dentro do mesmo. Ele também estava preparado para filiar ao partido qualquer simpatizante. Na votação de sua pauta a maioria estava com Martov. Todavia, mais tarde quando alguns grupos oportunistas saíram do congresso, a maioria foi para o lado de Lenin. Isso se refletiu nas eleições para o Comitê Central e para a Cúpula Editorial do *Iskra*, que então se voltaram para as propostas de Lenin. As diferenças entre os dois grupos, contudo, continuaram fortes e perduraram mesmo após o Congresso. Desde que os seguidores de Lenin receberam a maioria dos votos nas eleições no Congresso, foram então chamados de Bolcheviques (que significa "Maioria" na língua russa). Os oponentes de Lenin, que receberam a minoria dos votos, foram

denominados Mencheviques (que significa "Minoria" na língua russa).

Imediatamente após o Congresso, os Mencheviques começaram atividades manipuladoras e divisionistas. Isto gerou tremendas confusões. Na ordem de acabar com tais confusões, Lenin, em Maio de 1904, publicou então seu famoso livro, *Um passo para frente, Dois Passos para Trás*, que trazia em seu material uma análise detalhada da luta interna do partido tanto durante quanto depois do Congresso, e nessa base explicou os principais princípios organizacionais de um Partido Comunista, que depois se formaram nos fundamentos organizacionais do Partido Bolchevique. A circulação desse livro trouxe a maioria das organizações locais do partido para o lado dos Bolcheviques. Apesar disso, os órgãos centrais e o Comitê Central passaram para as mãos dos Mencheviques que estavam determinados em derrotar as decisões do Congresso. Os Bolcheviques foram então forçados a formar seu próprio comitê, e começarem seu próprio órgão organizacional. Os dois grupos também começaram a fazer preparações separadas para organizarem seus próprios congressos e conferências. Isto aconteceu em 1905. A cisão do partido em dois foi então completa. As fundações, no entanto, já haviam sido expostas para a construção de um verdadeiro partido revolucionário - o Partido Comunista de Novo Tipo (POSDR (Bolchevique)).

CAPÍTULO 14 - REVOLUÇÃO BURGUESA NA RÚSSIA DE 1905 : DESENVOLVIMENTO DAS TÁTICAS PROLETÁRIAS

O período de divisão no POSDR veio em um momento de grandes mudanças na situação mundial. O período de 35 anos de paz na Europa entre os países capitalistas foi quebrado com uma série de guerras. A era do imperialismo tinha iniciado e as novas potências imperialistas iniciaram a briga pela nova partilha do mundo. Estas potências entraram numa série de guerras regionais por conta disso. Uma guerra importante entre estas potências foi a guerra Russo-Japonesa de 1904-1905. Estas guerras regionais eram apenas uma maneira pela qual as potências imperialistas estavam se preparando para nova partilha do mundo com a Primeira Guerra Mundial 1914-1918.

Neste mesmo período teve um novo surto de revoluções. O local com maior ocorrência dessas revoluções foi no leste europeu e na Ásia. A primeira dessas revoluções foi a revolução burguesa russa de 1905, que foi seguida pela revolução turca, persa e revolução burguesa na China. A mais importante destas revoluções, do ponto de vista do proletariado e do desenvolvimento de táticas revolucionárias marxistas, foi a revolução russa de 1905. O ponto de partida dessa revolução foi a guerra Russo-Japonesa.

A guerra Russo-Japonesa, que começou no dia 08 de fevereiro de 1904, terminou com derrota para o czar e um tratado de paz humilhante em 23 de agosto de 1905. Os Bolcheviques adotaram uma posição revolucionária para a guerra, oposição ao seu próprio governo e oposição a quaisquer falsas noções de nacionalismo ou patriotismo.

Sua abordagem foi a de que a derrota do Czar seria útil, pois, enfraqueceria o czarismo e fortaleceria a revolução. Isto é o que realmente aconteceu. A crise econômica de 1900-1903 já tinha agravado as dificuldades das massas trabalhadoras. A guerra intensificou ainda mais este sofrimento. Enquanto a guerra continuava e as forças armadas russas enfrentavam derrota após derrota, o ódio do povo contra o Czar aumentou. O povo reagiu com a grande revolução de 1905.

O movimento histórico começou com uma grande greve liderada pelos Bolcheviques, dos trabalhadores do petróleo de Baku, em Dezembro de 1904. Este foi o "sinal" para uma onda de greves e ações revolucionárias em toda a Rússia. Em particular, o estopim da tempestade revolucionária foi o fuzilamento indiscriminado por forças do Czar de um grupo de trabalhadores que protestavam desarmados em São Petersburgo, no dia 22 de janeiro de 1905. A tentativa do Czar de esmagar os trabalhadores de forma violenta inspirou uma resposta ainda mais feroz das massas. O conjunto de 1905 foi um período crescente da força política dos trabalhadores, a tomada de grãos dos senhores da terra feito pelos camponeses, e até mesmo uma revolta dos marinheiros russos, do navio de guerra Potemkin, mostravam essa crescente. Duas vezes o Czar tentou desviar a luta, oferecendo pela primeira vez uma 'consulta popular' e, em seguida, um "legislativo": a Duma (Duma é o parlamento russo). Os Bolcheviques rejeitaram as duas propostas enquanto os Mencheviques decidiram participar da Duma. O ponto alto da revolução foi entre Outubro e Dezembro de 1905. Durante este período, o proletariado, pela primeira vez na história do mundo, criou os *Sovietes de Deputados Operários* - que eram assembleias de delegados de todas as fábricas e empresas. Estes foram o embrião do poder revolucionário, e se tornou o modelo para o poder soviético, criado após a Revolução Socialista em 1917. Com forte atuação política em toda a Rússia em outubro, as lutas revolucionárias continuaram subindo até que ocorreram os levantes armados liderados pelos Bolcheviques no mês de dezembro em Moscou, e várias outras cidades e nacionalidades em todo o país, estes foram brutalmente esmagados e a maré da revolução começou a recuar. A revolução ainda, no entanto não foi esmagada, e os operários e camponeses revolucionários recuaram lentamente, sempre travando combates com o velho Estado. Mais de um milhão de trabalhadores participaram de greves em 1906 e 740 mil em 1907. O movimento camponês abraçou cerca de metade dos distritos da Rússia czarista, no primeiro semestre de 1906, e cerca de um quinto na segunda metade do ano. Entretanto, a crista da revolução tinha passado. Em 3 de junho de 1907, o czar efetuando um golpe, dissolveu a Duma que ele havia criado, e retirou até mesmo os direitos limitados que havia sido forçado a conceder durante a revolução. Um período de intensa repressão sob o primeiro-ministro czarista, Stolypin, chamada de reação Stolypin, começava. Período que durou até a próxima onda de greves e lutas políticas em 1912.

Embora a Revolução de 1905 tenha sido derrotada, ela abalou os alicerces do regime

czarista. Foi também, no curto espaço de três anos, que a classe operária e o campesinato ganharam uma rica educação política. Foi também o período em que os Bolcheviques por conta da sua prática, fizeram correções e desenvolveram melhor sua compreensão revolucionária em relação a estratégia e a tática do proletariado. Foi no decorrer dessa revolução, que o entendimento bolchevique a respeito dos amigos e inimigos da revolução, as formas de luta e as formas de organização ficaram firmemente estabelecidas.

Os Bolcheviques e Mencheviques tiveram um entendimento oposto sobre todas as questões acima. O entendimento menchevique foi o entendimento reformista e legalista que tinha crescido em muitos filiados da II Internacional. Foi com base no entendimento de que a revolução russa, sendo uma revolução burguesa, tinha que ser conduzida pela burguesia liberal, e, portanto, o proletariado não deveria tomar qualquer passo que iria amedrontar a burguesia e conduzi-la para os braços do czar. Já a compreensão bolchevique por outro lado, foi o entendimento revolucionário que o proletariado não podia contar com a burguesia liderando a revolução e teria de tomar ele próprio a liderança da revolução. Foi nesta base revolucionária que os Bolcheviques desenvolveram seu entendimento sobre todas as outras questões estratégicas e táticas importantes da revolução.

Assim, os Bolcheviques convocavam o povo para prosseguir e aumentar a revolução e derrubar o czar através da insurreição armada; os Mencheviques tentaram controlar a revolução dentro de uma estrutura pacífica e tentou reformar e melhorar o czarismo; os Bolcheviques empurravam a revolução para liderança do proletariado, o isolamento da burguesia liberal e uma sólida aliança com o campesinato; os Mencheviques aceitaram aliança com e direção da burguesia liberal e não consideravam o campesinato como uma classe revolucionária que devia ser aliada. Os Bolcheviques estavam prontos para a participação em um governo revolucionário provisório a ser formado com base na revolta do povo vitorioso e apelou para o boicote da Duma oferecida pelo czar; os Mencheviques estavam prontos para a participação na Duma e propôs que a mesma se tornasse o centro das "forças revolucionárias" do país.

O entendimento menchevique não era um exemplo isolado de uma tendência reformista. Na verdade, a compreensão menchevique foi plenamente representada pelas posições dos principais partidos e dirigentes da II Internacional naquela época. Assim Lenin e os Bolcheviques não só estavam lutando contra o reformismo dos Mencheviques, mas também contra a compreensão reformista que então dominava os chamados partidos marxistas da Internacional. As formulações de Lenin foram uma continuação e desenvolvimento, da compreensão revolucionária de Marx e Engels. Foi um desenvolvimento maior das táticas revolucionárias marxistas aplicadas nas novas condições trazidas pela nova fase do capitalismo - o imperialismo. Lenin sintetizou essas táticas em vários escritos durante o curso da revolução e, particularmente, em seu livro,

Duas táticas da social-democracia na revolução democrática. Este livro escrito em julho de 1905 depois que os Bolcheviques e Mencheviques ficaram separados no Congresso do POSDR, trouxe a tona as diferenças na estratégia e tática propostas pelos dois grupos.

Os princípios táticos fundamentais apresentados por Lenin nesta e em outras obras são:

1) O mais fundamental princípio tático que atravessa todos os escritos de Lenin é que o proletariado pode e deve ser o líder da revolução democrático-burguesa. E para fazer isso duas condições eram necessárias. Em primeiro lugar, era necessário que o proletariado tivesse um aliado que estivesse interessado em uma vitória decisiva sobre o czarismo e que estariam dispostos a aceitar a liderança do proletariado. Lenin considerava que o campesinato era esse aliado. Em segundo lugar, era necessário que a classe que estava lutando contra o proletariado para ser a liderança da revolução (burguesia liberal), fosse forçada a sair da disputa pela liderança e fosse isolada. Assim, a essência fundamental do princípio tático de Lenin, a direção do proletariado, significava, ao mesmo tempo a política de aliança com o campesinato e o isolamento da burguesia liberal.

2) No que diz respeito as formas de luta e de organização, Lenin considerava que o meio mais eficaz de derrubar o czarismo e fundar uma república democrática, seria uma insurreição armada vitoriosa do povo. Colocando essas posições na prática, Lenin convocou as massas para greves políticas e o armamento contínuo dos trabalhadores. Ele também pediu para alcançar a jornada de trabalho de 8 horas e outras demandas imediatas da classe trabalhadora, alcançando essas medidas de uma forma revolucionária ao ignorar as autoridades e as leis do czarismo. Da mesma forma que ele defendeu a formação de comitês camponeses revolucionários para trazer mudanças como a tomada de terras de uma maneira revolucionária. Basicamente, táticas de desrespeitar as autoridades, paralisado a máquina estatal do czar, lançando-se a iniciativa das massas. Isso levou à formação de comitês de greve revolucionárias nas cidades e no campo (por meio de comitês revolucionários dos camponeses), que mais tarde evoluiu nos *Sovietes de Deputados Operários* e os *Sovietes de Deputados Camponeses*.

3) Lenin considerou ainda que a luta revolucionária não deve parar após a vitória da revolução burguesa e a fundação da república democrática. Ele propôs que era dever do partido revolucionário fazer tudo que fosse possível para que a revolução democrática burguesa fosse ininterrupta à revolução socialista. Ele estava assim dando forma concreta ao conceito de revolução ininterrupta de Marx.

Estes princípios táticos se tornaram a base para a prática bolchevique durante o período seguinte. Eles levaram à vitória do proletariado na revolução 1917 de outubro e o estabelecimento do primeiro Estado pelo proletariado.

CAPÍTULO 15 - PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL: OPORTUNISMO VS TÁTICAS REVOLUCIONÁRIAS

O amanhecer do imperialismo a partir da virada do século trouxe consigo as guerras das potências imperialistas para a captura de colônias. Um exemplo foi a guerra Russo-Japonesa que foi mencionada no capítulo anterior. Esta guerra ocorreu porque tanto a Rússia quanto o Japão queriam exercer controle sobre a Manchúria no norte da China e da Coreia. Guerras similares para capturar ou recapturar colônias começaram a 'estourar' em várias partes do Mundo. Assim, tornou-se de crucial importância para o movimento proletário internacional adotar a posição revolucionária correta sobre as questões do colonialismo e da guerra. Estas questões, portanto, tomaram força diante dos Congressos da Segunda Internacional.

No entanto, o oportunismo tinha, até então, se espalhado muito amplamente dentro dos partidos da II Internacional. Muitas das seções principais dos partidos dos países imperialistas tinham de fato começado a adotar o ponto de vista da burguesia sobre várias questões políticas cruciais. Isto foi visto muito claramente no Congresso de 1907 da II Internacional, onde as questões do colonialismo e da guerra foram retomadas.

Sobre a questão do colonialismo, o corpo dirigente do Congresso - a comissão do Congresso - adotou uma resolução sobre a política colonial e a colocaram diante do corpo geral para aprovação. Esta resolução, enquanto criticava a política colonial da burguesia ao mesmo tempo não rejeitava totalmente o princípio de captura de colônias. E, de fato, argumentavam que sob um regime socialista, poderia ser de 'interesse da civilização' a captura de colônias. Tal posição abertamente imperialista desses chamados 'marxistas' foi fortemente contestada pelos revolucionários do corpo geral, e a resolução foi derrotada por uma pequena margem de diferença, 127 votos a 108.

Oportunismo semelhante da liderança foi visto no caso da posição sobre a questão da guerra. Bebel, um líder conhecido e um seguidor próximo e associado de Marx e Engels preparou a resolução. A resolução, contudo, ficou vaga, sem qualquer direção ou curso de ação específica a ser tomada pelos membros em caso de guerra. Esta novamente foi fortemente contestada pelos revolucionários - particularmente Rosa Luxemburgo da Alemanha e Lenin. Eles, então, propuseram uma alteração que deu uma direção clara para os membros da Internacional de lutar para impedir a guerra, lutar para acabar com a guerra rapidamente no caso dela iniciar-se e fazer pleno uso da crise econômica e política no caso de guerra para despertar o povo e fazer agitação e propaganda da revolução. Esta foi uma continuação da posição proletária e revolucionária sobre a guerra que Marx já tinha claramente estabelecido. Já que os oportunistas não puderam se opor abertamente a esse entendimento, a resolução foi aprovada pelo Congresso. Como o perigo de guerra se aproximava, por volta de 1910 e 1912, os Congressos da Internacional novamente discutiram e aprovaram resoluções em relação a guerra. Eles

decidiram que todos os socialistas no parlamento deveriam votar contra os créditos de guerra. Eles também repetiram em suas resoluções a redação da alteração proposta em 1907 por Rosa Luxemburgo e Lenin.

No entanto, o oportunismo que havia na Segunda Internacional era tão grande que a maioria dos líderes que aprovaram essas resoluções não tinham absolutamente nenhuma intenção de manter estas decisões. Isso foi visto quando a Primeira Guerra Mundial realmente eclodiu em julho-agosto de 1914. O *Partido Social-Democrata* da Alemanha, que foi o líder indiscutível da Segunda Internacional, guiou o caminho. Os burocratas dos sindicatos, em vez de tentar despertar os trabalhadores contra a guerra e pela revolução, imediatamente entraram em um acordo com os empregadores de não fazerem greves. Na reunião do *Partido Caucus* (fração), que foi realizada antes da votação parlamentar sobre créditos de guerra, a grande maioria votou a favor da guerra. Apenas um punhado de revolucionários liderados por Karl Liebknecht e Rosa Luxemburgo se opuseram. Kautsky, que era na época o principal líder ideológico da Segunda Internacional, votou pela abstenção. Assim, no dia 4 de agosto de 1914 o *Partido Social-Democrata* da Alemanha deixou de lado todas as anteriores resoluções do Congresso da Internacional e votou em unanimidade no parlamento pelo apoio a guerra imperialista. Para o proletariado revolucionário, a Segunda Internacional deixara de existir a partir dessa data. O partido alemão foi imediatamente seguido pela maioria dos socialistas na França, Grã-Bretanha, Bélgica e outros países. A Segunda Internacional acabou cindida entre os partidos social-chauvinistas guerreando uns contra os outros.

Os bolcheviques eram praticamente o único partido a defender as resoluções anti-guerra. No contexto da derrocada total dos líderes da II Internacional para o oportunismo, ficou com Lenin e os Bolcheviques a tarefa de apoiar e implementar a posição marxista correta a respeito da Guerra Mundial. Lenin apresentou imediatamente os escritos que demonstravam esse correto entendimento. O Comitê Central do POSDR (Bolchevique) fez uma chamada para "transformar a guerra imperialista em guerra civil" e construir uma nova Terceira Internacional no lugar da Segunda Internacional. Lenin começou o processo de construção da Terceira Internacional, unindo todas as forças de esquerda anti-guerra. Embora essas forças tenham mantido conferências a partir de 1915, muita confusão continuou. Lenin tinha de assumir a tarefa de limpar esta confusão e estabelecer entre estes elementos a posição revolucionária correta sobre os princípios do socialismo em relação à guerra e também as tarefas dos comunistas a nível internacional e na Rússia. Lenin fez isso através de seus vários escritos propagados tanto dentro da Rússia, bem como a nível internacional.

Os princípios e as tarefas delineadas Lenin podem ser apresentados da seguinte forma:

Em primeiro lugar, os comunistas não são pacifistas que são adversários de todas as guerras. Comunitas visam estabelecer o socialismo e o comunismo, que, eliminando toda a exploração vão eliminar a própria possibilidade da guerra. No entanto na luta para

atingir o sistema socialista sempre haverá a possibilidade de guerras, e que as guerras travadas pelas classes exploradas contra os exploradores são necessárias e possuem significado revolucionário.

Em segundo lugar, ao decidir a atitude a ser adotada no sentido de uma guerra particular, a questão principal para os comunistas é esta: Por qual motivo a guerra está sendo travada, e quais classes a organizam e a dirigem. Assim Lenin assinalou que, durante o período da revolução democrático-burguesa, Marx havia apoiado as guerras travadas pela burguesia, que eram contra o feudalismo e os reis reacionários. Porque estas guerras foram destinadas a abolir o feudalismo e estabelecer ou fortalecer o capitalismo, elas foram guerras justas ou progressistas. Adotando critérios semelhantes Lenin assinala que, na época do imperialismo e da revolução proletária, os comunistas apoiarão todas que ajudem a desenvolver a revolução socialista mundial. De acordo com esta compreensão, Lenin deu exemplos dos tipos de guerras que podem ser chamadas de justas ou progressistas: 1) guerras nacionais travadas por um país colonial ou semi-colonial contra seu explorador imperialista, 2) guerras civis travadas pelo proletariado e outras classes oprimidas contra suas classes dominantes feudais ou capitalistas, 3) guerras socialistas para a defesa da pátria socialista.

Em terceiro lugar, Lenin assinalou que na base de um entendimento superior, não havia nada de justo ou progressista em relação à Primeira Guerra Mundial. Ele comparou a guerra imperialista a uma guerra entre um senhor de escravos que possui 100 escravos e um dono de escravos que possui 200 escravos para uma mais "justa" redistribuição de escravos. O objetivo essencial da Primeira Guerra Mundial era a redistribuição dos escravos coloniais. Assim, não poderia haver nada de progressista, defensiva ou justa tal guerra. Foi uma injusta; guerra reacionária. A única atitude para com ela deveria ser o chamado para transformar a guerra imperialista em guerra civil. A única utilidade, portanto, de tal guerra era aproveitar desta guerra para fazer a revolução. Em função disso, Lenin assinalou que era vantajoso que o próprio país (Rússia) fosse derrotado na guerra. A derrota enfraqueceria a classe dominante e facilitaria a vitória da revolução. Assim, qualquer revolucionário comunista deve trabalhar para derrota de seu próprio governo durante guerra.

Por fim, Lenin assinalou que era dever dos comunistas de participar do movimento pela paz. No entanto, enquanto participantes no movimento pela paz, é o seu dever de salientar que não há paz verdadeira e duradoura possível sem um movimento revolucionário. Na verdade, quem quiser uma paz justa e democrática deve estar a favor da guerra civil contra os governos e a burguesia.

Embora estes princípios e táticas tenham sido propagados entre todos os partidos da II Internacional, os únicos a implementá-los na prática, foram os Bolcheviques. Foi esta abordagem em relação a guerra que os ajudaram a fazer uso da situação de crise revolucionária criada pela guerra e em dentro de três anos atingir a vitória da Grande

Revolução Socialista de Outubro de 1917.

CAPÍTULO 16 - ANÁLISE DE LENIN SOBRE O IMPERIALISMO, A FASE SUPERIOR DO CAPITALISMO

A análise de Marx sobre as leis de funcionamento do capitalismo pertence ao capitalismo de livre concorrência, onde um grande número de capitalistas podiam competir no mercado. Ele analisou, em certa medida, o processo de centralização do capital. Porém, Marx não viveu o suficiente para ver o surgimento de uma nova fase do capitalismo - o imperialismo. O surgimento dessa nova fase ocorreu no início do século XX, e Lenin ficou encarregado de analisar esse processo. Em 1897-98 Lenin fez algumas análises iniciais sobre o desenvolvimento do mercado capitalista mundial, mas não se aprofundou na análise do imperialismo. Contudo, com o início da Primeira Guerra Mundial, que foi uma guerra causada pelo imperialismo, era necessária uma análise completa sobre o imperialismo para entender as bases econômicas da guerra e as consequências políticas para o proletariado.

Essa questão tornou-se mais urgente quando em 1915, o líder oportunista e revisionista da Segunda Internacional, Karl Kautsky, escreveu um livro sobre o imperialismo onde ele defende a teoria de que o sistema econômico mundial estava caminhando para o “ultra-imperialismo”, onde existiria estabilidade e nenhum risco de guerra. Sua teoria era parecida com a ideia que muitas pessoas defendem hoje em dia sobre a globalização, que por conta do crescimento das grandes corporações multinacionais e sua expansão para todos os países, elas seriam contra qualquer guerra e assim não existiria o perigo de uma Terceira Guerra Mundial. A tese de Kautsky apresentada na Primeira Guerra nos dá uma falsa imagem do imperialismo. Uma vez que essa falsa teoria foi apresentada por Kautsky, que na época era considerado o principal teórico marxista, foi necessário se opor a essa teoria e apresentar uma visão correta sobre o imperialismo. Para limpar a confusão criada pela Segunda Internacional era necessário apresentar análise correta e também as táticas corretas para a classe operária. Com esse objetivo, em 1916 Lenin fez uma extensa pesquisa e produziu sua famosa obra, *Imperialismo, a Fase Superior do Capitalismo*. Além desse trabalho principal, ele também escreveu muitos outros artigos ligando esta análise econômica básica para a tática do proletariado.

Em primeiro lugar, Lenin tentou clarear a confusão feita por Kautsky e outros oportunistas definindo o que é o imperialismo. Para dar a correta definição, ele apontou que o imperialismo é uma fase histórica específica do capitalismo. Lenin explica que: o imperialismo é (1) o capitalismo monopolista; (2) parasitário, ou capitalismo decadente; (3) capitalismo moribundo ou capitalismo em seu leito de morte. A substituição da livre concorrência pelo monopólio é o recurso econômico fundamental, a essência do imperialismo.

O Capitalismo Monopolista se manifesta principalmente em cinco formas: (1) cartéis, sindicatos, trusts - A concentração da produção atingiu um grau que dá origem a estas associações monopolistas dos capitalistas que se unem para esmagar os outros concorrentes. Eles fixam preços, alocam a produção entre si e fazem outros arranjos e acordos para evitar que outros entrem e tenham sucesso no mercado. Eles desempenham um papel decisivo na vida econômica. (2) A posição monopolista dos grandes bancos e a criação do capital financeiro através da fusão do capital industrial monopolista e do capital bancário. - Durante a época de Lenin os grandes bancos já atingiam um nível onde quatro ou cinco controlavam toda a vida econômica dos principais países industrializados. (3) A exportação de capitais que ganha particular importância - esse recurso que é diferente da exportação de commodities sob o capitalismo não-monopolista está intimamente ligado à repartição econômica e política do mundo. (4) A repartição econômica do mundo pelos cartéis internacionais - Na época de Lenin já havia mais de cem desses cartéis internacionais, que comandavam e dividiam entre si de uma forma "amigável" todo o mercado mundial. É claro que esta 'simpatia' só seria temporária e duraria até que a guerra desse lugar para uma nova divisão dos mercados. (5) A repartição territorial (política) do mundo (colônias) entre as maiores potências capitalistas - Este processo de colonização de todos os países atrasados do mundo foi basicamente concluída no momento de ascensão do imperialismo. Quaisquer outras colônias só poderiam ser obtidas por meio de uma nova partilha do mundo, por meio da guerra.

Com base nas características acima, Lenin define o imperialismo da seguinte maneira: *“O imperialismo é o capitalismo no estágio de desenvolvimento em que a dominação dos monopólios e do capital financeiro já se estabeleceu; no qual a exportação de capital adquiriu importância acentuada; em que a divisão do mundo entre os trusts internacionais já começou; na qual a divisão de todos os territórios do globo entre as maiores potências capitalistas foi concluída.”*

O fato de que o imperialismo é o capitalismo decadente ou parasitário se manifesta antes de tudo na tendência de deterioração, o que é característico de todo monopólio sob o regime da propriedade privada dos meios de produção. Em comparação à rápida expansão sob a livre concorrência, há uma tendência para a produção como um todo se diminuir sob o monopólio. O progresso tecnológico é desencorajado e novas invenções e patentes são deliberadamente suprimidas. Em segundo lugar, a decadência do capitalismo se manifesta na criação de uma enorme classe de rentistas, os capitalistas que vivem apenas na base dos juros ou dividendos que ganham sobre seus investimentos, sem trabalhar. Em terceiro lugar, a exportação de capital é o parasitismo aumentado e levado a um nível mais alto, pois significa a exploração aberta da mão de obra barata dos países atrasados. Em quarto lugar, o capital financeiro luta pela dominação e não pela liberdade. Entre os políticos, a corrupção, o suborno em uma escala enorme e todos os tipos de fraude se tornam comum no imperialismo. Em quinto

lugar, a exploração das nações oprimidas e, especialmente a exploração das colônias por um punhado de grandes potências, cada vez mais transforma o mundo imperialista em um parasita no corpo de centenas de nações atrasadas. Atinge o estágio onde uma classe privilegiada do proletariado nos países imperialistas também vive, em parte, às custas de centenas de milhões de trabalhadores das colônias.

O imperialismo é o capitalismo moribundo, porque é o capitalismo na transição para o socialismo. O monopólio, que cresce para além do capitalismo, já é o capitalismo morrendo, o início de sua transição para o socialismo. A tremenda socialização do trabalho pelo imperialismo produz o mesmo resultado. A contradição básica do capitalismo entre o caráter social da produção e o caráter privado da propriedade só se intensificou sob o imperialismo. Assim Lenin diz: "O imperialismo é a véspera da revolução social do proletariado".

CAPÍTULO 17 - A GRANDIOSA REVOLUÇÃO SOCIALISTA DE OUTUBRO

Como foi mencionado no capítulo 14, o período após a derrota da Revolução de 1905 foi de extrema repressão e reação sob o comando do Primeiro Ministro do Czar, Stolypin. A classe trabalhadora foi o principal alvo do ataque. Salários foram reduzidos de 10 a 15%, e a jornada diária aumentou de 10 para 12 horas. Listas negras de ativistas trabalhadores foram montadas e tais ativistas não conseguiam emprego. Sistemas de multas aos trabalhadores foram iniciados. Qualquer tentativa de organização era reprimida com violência vinda dos policiais e dos capangas agentes do Czar. Nessa situação, muitos intelectuais e pequenos burgueses começaram a recuar e alguns entraram para o lado do inimigo.

Para lidar com essa nova situação, os Bolcheviques mudaram de táticas ofensivas (como greves gerais e as insurreições armadas, utilizadas no período da Revolução de 1905) para táticas defensivas. Táticas defensivas eram as táticas de reunir forças, remover os esquadrões da clandestinidade e continuar o trabalho do partido de forma clandestina, combinando trabalhos ilegais com trabalhos legais de organizações da classe trabalhadora. A notória luta revolucionária contra o Czarismo foi substituída por métodos de luta mais sutis.

A sobrevivência das organizações legais serviram de disfarce para organizações clandestinas do Partido continuarem a ter conexões com as massas. Para preservar tais conexões, os Bolcheviques utilizaram sindicatos e outras organizações públicas legais, como sociedades benéficas enfraquecidas (hoje em dia conhecidas como ONGs), cooperativas de trabalhadores, clubes, organizações educacionais e até o parlamento. Os Bolcheviques usaram a plataforma da Duma Federal para expor a política do governo Czarista, expor partidos liberais e para ganhar o apoio de camponeses para o proletariado. A preservação de organizações partidárias ilegais capacitou o partido a

buscar uma corrente certa e reunir forças para a preparação de uma nova insurreição da maré revolucionária.

Ao implementar tais táticas, os Bolcheviques precisaram lutar contra duas variações do próprio movimento – os Liquidadores e os Oztovistas (Anuladores). Os Liquidadores, que eram Mencheviques, queriam fechar a estrutura ilegal do partido e começar um partido ‘trabalhista’ legal, com o consentimento do governo. Os Oztovistas, outrora Bolcheviques, queriam a retirada de todos os Bolcheviques membros da Duma, dos sindicatos e todas as outras formas de organizações legais. Eles só queriam formas ilegais de organização. Os resultados de ambas táticas serviriam para prevenir o partido de reunir forças para o avanço da revolução. Rejeitando ambas variações, os Bolcheviques utilizaram táticas corretas de combinar métodos legais e ilegais e conseguiram uma forte presença em muitas organizações de trabalhadores e também conquistar algumas organizações trabalhistas Mencheviques. Isso fortaleceu o partido e o preparou para a próxima ascensão do movimento revolucionário, que começou a partir de 1912.

Os Bolcheviques fizeram uma Conferência do Partido de forma independente em janeiro de 1912 e formaram um novo partido – o *Partido Operário Social-Democrata Russo* (POSDR (Bolchevique)). Nessa mesma conferência, foi discutida a ascensão do movimento revolucionário, evidenciada pelo aumento do número de greves em 1911. Nessa conferência e em reuniões posteriores do Comitê Central, novas táticas foram decididas de acordo com a nova situação. Isso envolveu estender e intensificar a luta trabalhadora.

Um importante aspecto das táticas durante esse período foi a criação de um jornal diário, *Pravda* (A Verdade), que ajudou a fortalecer organizações Bolcheviques e propagar sua influência pelas massas. Antes, os Bolcheviques tinham um jornal semanal, que era para trabalhadores avançados. No entanto, o *Pravda* era um jornal político diário para as massas, que visava atingir seções mais amplas de trabalhadores. O jornal começou no dia 5 de maio de 1912, e durou por dois anos e meio. Durante esse período, ele enfrentou inúmeros problemas e altas multas dos censores do governo. Foi suprimido oito vezes mas reaparecia toda vez com uma mudança sutil no nome. Ele tinha uma circulação média de 40 mil cópias. *Pravda* era apoiado por um grande número de trabalhadores avançados – 5600 grupos de trabalhadores captavam para a imprensa Bolchevique. Através do jornal, a influência Bolchevique se alastrou não só entre os operários, mas também entre os camponeses. Na verdade, durante o período da insurreição do movimento revolucionário (1912-14), se formou uma base sólida para um partido Bolchevique de massas. Como Stalin disse, “O *Pravda* de 1912 foi o pilar da vitória Bolchevique em 1917.”

Com o começo da guerra em 1914, a situação revolucionária amadureceu. Os Bolcheviques fizeram uma propaganda extensiva entre os trabalhadores, contra a guerra e a favor da derrubada do Czarismo. Unidades e células também foram formadas no

exército e na marinha, tanto no front quanto nas camadas mais baixas, e panfletos foram distribuídos, incentivando uma luta contra a guerra. No front, após a agitação intensa do Partido pela solidariedade e fraternidade entre os guerreiros de exércitos, aumentou o número de instâncias de recusa de unidades do exército para ataques ofensivos em 1915 e 1916. A burguesia e os latifundiários estavam gastando fortunas com a guerra, entretanto, os operários e os camponeses estavam sofrendo cada vez mais privações. Milhões morreram vítimas de ferimentos ou por epidemias causadas pela condição dos campos de batalha. Em janeiro e fevereiro de 1917, a situação tornou-se particularmente aguda. Ódio e raiva pelo governo Czarista se espalharam.

Até mesmo os burgueses imperialistas russos desconfiavam do Czar, cujos conselheiros trabalhavam para uma paz independente com a Alemanha. Eles também, com o apoio dos governos do Reino Unido e da França, planejavam substituir o Czar através de um golpe palaciano. No entanto, o povo agiu primeiro.

A partir de janeiro de 1917, um forte movimento revolucionário grevista começou em Moscou, Petrogrado, Baku e outros centros industriais. Os Bolcheviques organizaram grandes manifestações nas ruas a favor de uma greve geral. Enquanto o movimento grevista ganhava energia, no dia 8 de março, Dia Internacional das Mulheres, as mulheres trabalhadoras de Petrogrado foram chamadas pelos Bolcheviques para protestar contra a fome, a guerra e o Czarismo. Os trabalhadores apoiaram as mulheres operárias com greves e no dia 11 de março, as greves e manifestações adquiriram um caráter de uma insurreição armada. O serviço do Comitê Central no 11 de março emitiu uma nota a favor da continuação da insurreição armada, para a derrubada do Czar e o estabelecimento de um governo revolucionário provisório. No dia 12 de março, 60 mil soldados vieram para o lado da revolução, lutaram contra a polícia e ajudaram os trabalhadores a derrubar o Czar. Com a propagação das notícias, trabalhadores e soldados de todos os lugares começaram a depor oficiais Czaristas. A revolução democrático-burguesa havia vencido. (Esse episódio é chamado de Revolução de Fevereiro, pois o calendário russo da época estava 13 dias atrás do calendário das outras partes do mundo e a data da vitória era dia 27 de fevereiro, de acordo com o calendário russo).

Assim que o Czarismo foi derrubado, com a iniciativa Bolchevique, formou-se o *Soviete de Deputados Operários e Soldados*. Entretanto, apesar dos Bolcheviques estarem liderando diretamente a luta das massas nas ruas, os partidos oportunistas, Mencheviques e *Socialistas-Revolucionários* (um partido pequeno burguês, continuação dos antigos Nardoniks), estavam reivindicando lugares nos Sovietes, e constituindo lá uma maioria. Assim, chegavam aos Sovietes de Petrogrado, Moscou e outras cidades. Enquanto isso, os liberais burgueses membros da Duma fizeram um acordo secreto com os Mencheviques e os *Socialistas-Revolucionários* e formaram um Governo Provisório. O resultado foi a formação de dois grupos representando duas ditaduras: a ditadura da burguesia, representada pelo Governo Provisório, e a ditadura do proletariado e

campesinato, representada pelo *Soviete de Deputados Operários e Soldados*. Lenin chamou isso de poder dual.

Imediatamente após a revolução burguesa, Lenin estava exilado na Suíça e lá escreveu suas famosas *Cartas de Longe*, nas quais analisava esse poder dual. Ele mostrou como os Sovietes eram os embriões do movimento dos trabalhadores, que precisava continuar e obter vitória no segundo estágio da revolução – a revolução socialista. Seus aliados na missão seriam as largas massas de semi-proletários e pequenas massas camponesas, além do proletariado de todos os países.

No dia 16 de abril de 1917, Lenin chegou em Petrogrado após um longo período de exílio, e no dia seguinte publicou suas famosas *Teses de Abril* antes de uma reunião Bolchevique. Ele pedia oposição ao Governo Provisório, a obtenção de uma maioria Bolchevique nos Sovietes e a transferência do poder estatal aos Sovietes. Ele apresentou um programa visando paz, terra e pão. Por último, ele convocou a criação de um novo partido congressista com um novo nome, o *Partido Comunista*, e a construção de uma nova Internacional, a Terceira Internacional. Os Mencheviques atacaram imediatamente as Teses de Lenin e o avisaram que ‘a revolução está em perigo’. No entanto, em três semanas, a recém aberta *Conferência de Todas as Rússias* (Sétima Conferência) do POSDR (Bolchevique), aprovou o relatório de Lenin baseado nas mesmas Teses, ganhando o slogan de ‘*Todo o Poder aos Sovietes!*’. A conferência também aprovou uma resolução muito importante, movida por Stalin, declarando o direito de auto-determinação das nações, incluindo o direito de secessão.

Nos meses seguintes, os Bolcheviques trabalharam energicamente de acordo com as ordens da Conferência, convencendo massas de operários, soldados e camponeses da veracidade de suas posições. O Sexto Congresso do Partido foi realizado em agosto de 1917, após um hiato de dez anos. Por causa do perigo de um ataque do Governo Provisório, o Congresso teve de ser realizado na clandestinidade em Petrogrado, sem a presença de Lenin. Stalin apresentou os principais relatórios políticos, que urgiam a preparação de uma insurreição armada. O Congresso também adotou novas Regras do Partido, que garantiam que todas as organizações do Partido fossem construídas sobre os princípios do Centralismo Democrático. Os relatórios também admitiram a entrada do grupo liderado por Trotsky no Partido.

Pouco tempo após o Congresso, o Comandante Chefe do Exército Russo, Gen. Kornilov, organizou uma revolta do exército para derrotar os Bolcheviques e os Sovietes. Entretanto, os soldados de muitas divisões foram convencidos pelos Bolcheviques a não obedecer às ordens e a revolta falhou. Após o fracasso da revolta, as massas perceberam que os Bolcheviques e os Sovietes eram a única garantia de paz, terra e pão, que eram suas demandas urgentes. Uma rápida “Bolchevisassão” dos Sovietes aconteceu, a maré revolucionária estava em alta e o Partido começou a preparar uma insurreição armada.

Lenin, durante esse período foi forçado a ficar na Finlândia por razões de segurança, longe do principal campo de batalha. Nesse tempo, ele terminou seu livro *O Estado e a Revolução*, que defendia e desenvolvia os ensinamentos de Marx e Engels sobre a questão do Estado. Além de expor as distorções teóricas feitas por oportunistas como o Kautsky, o trabalho de Lenin teve uma tremenda significância tanto teórica quando prática, a nível internacional. Isso aconteceu porque, como Lenin viu claramente ao acontecer, a revolução burguesa de fevereiro era um elo na corrente de revoluções proletárias socialistas causadas pela Primeira Guerra Mundial. A relação entre a revolução proletária e o Estado não era mais apenas uma questão teórica. Por causa da situação revolucionária criada pela guerra, agora era uma questão de importância prática imediata, sendo necessário para o movimento proletário internacional e as massas serem educadas corretamente sobre a sua urgência.

Com a subida da maré revolucionária, Lenin chegou a Petrogrado no dia 20 de outubro de 1917. Três dias após a sua chegada, uma reunião histórica do Comitê Central decidiu começar a insurreição armada em poucos dias. Imediatamente, representantes foram mandados para todas as partes do país, particularmente para batalhões do exército. Assim que tomaram conhecimento do plano da insurreição, o Governo Provisório começou a atacar os Bolcheviques no dia 6 de novembro de 1917, às vésperas do Segundo Congresso dos Sovietes de Todas as Rússias. Os Guardas Vermelhos e as unidades revolucionárias do exército lutaram de volta e no dia 7 de novembro de 1917, o poder estatal foi passado para as mãos dos Sovietes.

No dia seguinte, o Congresso dos Sovietes aprovou o Decreto Sobre a Paz e o Decreto Sobre a Terra. Isso formou o primeiro governo Soviético – o Conselho do Comissariado do Povo – no qual Lenin foi eleito o primeiro Presidente. A Grandiosa Revolução Socialista de Outubro estabeleceu a ditadura do proletariado.

Entretanto, foi uma batalha prolongada até o poder dos trabalhadores ser consolidado. Em primeiro lugar, a guerra com a Alemanha precisava terminar. Isso finalmente aconteceu com a assinatura do Tratado de Brest-Litovsk em fevereiro de 1918. Apesar disso, a paz não durou muito. Assim que a Primeira Guerra Mundial acabou, os poderes imperialistas vitoriosos do Reino Unido, França, Japão e Estados Unidos começaram intervenções diretas e indiretas para ajudar as velhas classes dominantes da Rússia a começarem uma guerra civil contra o Estado Soviético. Essa guerra civil durou até o fim de 1920. O Estado Soviético foi vitorioso, porém, ao fim da guerra a economia estava arruinada.

CAPÍTULO 18 - A FORMAÇÃO DA TERCEIRA INTERNACIONAL

O fim da Primeira Guerra Mundial foi um período de ascensão revolucionário em todo o mundo. O sucesso da Revolução de Outubro teve impacto em numerosos países,

inclusive onde o marxismo tinha pouca ou nenhuma influência. Na Europa, o principal campo de batalha da Guerra estava em crise revolucionária crescente. A Guerra resultou na derrubada de quatro imperadores e na queda de seus quatro grandes impérios - o Russo, Alemão, Austro-húngaro (Habsburg) e o Turco (Otomano). O estado das estruturas estava em frangalhos e as massas estavam em clima de revolta. Os protestos em massa começaram mesmo antes do fim da Guerra. Em Janeiro de 1918, uma onda de greves políticas das massas e demonstrações anti-guerra varreram toda a Europa central. Esta foi seguida por revoltas nas forças armadas de vários países. Houve também uma ascensão nacional, o que levou à formação de vários novos Estados após o desmembramento dos antigos impérios.

Na Alemanha e na Hungria, no entanto, a crise levou à revolução. Em Novembro de 1918 os marinheiros alemães se amotinaram e isto se espalhou por uma onda de revoltas em toda a Alemanha resultando na derrubada do imperador e o estabelecimento de uma República sob a liderança do *Partido Social-Democrata (KPD)*. Sovietes foram imediatamente estabelecidos em Berlim e outras cidades. Estes foram, no entanto, esmagados em Janeiro de 1919 após duas semanas de luta nas ruas contra as forças militares reacionárias, que haviam sido reorganizadas pelo anterior governo social-democrata. Mais tarde, uma República soviética foi formada na Bavária (uma província da Alemanha) em Abril de 1919. Mas esta também foi esmagada. Na Hungria, os comunistas lideraram uma coalizão com os sociais-democratas e assumiram o controle do governo em 1919. Eles, entretanto, foram derrubados dentro de cinco meses por pressão militar de governos aliados.

As lutas dos trabalhadores continuaram por pelo menos mais quatro anos, mas ambas as revoluções fracassaram.

No entanto, a crescente onda da revolução e o sucesso da revolução na Rússia levaram à formação de Partidos Comunistas em muitos países.

A base real agora existia para uma união dos Partidos Comunistas, para a formação da Terceira Internacional Comunista. Como mencionado anteriormente, Lenin e os bolcheviques tinham feito o chamado para a formação da Terceira Internacional em 1914. Agora eles tomariam a iniciativa para realmente conforma-la.

Em janeiro de 1919 Lenin endereçou uma carta aberta aos trabalhadores da Europa e América instigando-os ao encontro da Terceira Internacional.

Logo após, convites para um congresso internacional foram enviados. Em março de 1919, o Primeiro Congresso dos Partidos Comunistas de vários países, foi realizado em Moscou, fundando a Internacional Comunista. O Congresso criou um Comitê Executivo da Terceira Internacional Comunista.

Apenas um mês depois do Primeiro Congresso, Lenin explicou o significado histórico da

Terceira Internacional da seguinte maneira:

"A Primeira Internacional lançou as bases da luta do proletariado internacional pelo socialismo. A Segunda Internacional marcou um período em que se preparou o solo para a disseminação em massa do movimento em uma série de países. A Terceira Internacional reuniu os frutos do trabalho da II Internacional, descartando a escória oportunista, social-chauvinista, burguesa e pequeno-burguesa, e irá contribuir na luta para implementar a ditadura do proletariado".

Ele (Lenin) apontou, assim, que: "o mais significativo aspecto da Terceira Internacional era que agora representava o proletariado que tinha conseguido tomar o poder estatal e começado a estabelecer o socialismo".

Após intenso trabalho preparatório, o Segundo Congresso da Internacional Comunista, realizado em Julho de 1920 foi um grande sucesso com uma ampla representação de 41 países.

Lenin fez grandes contribuições à teoria marxista em relação a este Congresso. Ele preparou o que pretendia ser um manual de estratégia e tática do Partido Comunista, que fora distribuído entre os delegados do Congresso. Este foi chamado de "*Esquerdismo, a doença infantil do Comunismo*", e concentrou-se em corrigir os erros 'esquerdistas' então prevalentes em muitos Partidos que haviam se juntado à Internacional. Lenin também preparou as *Teses sobre a Questão Nacional e Colonial* adotadas no Congresso.

Este documento foi marco divisório que lançou as bases teóricas marxistas-leninistas para a compreensão e guia das lutas de libertação nacional, em seguida, ganhando força em todas as colônias e semi-colônias. Além disso, Lenin delineou as tarefas básicas da Internacional Comunista e as *Teses sobre a Questão Agrária* aprovadas neste Congresso. O Congresso também adotou as teses sobre o papel do Partido Comunista na revolução proletária, no movimento sindical, no parlamento e, no Estatuto e condições de admissão da Internacional Comunista. Nos estatutos, o Comintern (Internacional Comunista) claramente declarava que dever-se-ia "romper de uma vez por todas com as tradições da II Internacional, para o qual só as pessoas de pele branca existiam".

Além das formulações teóricas, a Internacional, através do seu Comitê Executivo começou a desempenhar um papel proeminente na condução dos Partidos e movimentos nos vários países membros. Em particular, tentou-se fazer o máximo a partir da situação revolucionária do pós-guerra nos países capitalistas, que continuou até 1923.

No entanto, devido principalmente à traição dos social-democratas da Segunda Internacional, como também das debilidades ideológicas e organizacionais dos Partidos Comunistas nestes países, a revolução não pôde ser concluída com êxito em qualquer outro país capitalista.

O Comintern, no entanto, desempenhou um papel importante no estabelecimento,

desenvolvimento e orientação dos Partidos Comunistas recém-formados nas colônias e semi-colônias.

Durante os anos 20, como os movimentos de libertação nacional nesses países avançavam rapidamente, o Comintern tentara orientar e treinar os Partidos Comunistas para fornecer a liderança para esses movimentos. Foi a primeira vez que o marxismo estava construindo uma base entre os povos dos países atrasados do mundo.

CAPÍTULO 19 - A QUESTÃO NACIONAL E COLONIAL

Os primeiros movimentos nacionais surgiram na Europa Ocidental.

Estes movimentos nacionais foram primariamente liderados pela burguesia em sua luta contra o feudalismo. O principal objetivo dos movimentos nacionais era unificar a nação em um único estado de grande território, que naquele período se encontrava fragmentado por inúmeros senhores feudais. Isso era necessário para a burguesia estabelecer um grande mercado unificado, evitando o desgaste que surge quando se lida com a dominação de vários senhores, cada um com suas regras mercantis particulares. Então, a revolução burguesa contra o feudalismo e o movimento nacional para estabelecer um estado-nação unificado frequentemente se tornavam um só. Sendo assim, o movimento nacional não era uma luta para libertar uma nação da opressão de outra. Em toda a Europa Ocidental, o único lugar onde um movimento nacional de independência se estabeleceu foi na Irlanda, cuja população lutou para se libertar da Inglaterra.

Marx e Engels viveram nesse período, quando os movimentos nacionais tardios ainda estavam para surgir e rebentar, provocando grande impacto. Por isso, eles não dedicaram muito tempo e atenção ao desenvolvimento da teoria Marxista sobre a questão nacional. Marx, no entanto, formulou a posição básica nesse assunto quando se pronunciou sobre a Questão Irlandesa, chamando o proletariado inglês a apoiar a luta nacional do povo irlandês e opor sua opressão nacional.

A próxima fase dos movimentos nacionais surgiu na Europa Oriental, com a expansão do capitalismo e o enfraquecimento dos impérios Russo e Austro-Húngaro. Movimentos nacionais e organizações começaram a crescer em toda a Europa Oriental, incluindo a Rússia. Ter um bom entendimento dessa questão era absolutamente necessário para o movimento proletário internacional e o POSDR (Partido Operário Social-Democrata Russo). Foi durante esse período que Stalin, em 1913, fez a primeira apresentação sistemática do marxismo sobre a questão nacional. Stalin era georgiano, membro de uma nacionalidade oprimida na Rússia, onde um movimento nacional estava se desenvolvendo rapidamente. Na Geórgia era, portanto, duplamente necessário que se apresentasse o entendimento marxista correto e a posição política correta. Foi isso que Stalin tentou fazer com seu trabalho pioneiro, *O Marxismo e a Questão Nacional*.

Em seu trabalho, Stalin começou definindo o que é uma nação. Ele definiu nação como “uma comunidade de pessoas estável e desenvolvida historicamente, baseada na posse comum de quatro atributos principais, sendo eles: uma língua comum, um território comum, uma vida econômica comum e uma constituição psicológica comum que se manifesta na forma de elementos específicos de uma cultura nacional comum.” Stalin rejeitava a ideia de nação baseada somente em religião ou cultura, como era com os Judeus. Ele insistia que uma comunidade deveria ter todas as características acima para ser chamada de nação. Stalin propôs que todas as essas nações deveriam ter o direito à autodeterminação. Esse direito à autodeterminação não poderia, no entanto, se reduzir à autonomia ou ao agrupamento em uma federação, como alguns partidos da época estavam propondo. O direito à autodeterminação deveria incluir o direito à secessão, i.e. de se separar e existir como um Estado independente. No entanto, Stalin pontuou que a forma de exercer esse direito dependia das condições e circunstâncias históricas de um determinado período no tempo. Estava nas mãos dos revolucionários influenciar a nação quanto a sua decisão sobre autodeterminação. A decisão do partido revolucionário seria baseada em qual dos caminhos (autonomia, federação, secessão ou outro) melhor iria atender aos interesses das massas trabalhadoras, especialmente o proletariado.

Apesar da apresentação de Stalin esclarecer muitos pontos, ela ainda era incompleta pois não ligava a questão nacional ao imperialismo e à questão das colônias. Isso só foi feito após a análise de Lenin sobre o imperialismo em 1916. Tendo como base a análise sobre o imperialismo, Lenin ligou a questão da autodeterminação das nações às lutas nacional-libertadoras que estavam em curso nos países coloniais. Assim, ela veio a cobrir a maior parte dos povos do mundo. Ela não era mais um simples problema interno de alguns países que oprimiam nações dentro de seu território. A questão nacional se tornou um problema mundial, uma questão de libertação dos povos oprimidos do fardo do imperialismo em todos os países dependentes e colônias.

Então, quando Lenin apresentou em 1916 sua *Tese sobre a Revolução Socialista e o Direito das Nações à Autodeterminação*, ele incluiu todos os países do mundo em sua análise. Ele dividiu os países em três grupos principais:

Primeiro, os países capitalistas avançados da Europa Ocidental e os Estados Unidos da América. Essas são nações opressoras que subjagam colonialmente outras nações a nível mundial e também dentro de seu próprio território. O dever do proletariado das nações dominantes é opor a opressão nacional e apoiar as lutas nacionais do povo oprimido por suas classes dominantes imperialistas.

Segundo, a Europa Oriental e a Rússia em particular. O dever do proletariado nesses países é sustentar o direito das nações à autodeterminação. Nessa conexão, a tarefa mais difícil, porém mais importante, é unir a luta de classe dos trabalhadores das nações opressoras com a luta de classe dos trabalhadores das nações oprimidas.

Terceiro, os países semicoloniais, como a China, Brasil, a Pérsia (Irã), Turquia e todas as colônias, que então tinham uma população que somava mais de um bilhão. Com relação a esses países, Lenin assumiu a posição de que os comunistas não só devem exigir a libertação imediata, incondicional e sem compensação das colônias, mas também dar apoio resolutivo aos movimentos de libertação nacional nesses países, auxiliando a rebelião e guerra revolucionária contra as forças imperialistas que os oprimem.

Essa foi a primeira vez dentro do movimento internacional socialista que uma posição tão clara havia sido tomada sobre as questões nacional e colonial. Houve, naturalmente, algum debate e confusão. Uma das posições dizia que apoiar a autodeterminação e a libertação nacional era ir contra o internacionalismo proletário. Era dito que o objetivo do socialismo era fundir todas as nações. Lenin concordou que o objetivo do socialismo era abolir a divisão da humanidade em pequenos Estados, aproximar as nações e até mesmo fundi-las. Entretanto, ele compreendia que seria impossível conquistar isso através da unificação forçada de nações. A fusão das nações só poderia ser atingida após atravessar o período transicional de libertação completa de todas as nações oprimidas, i.e. sua liberdade de secessão. Enquanto preservava o programa do partido em 1917, Lenin disse, “Nós queremos a unificação livre, e é por isso que devemos reconhecer o direito à secessão. Sem liberdade de secessão, a unificação não pode ser chamada de livre.” Essa era a posição proletária democrática sobre a questão nacional, que se manteve oposta à política burguesa de opressão nacional e anexação.

CAPÍTULO 20 - A INFÂNCIA E AS CONTRIBUIÇÕES REVOLUCIONÁRIAS DE STÁLIN ATÉ A REVOLUÇÃO DE 1917

Nos anos iniciais após a Revolução de Outubro, Lenin guiou diretamente todas as tarefas do partido e do Estado. Em Agosto de 1918, uma mulher membro do *Partido Socialista-Revolucionário* atentou contra a vida do dirigente, deixando duas balas em seu corpo. Lenin enfraqueceu devido ao atentado, porém continuou com sua rigorosa agenda de trabalho, que lhe deixou cerca de três a quatro horas de sono por dia. Todo esse excesso de trabalho não tardou em afetar sua saúde, principalmente seu cérebro. A partir do final de 1921, Lenin começou a sofrer com severas dores de cabeça e sinais de vertigem (doença que causa irreflexão), o que interferiu em sua rotina de trabalho. Em Maio de 1922, ele sofreu um derrame cerebral que comprometeu sua mão e perna direita, e também sua oratória. A partir desse momento até a data de sua morte, Lenin foi incapaz de continuar com suas contribuições importantes, apesar de seu esplendoroso esforço em recuperar-se para voltar ao trabalho. Um pouco antes do derrame de Lenin, em Abril de 1922, o Comitê Central elegeu Stálin como Secretário Geral. Foi assim que Stálin assumiu a direção do Partido durante a doença de Lenin e até depois de sua morte, em 21 de Janeiro de 1924.

Stálin (“homem de aço”, em russo) foi um dos nomes mais populares do Partido,

antes como Joseph Vissarionovich Dzhugashvili, nascido em 21 de Dezembro de 1879, numa pequena cidade da Geórgia, chamada Gori. Seus pais eram pobres e analfabetos, descendentes de servos. Seu pai, poucos anos após ser libertado da escravidão para com seu senhor feudal, mudou-se, em 1875, do seu vilarejo próximo à Tiflis, a capital do Cáucaso (uma região atrasada do Império Russo, que abrigou Georgia e diversos outros países oprimidos). Ele construiu uma pequena sapataria em Gori, que era equivalente a um distrito municipal. Contudo, não era possível lucrar muito com esse negócio, então teve que deixar sua mulher e filho no local para ser empregado em uma fábrica de sapatos em Tiflis, onde morreu em 1890.

Devido à falta de contribuição para os deveres do lar, por parte do pai de Stálin, este fora criado praticamente apenas por sua mãe, Ekaterina. Ela trabalhou arduamente como lavadeira, sendo que seus ganhos eram a única saída para quitar as despesas da casa. Ela teve três filhos antes de Stálin, mas todos morreram prematuramente. Por esse motivo, Ekaterine fez o possível para dar a Stálin uma educação apropriada. Apesar das dificuldades financeiras, ela não obrigou Stálin a trabalhar como seria o esperado. Invés disso, ela enviou Stálin para a escola da igreja local, quando este completou nove anos. Ela mesma se esforçou para aprender a ler e a escrever em idade mais avançada. Ekaterina foi um grande exemplo de garra e determinação dentro das massas trabalhadoras.

Stálin pessoalmente presenciou a pobreza desde sua infância. Sua casa consistia de duas salas extremamente pequenas, as quais serviam como loja, oficina e lar. Embora Stálin fosse forte e resistente, acabou sofrendo de um ataque de varíola aos seis ou sete anos de idade, o que deixou cicatrizes de pústulas ao longo de seu rosto. Ele também sofreu uma infecção sanguínea, o que inutilizou, permanentemente, seu braço esquerdo.

Durante seus cinco anos na Escola de Gori, Stálin foi reconhecido pela sua inteligência e notável capacidade de memorização. Aqui se deu o primeiro contato de Stálin com as idéias racionalistas, e também foi quando ele negou a religião. Ele começou escrevendo poesias, sendo inspirado pela literatura da própria Geórgia, as quais possuíam temas bastante nacionalistas. Nesse período, Stálin preencheu-se com fortes sentimentos de luta contra a injustiça social e contra a opressão de seu povo.

Devido a sua condição de pobreza, foi impossível que Stálin alcançasse níveis mais elevados de graduação. Contudo, ele foi nomeado como o melhor estudante pelo diretor da escola e pelo padre local, para que recebesse uma bolsa de estudos. Isso permitiu que continuasse seus estudos a partir de 1894 nas melhores instituições de ensino superior do Cáucaso. Então ele cursou o seminário teológico (um curso para formação de padres). Os cinco anos no seminário de Tiflis foram essenciais para que Stálin tornar-se marxista.

A Géorgia, durante a juventude de Stálin estava em constante estado de agitação.

Um dos motivos desta era o sentimento de rebelião do campesinato, pois a abolição da servidão tinha sido adiada, mesmo que já tivesse ocorrido na Rússia. Outro motivo foi o influxo constante de idéias revolucionárias da Rússia. Isso se deu, pois o governo czarista tinha o hábito de deportar os rebeldes e burgueses revolucionários para a Cáucaso. Um tempo depois, entre os deportados se encontravam trabalhadores marxistas revolucionários, como Kalinin, o futuro presidente da União Soviética, e Alliluyev, organizador bolchevique e sogro de Stálin, momentos mais tarde.

O seminário de Tiflis foi um dos pólos de agitação. Ele foi o terreno mais fértil para a inteligência local, e também o maior centro de oposição ao Czar. Em 1893, apenas um ano antes de Stálin juntar-se ao seminário, houve uma greve que levou à expulsão de 87 estudantes. Os principais líderes do ataque tornaram-se, mais tarde, marxistas e revolucionários. Um dos líderes, Ketskhoveli, que também era da escola de Gori, como Stálin, e apenas três anos mais velho, logo se tornou o primeiro mentor político de Stálin.

Stálin, durante seu primeiro ano no seminário, começou a ler por conta própria todo o tipo de literatura radical. Mas teve que fazê-lo secretamente, pois a maioria dos livros não religiosos e com conteúdo político eram proibidos no seminário. Sua poesia, de natureza política e radical, foi publicada pela primeira vez sobre um pseudônimo, numa revista importante da Geórgia. Foi nessa época também que, aos quinze anos, Stálin teve seus primeiros contatos com coletivos secretos de estudos marxistas. Não demorou para que Stálin estivesse sob a vigilância das autoridades do seminário e, até mesmo, para que fosse enviado às celas de detenção pelo delito de leituras proibidas. Nessa época, Stálin também ingressou em um coletivo secreto de debates no próprio seminário. Isso aumentou ainda mais as suas atividades, o que lhe trouxe conflitos mais constantes com as autoridades do seminário.

Aos dezoito anos, em Agosto de 1898, Stálin se juntou ao primeiro grupo comunista da Geórgia, chamado Messane Dassy (O Terceiro Grupo, em russo), o qual a maioria dos líderes vieram a se tornar mencheviques mais tarde. Um tempo depois, Stálin diria “Tornei-me marxista devido a minha posição social (meu pai era operário numa fábrica de sapatos e minha mãe também era uma mulher trabalhadora), mas também... devido à árdua intolerância e à disciplina jesuítica que me oprimiu de forma impiedosa no seminário... O ambiente em que eu vivia estava repleto de ódio contra a opressão czarista.”. Nesse Período, fora do seminário, na cidade de Tiflis, os trabalhadores estavam em movimento. Esses anos assistiram às primeiras greves no Cáucaso. Tão logo Stálin juntou-se ao Messane Dassy, foi lhe dado a tarefa de construir alguns coletivos de estudos para trabalhadores. E ele o fez realizando pequenas reuniões clandestinas com os trabalhadores durante o tempo livre que tinha do seminário. Entretanto, as autoridades do seminário estavam buscando uma forma de lidar com Stálin. Finalmente, ele foi expulso do seminário em Maio de 1899, pelo motivo de não ter comparecido aos exames.

Porém, a expulsão de Stálin não acarretou muitas mudanças em suas atividades

revolucionárias. Após um curto período com a sua mãe, em Gori, ele retornou para Tiflis, organizando e educando trabalhadores, enquanto convivia com eles. Em Dezembro de 1899, Stálin conseguiu um emprego de balconista no observatório geofísico de Tiflis. Esse trabalho pagava muito pouco, porém tomava pouco de seu tempo e era o disfarce perfeito para a polícia secreta do Czar.

Sob esse disfarce, Stálin continuou a expandir suas atividades. No ano seguinte, em 1900, ele organizou e discursou na primeira festa de Primeiro de Maio realizada no Cáucaso. Devido à repressão czarista, essa forte reunião de 500 pessoas precisou ser realizada nas montanhas sobre Tiflis. A reunião foi um evento inspirador que levou a várias greves nas fábricas e ferrovias nos meses seguintes. Stálin foi um de seus maiores organizadores. No ano seguinte, decidiu-se que o Primeiro de Maio seria realizado abertamente no meio de Tiflis, mas os líderes principais foram presos em Março de 1901. A sala de Stálin também fora invadida, mas ele conseguiu escapar. Daquele dia em diante, Stálin levou uma vida clandestina como revolucionário profissional. Sua primeira tarefa fora tomar a liderança da organização e organizar o Primeiro de Maio independentemente da perda de seus principais líderes. Isso ele fez com sucesso, e apesar das prisões e dos ataques violentos por parte da polícia, uma demonstração forte de 2000 pessoas foi vista.

Esses primeiros anos de Stálin na organização socialista também foram tempos de intenso debate sobre economia e outros assuntos. Dentro da organização georgiana, Stálin sempre se opôs aos oportunistas e firmou-se como representante da esquerda. Quando *Iskra* começou, o grupo de Stálin foi o primeiro de seus divulgadores em Tiflis. Eles logo começaram a fazer um jornal ilegal no idioma da Geórgia, em Setembro de 1901, chamado *Brdzola* (A Luta). Stálin era um de seus principais escritores, com muitos artigos sustentando a linha política de *Iskra*. Em Dezembro de 1901, o artigo detalhado “O Partido Social-Democrata Russo e suas Tarefas Imediatas” foi de fundamental importância.

Em Novembro de 1901, Stálin foi eleito para o Comitê Social-Democrata de Tiflis. Ele foi imediatamente enviado à Batum, uma pequena cidade de 25000 habitantes, que era o novo centro da indústria petrolífera ligado por oleodutos até a cidade mais antiga nesse ramo, Baku. Ele logo formou um comitê na cidade sob o disfarce da festa de Ano Novo. Ele também montou uma imprensa secreta no quarto individual onde ele estava hospedado. Muitos panfletos foram distribuídos, o que levou a lutas de trabalhadores. Uma dessas lutas levou à repressão policial, que matou quinze trabalhadores. Todas essas ações foram realizadas em contrapartida aos socialistas locais, que mais tarde se tornaram mencheviques. Finalmente, depois de quatro meses e meio em Batum, Stálin foi preso em Abril de 1902 durante a reunião clandestina do comitê secreto de Batum, mas sua imprensa permaneceu no sigilo. Foi durante seu período em Batum que Stálin adotou um de seus muitos pseudônimos revolucionários, pelo qual ele ficou famoso durante seus

anos de trabalho no Cáucaso. Ele se chamou Koba, o que significa o indomável ou invencível em turco, e era o nome do herói de um dos poemas de seu escritor favorito, durante sua juventude.

Stálin passou um ano e meio em várias prisões. E nelas, ele manteve uma rotina rigorosa: levantava-se cedo, trabalhava duro, lia muito, e foi um dos principais debatedores na comuna da prisão. Ele também era conhecido como um camarada paciente, sensível e útil. Depois de seu período na prisão, mesmo quando nenhuma acusação pôde ser mantida contra ele, acabou sendo exilado para a Sibéria Oriental, em 1903. Enquanto estava na prisão, ele foi, em Março de 1903, eleito para o executivo da recém-formada Federação Caucásiana de grupos Social-Democratas. Uma vez que é muito raro para um camarada preso ser eleito para um comitê, este fato mostra a importância de Stálin na organização caucásiana. O exílio de Stálin para a Sibéria coincidiu com o início da guerra Russo-Japonesa. Stálin e seus camaradas se valeram da confusão para escapar, quase que imediatamente, depois do desembarque na Sibéria. No fim de 1904, ele já estava de volta em Tiflis.

Tão logo Stálin retornou, fora chamado a tomar posição sobre as questões que levaram à cisão entre bolcheviques e mencheviques. A maioria dos socialistas do Cáucaso eram mencheviques, e mesmo os bolcheviques eram por concessões. Apesar da grande maioria dos mencheviques, Stálin logo tomou uma posição com Lenin e os bolcheviques. Ele começou a escrever na imprensa do Partido da Geórgia como suporte vigoroso aos bolcheviques. Em seu primeiro artigo, ele escreveu que o partido é “um grupo militante de líderes” e “precisa ser uma organização centralizada e coerente”. Sua forte posição política o colocou em contato direto com Lenin que, por fora, pediu por cópias do artigo de Stálin. Junto com sua batalha ideológica contra os mencheviques, Stálin estava profundamente envolvido nas lutas revolucionárias que estavam se dando em todo o país como parte da Revolução de 1905. O centro de atuação de Stálin foi o Cáucaso.

Além de participar da organização de greve dos trabalhadores, Stálin começou imediatamente a aplicação prática da chamada bolchevique para a preparação para o levante armado. Ele se tornou o principal organizador, inspiração e guia da organização militar do Cáucaso. Um laboratório secreto e eficiente para explosivos também foi construído. Através das lutas, vários esquadrões de luta foram criados. Eles participaram das inúmeras revoltas, em ataques às gangues da classe dominante Goonda, e mantiveram contato com camponeses guerrilheiros. No período posterior à desaceleração da revolução, quando o partido sofreu uma forte escassez de fundos, alguns dos melhores esquadrões foram utilizados em ações ousadas para levantar dinheiro. Stálin desempenhou o papel principal na direção e organização desse ramo técnico muito sigiloso do partido. Nessa época, ele também escreveu artigos sobre a abordagem marxista para a insurreição.

Em Dezembro de 1905, Stálin participou de sua primeira reunião da Conferência Russa dos Bolcheviques. Foi aqui onde Lenin conheceu Stálin pela primeira vez. Ele também participou do Congresso Unido de Abril de 1906, onde ele foi o único delegado bolchevique de onze delegados do Cáucaso. Os demais eram todos mencheviques. Ele também foi o único bolchevique a participar do congresso de 1907. Em ambos os congressos, um dos pontos de discussão foram levados por Trotsky e pelos mencheviques, chamando por interromper as ações armadas para adquirir dinheiro. Entretanto, a Cáucaso continuou a ser o principal centro para essas ações com uma estimativa de 1150 de pessoas, que ocorreram entre 1905-1908.

Ao final de 1907, Stálin fora eleito no comitê de Baku. Essa cidade petroleira de 50000 trabalhadores possuía trabalhadores de várias nacionalidades e religiões sofrendo com a exploração. Stálin logo uniu os trabalhadores e desenvolveu o centro da luta solidária contra o período negro da reação Stolypin. Sob a adoção de uma nova identidade, ele montou residência e uma imprensa clandestina na região muçulmana da cidade. Foi nesta época que Stálin começou a escrever pela primeira vez em russo. Em 1908, Stálin foi preso, mas continuou a escrever artigos e a orientar as atividades do partido de dentro da prisão. Em 1909, ele foi novamente banido, mas escapou dentro de quatro meses.

Stálin voltou via São Petersburgo e encontrou o estado de desorganização da sede do Partido na capital. Ao retornar a Baku, ele escreveu sobre a situação e pediu posição dos camaradas sobre atuação do Partido em toda a Rússia. Mais tarde, ele também pediu a transferência do centro de direção prática para a Rússia. Após muitos meses de intenso trabalho em Baku e artigos para o órgão do partido no exterior, Stálin foi preso novamente em Março de 1910. Depois de alguns meses na prisão, fora novamente banido e lá permaneceu até Julho de 1911. Dessa vez, sendo proibido de retornar ao Cáucaso ou a qualquer grande cidade, decidiu se estabelecer numa pequena cidade perto de São Petersburgo e Moscou. Mas ele foi preso mais uma vez num período de dois meses. Depois de alguns meses, Stálin foi libertado novamente, mas precisou manter-se longe das grandes áreas urbanas.

Foi durante esse período que o primeiro Comitê Central Bolchevique cooptou Stálin para a organização, através de eleições. Uma de suas primeiras tarefas como membro era distribuir a primeira edição do jornal bolchevique Pravda. Porém, ele foi quase que imediatamente preso novamente, mas depois de três meses de prisão e dois meses na Sibéria, conseguiu escapar. Ele alcançou São Petersburgo a tempo de organizar a campanha das eleições para Duma. Apesar dos bolcheviques terem conquistado apenas seis lugares, representavam mais de 80% dos trabalhadores industriais.

No final de 1912 e início de 1913, Stálin passou algumas semanas no exterior, onde conheceu e teve discussões com Lenin e outros camaradas. Foi durante esse período que ele escreveu seu famoso livro sobre a questão nacional. Ele retornou a São Petersburgo em Fevereiro de 1913, mas foi traído por outro membro do Comitê Central,

Malinovski, que era agente da polícia secreta czarista. Este agente também traiu outro companheiro, Sverdlov. Ambos, Sverdlov e Stálin, foram exilados para as partes mais remotas da Sibéria, o que dificultava a fuga. Durante esse período, Lenin arquitetou planos para a fuga de Stálin, mas os planos acabaram passando pelas mãos desse mesmo agente secreto, que ao invés de ajudar no plano original, apenas transferiu os dois para que fossem mais bem vigiados. Assim, Stálin permaneceu no exílio durante quatro longos anos, até a Revolução Burguesa de 1917, quando o regime czarista foi derrubado. Foi então que ele fora autorizado a retornar para São Petersburgo, onde chegou no dia 12 de Março de 1917. A partir de então, até a chegada de Lenin em Abril, Stálin liderou a direção do partido.

Fazendo um retrospecto sobre a vida política de Stálin, vinte anos antes da Revolução, ele se destaca como um exemplo de coragem, abnegação, dedicação e devoção à Revolução. Além dos longos anos de exílios e prisões, a vida de Stálin passou quase que por completo na clandestinidade, em contato estreito e direto com as massas. Numa vida tão árdua, Stálin quase não teve tempo para manter uma “vida privada”. Casou-se pela primeira vez quando jovem, com Ekaterina Svanidze, a irmã de um de seus companheiros socialistas no seminário de Tiflis. Eles tiveram um filho, que depois da morte de Ekaterina na Revolução de 1905, fora educado por seus pais. Seu segundo casamento foi com Nadezhda Alliluieva, a filha de um dos companheiros de trabalho mais próximos de Stálin. Ele mantinha fortes laços com a família, e foram eles que sempre lhe enviaram roupas, alimento e livros durante seus dias de exílio. Este segundo casamento, por sua vez, só ocorreu quando ambos foram enviados à Tsaritsin (nomeada Stalingrado, posteriormente) durante a guerra civil. E isso só ocorreu após a Revolução de Outubro.

CAPITULO 21 - A CONSTRUÇÃO DO SOCIALISMO: A EXPERIÊNCIA RUSSA

No mesmo momento da Revolução de Outubro haviam dois tipos de visões supostamente marxistas no que diz respeito a construção do socialismo.

Uma dessas visões era representada pelos Mencheviques e outros como eles. Esse grupo se opunha a continuar e realizar a revolução socialista e queria que o poder se mantivesse nas mãos da burguesia. Sua argumentação era que, já que o capitalismo não havia se desenvolvido suficientemente e concentrado os meios de produção, particularmente na agricultura, o momento não era apropriado para o proletariado conquistar o poder. Eles então propuseram que o proletariado deveria esperar certo tempo até o capitalismo se desenvolver em certo grau sobre o controle da burguesia. Isso criaria condições para a nacionalização dos meios de produção e para a construção do socialismo. Os Mencheviques eram como vemos, por completo contrários ao proletariado socializarem os meios de produção e continuarem o caminho com o programa da construção do socialismo.

A outra visão era representada por um grupo interno do partido Bolchevique de pessoas então denominadas Comunistas 'de Esquerda'. Sua posição era que o poder deveria ser conquistado e que todos os meios de produção deveriam ser imediatamente nacionalizados até socializando a propriedade de pequenos e médios camponeses e outros pequenos produtores. Esses Comunistas 'De Esquerda' queriam, como vemos, tomar uma posição antagonista com o campesinato, e assim afastar o principal aliado da revolução.

Lenin lutou contra ambas as visões, e traçou a linha correta para a construção do socialismo. Os principais aspectos do caminho traçado por Lenin para a construção do socialismo podem ser sublinhados nas seguintes formulações:

- a) O proletariado não deve perder suas oportunidades, mas sim usar elas a seu favor para conquistar o poder. Esperar só terá como resultado o avanço do capitalismo que irá arruinar milhões de pequenos e médios produtores individuais;
- b) Os meios de produção industriais devem ser confiscados e convertidos em propriedade estatal;
- c) Os pequenos e médios produtores individuais devem gradativamente se unir em cooperativas agrícolas, i.e., em grandes empreendimentos, fazendas coletivas;
- d) A Indústria deve ser desenvolvida para o mais alto nível e as fazendas coletivas devem ser introduzidas nas modernas e tecnológicas bases da produção de larga escala. A propriedade das fazendas coletivas não deve ser confiscada, mas pelo contrário, generosamente supridas com tratores de primeira-classe e outras máquinas;
- e) Troca por compra e venda, i. e. a produção de mercadorias deve ser preservada por um certo período, já que camponeses não aceitariam qualquer outra forma de ligação econômica entre o campo e a cidade. Mas tais trocas devem ser feitas somente pela forma de trocas soviéticas - entre o Estado, as cooperativas e as fazendas coletivas. Isso deve ser maximamente desenvolvido e os capitalistas de todos os tipos e descrições devem ser externados da atividade de troca.

Desses cinco pontos, os primeiros dois passos, a tomada do poder e a nacionalização da grande indústria foram completados nos próprios primeiros meses. Contudo, os próximos passos da construção do socialismo não poderiam ser realizados imediatamente graças às condições extremamente difíceis geradas pelos ataques por todos os lados que o primeiro Estado proletário enfrentava. Por conta da guerra civil a própria continuidade do Estado estava em questão. Em razão de enfrentar esse ataque universal, o Partido teve de mobilizar o país inteiro para lutar contra o inimigo. Um pacote de medidas de emergência chamado "Comunismo de Guerra" foi posto em prática.

Sobre o Comunismo de Guerra o governo soviético tomou controle da média e da pequena indústria, em adição a indústria de larga escala; Introduziu o monopólio do

estado de toda troca de grãos e proibiu a troca privada de grãos; Estabeleceu o sistema de apropriação do excedente, em que toda produção excedente era então comprada pelo Estado em preços fixados; e finalmente introduziu o serviço de trabalho universal para todas as classes, fazendo o trabalho manual compulsório para a burguesia, assim liberando trabalhadores para responsabilidades de maior importância no Front. Essa política de "Comunismo de Guerra" foi, contudo, um Estado temporário para suprir as necessidades da guerra. Ela ajudou a mobilizar toda a população para a guerra e, portanto resultou na derrota de todos os intervencionistas estrangeiros e reacionários domésticos pelo fim de 1920 e na preservação da independência e liberdade da nova República Soviética.

Em 1921 houve uma nova reviravolta da situação na Rússia. Depois de atingir a vitória na guerra civil, a tarefa era então estabelecer um trabalho de pacificação da restauração econômica. Para esse fim, uma mudança de política foi realizada, do Comunismo de Guerra à Nova Política Econômica (NEP). De acordo com essa mudança, a apropriação compulsória do excedente foi descontinuada, trocas privadas foram reintroduzidas e manufatureiras privadas eram permitidas a abrir pequenos negócios. Isso era necessário porque as medidas do Comunismo de Guerra tinham avançado muito e tornaram algumas frações da massa da base do Partido ressentidas – particularmente o campesinato. No entanto, Trotskistas fortemente se opuseram ao NEP, considerando-a nada além de um retrocesso. Lenin, no Décimo Congresso do Partido, em Março de 1921, contrariou os Trotskistas e convenceu o Congresso da mudança política, que então foi adotada. Mais futuramente Lenin então deu substância teórica da exatidão da NEP em seu Informe nas *Táticas do Partido Comunista da Rússia* apresentado antes do Terceiro Congresso da Internacional Comunista em Julho de 1921. A NEP continuou até o fim de 1925, quando o Décimo-quarto Congresso do Partido tomou a decisão de entrar na nova fase de construção do socialismo, a Industrialização Socialista.

Industrialização Socialista: Naquela ocasião, a União Soviética ainda estava relativamente atrasada, sendo um país agrário, com dois terços de toda a produção vinda da agricultura, e somente um quarto vinda da indústria. Avançando em ser o primeiro Estado socialista, o obstáculo de ser economicamente independente do Imperialismo era de central importância. Portanto o caminho para a Construção do Socialismo deveria primeiramente concentrar-se na Industrialização Socialista. Nas palavras de Stalin, "a conversão do nosso país de agrário para um país industrializado habilitado a produzir o maquinário necessário por seu próprio esforço - essa é a essência. A base da nossa linha geral". Assim, o principal foco foi a indústria pesada que produz máquinas para outras indústrias e para a agricultura. Essa política teve sucesso em construir uma poderosa base industrial independente do imperialismo. Ela também permitiu a defesa da base socialista na Segunda Guerra Mundial. Além disso, expandiu a indústria muito mais rapidamente que diversos países imperialistas, assim provando a imensa superioridade do sistema

socialista. O principal fator para tal foi a participação plena no aumento da produção por toda classe proletária. Naquele tempo todo o mundo capitalista estava sofrendo uma severa crise econômica, enquanto a indústria socialista estava marchando para frente sem problema algum.

No entanto, graças à ênfase especial do desenvolvimento prioritário da Indústria pesada, a agricultura foi negligenciada nos planos. Por isso, no período onde a produção industrial multiplicou-se por nove, a produção de grãos não cresceu nem 1/5 da produção original. Isso mostrou que o crescimento da agricultura era muito menor comparado ao crescimento da indústria. Isso também aconteceu na própria indústria onde a Indústria Pesada crescia muito mais rapidamente que a indústria leve. Mao, em sua *Crítica a Economia Soviética*, criticou essa ênfase e chamou pela promoção simultânea tanto da indústria quanto da agricultura. Dentro do ramo da Indústria, chamou pelo desenvolvimento tanto da Indústria Leve quanto Pesada ao mesmo tempo.

Coletivização da Agricultura: O primeiro passo nesse processo foi posto em prática no período de restauração da própria NEP assim como na formação das primeiras cooperativas entre pequenos e médios camponeses. No entanto graças a resistência dos Kulaks (fazendeiros ricos) não houve muitos avanços. Mais adiante, os Kulaks tomaram uma posição de ativa oposição e sabotagem contra o processo de construção do socialismo. Eles se recusaram a vender seus excedentes de produção para o Estado Soviético. Eles então recorreram para o terrorismo contra as fazendas coletivas, contra trabalhadores do Partido e oficiais do governo no campo, e queimaram várias fazendas assim como estoques de grãos do estado. Em 1927, graças a essa ação de sabotagem, a parte comercializada da colheita foi somente 37% do total comercializado antes da guerra. Portanto naquele ano o Partido tomou a decisão de empreender uma ofensiva para acabar com a sabotagem de resistência dos Kulaks. Se apoiando nos camponeses pobres e se alinhando com os camponeses médios, o Partido foi capaz de atingir o sucesso na compra de grãos e avançar o processo de coletivização. No entanto, o maior avanço chegou ao fim de 1929.

Antes mesmo de 1929, o Governo Soviético tinha posto em prática a política de restringir os Kulaks. A consequência dessa política foi o congelamento do crescimento da classe Kulak, cuja algumas seções, incapazes de resistir a pressão dessas políticas, foram forçadas a sair de serviço e arruinaram-se. Mas essa política não conseguiu acabar com as fundações econômicas dos Kulaks, os destruindo como classe, ou eliminando-os. Essa política foi essencial por certo tempo, no período onde as fazendas coletivas e fazendas do Estado ainda estavam fracas e incapazes de substituir os Kulaks na produção de grãos.

No final de 1929, com o crescimento das fazendas coletivas e fazendas do Estado, o Estado Soviético então mudou rapidamente de direção para a política de eliminação dos Kulaks, destruindo-os como classe. Ele retirou as leis de aluguel de terras e contratos de

trabalho no campo, assim privando os Kulaks tanto de terra quanto dos seus trabalhadores contratados, e retirou o banimento do confisco de propriedade dos Kulaks. Também permitiu os camponeses a confiscar o gado, máquinas e outras propriedades das fazendas dos Kulaks para o benefício de fazendas coletivas. Os Kulaks, portanto perderam todos seus meios de produção. Eles foram expropriados assim como os capitalistas haviam sido expropriados na esfera industrial em 1918. A diferença, no entanto, era que os meios de produção dos kulaks não foram para as mãos do Estado, mas para a mão dos camponeses, unidos em fazendas coletivas.

Um plano 'passo-a-passo' foi adotado para a implementação dessa política. Dependendo das condições das diversas regiões, diferentes taxas de coletivização foram estabelecidas, e o tempo máximo de um ano foi fixado para a completa coletivização. A produção de tratores, colheitadeiras e outros maquinários agrícolas foi extremamente elevada. Empréstimos do Estado para as fazendas coletivas foram dobradas para com total do primeiro ano. 25,000 operários com consciência de classe foram selecionados e enviados para as áreas rurais assim ajudando a implementação desse plano. O processo de coletivização, apesar dos seus erros, avançou rapidamente para seu sucesso. Por volta de 1934, noventa por cento de todas as áreas rurais foram direcionadas para a agricultura socialista, i.e., fazendas do estado e fazendas coletivas.

Todo o processo de coletivização da agricultura foi nada mais que uma revolução onde o proletariado se aliou com os camponeses pobres de médios para quebrar o poder dos Kulaks.

Essa revolução, em um só golpe, resolveu três problemas fundamentais na construção do socialismo:

- a) Ela eliminou a mais numerosa classe de exploradores do país, a classe Kulak, o grande pilar da restauração capitalista;
- b) Ela transferiu a mais numerosa classe trabalhadora do país, a classe camponesa, do caminho da agricultura individual, que faz crescer o capitalismo, para o caminho da agricultura coletiva e socialista;
- c) Ela forneceu para o Regime Soviético uma base Socialista na agricultura - a mais extensa e vitalmente necessária, mas ao mesmo tempo menos desenvolvida, parte da economia nacional.

Com a vitória do movimento pela coletivização, o Partido anunciou a vitória do socialismo. Em Janeiro de 1933, Stalin anunciou que "a vitória do Socialismo em todos os braços da economia nacional aboliu a exploração do homem pelo homem". Em Janeiro de 1934, o Relatório do 17o Congresso do Partido Comunista declarou que: "a forma de estrutura econômica e social do socialismo - agora mantém-se indivisa e é sozinha a força de comando de toda economia nacional". A ausência de qualquer classe antagonista foi

novamente reiterada na apresentação da Constituição de 36 e em outros relatórios políticos.

Erros na Experiência Russa: A experiência russa na construção do Socialismo foi de central importância para o proletariado internacional, e particularmente para todos os países onde o proletariado conquistou o poder. Stálin em seu livro, *Problemas Econômico do Socialismo na URSS*, tentou teorizar de acordo com o processo de construção do socialismo e as leis econômicas do socialismo, mas, no entanto não conseguiu realizar uma análise autocrítica da experiência Russa. Posteriormente Mao fez uma análise da experiência Russa e pontuou alguns erros em sua prática, assim como nas formulações de Stálin.

Mao pontuou os seguintes erros principais na experiência Russa:

1) Não ter dado a devida importância para com a contradição entre as relações de produção e as forças produtivas. Isso se refletiu na prolongada coexistência entre os dois tipos de propriedade - por um lado a propriedade de todo o povo, que representava as indústrias nacionalizadas e fazendas estatizadas, e no outro a propriedade de coletivos (ou cooperativas). Mao via que a coexistência prolongada entre as formas de propriedade de todo o povo e por coletivos estava fadada a se tornar cada vez menos adaptável;

2) Não ter dado a devida importância para a linha das massas durante a construção do socialismo. Mao pontuou que nos primeiros anos a linha das massas foi adotada, mas depois, o Partido Comunista da União Soviética se tornou cada vez menos confiante nas massas. As linhas enfatizadas eram a tecnologia e seus quadros técnicos, ao invés de políticas de massas;

3) Rejeitar a luta de classes. Depois do sucesso do processo de coletivização, não foi dada importância suficiente para a contínua luta de classes que ainda existe dentro do socialismo;

4) Desequilíbrio entre a Indústria Pesada por um lado e a Indústria Leve e a agricultura por outro;

5) Desconfiança no campesinato. Mao criticava as Políticas soviéticas por não terem dado devida importância para o campesinato. Além de traçar tais lições de Stálin e da experiência russa, Mao também aprendeu com a experiência chinesa. Ele então tomou a tentativa de desenvolver a teoria marxista sobre a Construção do Socialismo.

CAPÍTULO 22 - LUTA CONTRA O TROTSKISMO E OUTRAS TENDÊNCIAS OPORTUNISTAS

Durante todo o período da Revolução Russa, e mesmo após a tomada do poder, a linha Bolchevique teve que travar uma luta contra várias linhas oportunistas. Uma das mais importantes dessas tendências anti-marxistas foi o Trotskismo, nomeado assim graças ao

seu criador, Leon Trotsky. Trotsky era um membro do *Partido Operário Social-Democrata Russo* que na época da cisão entre Bolcheviques e Mencheviques, se alinhou ao lado Menchevique. Mais tarde ele tentou formar um bloco separado de ambas as tendências Bolchevique e Menchevique, e até se apresentou como o "centrista" que uniria os dois grupos. Depois do sucesso da Revolução de Fevereiro, ele fez auto-crítica por seus erros e foi admitido no Partido Bolchevique entrando direto no Comitê Central. Depois da Revolução de Outubro, foi Comissário de Relações Exteriores (1917-1918) e Comissário de Assuntos Militares e Navais (1918-1924), cargo do qual foi removido por conta de suas atividades oportunistas e divisionistas.

No período da construção do socialismo, em particular, o Trotskismo desempenhou um papel muito perturbador e divisionista. Stálin conduziu o Partido em uma luta firme contra o oportunismo Trotskista. As três características específicas do Trotskismo, as quais foram esboçadas por Stálin em seu discurso *Trotskismo ou Leninismo*, são:

1) A teoria da revolução permanente: - De acordo com esta teoria, Trotsky propôs que o proletariado deve mover-se rapidamente a partir do estágio democrático-burguês para etapa socialista da revolução sem a ajuda dos camponeses. Assim ele se opunha a qualquer ideia de ditadura do proletariado e do campesinato. Assim ele rejeitou o papel dos camponeses, o mais forte aliado do proletariado. Esta teoria que parece muito 'de esquerda', na verdade, em essência, significava a traição da revolução, porque sem o campesinato não havia nenhuma esperança de sucesso para o proletariado e a revolução estava fadada a terminar em fracasso. Outro aspecto dessa teoria era de que a revolução nos países capitalistas avançados eram necessárias para a construção do socialismo. Sua teoria da Revolução Permanente foi também uma teoria da revolução mundial, que propunha que, apesar da revolução começar a nível nacional, os revolucionários deveriam trabalhar imediatamente para espalhá-la em outros países. Novamente, esta proposta parece muito 'de esquerda', mas na realidade significou uma compreensão muito derrotista que se opôs à possibilidade de construção do socialismo em um só país.

Lenin se opôs a esta teoria anti-marxista assim que ela surgiu, no período imediatamente após a Revolução de 1905, quando Trotsky não fazia parte da fração Bolchevique. No entanto, a teoria apareceu de várias formas e teve de ser combatida em vários momentos após a Revolução de Outubro, quando Trotsky tinha se juntado ao Partido Bolchevique e tornado-se um dos seus principais membros.

O primeiro caso foi imediatamente depois da Revolução, durante as negociações de paz com a Alemanha. Trotsky, baseado em sua teoria, queria que a guerra continuasse, pois achava que ela iria ajudar a situação revolucionária na Alemanha, e o sucesso da revolução na Alemanha, um país capitalista avançado, era mais importante que a consolidação da Revolução na Rússia. Lenin e Stálin vigorosamente se opuseram a este argumento, mas um VII Congresso teve que ser realizado especialmente para discutir e derrotar esse pensamento.

Outro exemplo dessa teoria era a luta da Oposição de Trotsky contra a introdução da *NEP* (Nova Política Econômica). Sendo um opositor da aliança com o campesinato, ele sentiu que a *NEP* não era nada além de um recuo. Ele não aceitava a necessidade de preservar essa aliança e preparar o terreno para a construção do socialismo. Novamente esse entendimento teve de ser combatido e derrotado no X Congresso do Partido.

Um terceiro exemplo foi no momento da mudança da *NEP* para a Industrialização Socialista. Naquela época Trotsky uniu-se com outros elementos para propor a ideia de que não era possível construir o socialismo em um só país. Esta proposta, baseada na ideia de Trotsky da "revolução permanente" e a compreensão da "revolução mundial", teria significado uma abordagem derrotista e oportunista para a construção socialista, a qual supostamente basearia o sucesso do socialismo na Rússia no sucesso da revolução nos países capitalistas desenvolvidos. Stálin uniu o Partido contra esse entendimento no XIV Congresso do partido em 1925.

2) A segunda característica do Trotskismo é a sua oposição aos princípios do Partido Bolchevique. A oposição de Trotsky ao centralismo democrático e ao conceito do partido Leninista era evidente desde o início, com seu apoio aos Mencheviques durante a divisão com os Bolcheviques. Mesmo mais tarde, em 1912, ele uniu todas as tendências oportunistas como os Liquidacionistas e Otsovistas para formar uma fração chamada de Bloco de Agosto. Enquanto fingindo ser um "centrista" que serviria para unir os Bolcheviques e Mencheviques, Trotsky realmente apoiava totalmente os Mencheviques e estava trabalhando em conjunto com eles. Lenin, apoiado por Stálin e outros, opôs-se e lutou contra este bloco oportunista.

Em 1923, quando Lenin estava gravemente doente, Trotsky aproveitou o vácuo na liderança para exigir a retirada de todas as normas do centralismo democrático no partido. Ele uniu todos os elementos mais variados da oposição para formular uma *Declaração dos Quarenta e Seis Oposicionistas*, que exigia a liberdade de frações e tendências no Partido Comunista. Essa demanda divisionista também foi derrotada.

No entanto, as demandas de Trotsky por "liberdade" e "democracia" era totalmente oportunista e dependia de ele estar em uma posição de tomada de decisões ou não. Assim, quando ele estava no centro da tomada de decisões, em 1920, Trotsky propôs a "militarização" dos sindicatos e submetê-los à disciplina do exército. Opôs-se à democracia estar sendo estendida aos sindicatos e à eleição dos órgãos sindicais. Lenin, Stálin e outros camaradas lideraram a luta contra este entendimento e afirmaram que os sindicatos devem basear todas as suas atividades sobre os métodos de persuasão.

3) A terceira característica do Trotskismo foi a sua repetida propaganda falsa contra a liderança Bolchevique. No período inicial Trotsky concentrou todos os seus ataques contra Lenin. No período posterior, Stálin se tornou o foco de todas as formas de difamação.

Depois de Trotsky não obter sucesso na conquista do Partido ao seu lado em debate

aberto, ele começou as manipulações secretas. Em 1926, ele começou uma fração secreta com uma imprensa clandestina e propaganda secreta. Isso foi descoberto e ele foi enfim expulso do Partido. Mudou-se para o exterior, mas continuou a manter ligações com outros fracionistas dentro do Partido. Em 1929 um outro grupo (a Oposição de Direita) foi formado sob a liderança de Bukharin, um membro do Politburo, e se opôs à luta contra os kulaks e o avanço do processo de coletivização da agricultura. Esta linha também foi derrotada.

Nos anos de 1930, no entanto, o Trotskismo deixou de ser uma tendência política dentro da classe trabalhadora. Desistiu das tentativas de propagação aberta de sua linha anti-Marxista, e ao invés disso deslocou-se para planejamentos e manobras secretas. Trotsky e os principais Trotskistas na União Soviética desenvolveram vínculos com os serviços de inteligência estrangeiros e começaram a trabalhar em planos para assassinar alguns dos principais militantes do Partido e assumir sua liderança. Foi como parte deste plano que o Camarada Kirov, na época segundo, depois de Stalin, na liderança do Partido, foi assassinado em 1934. Nos inquéritos que se seguiram, os principais conspiradores, muitos dos quais eram membros do Comitê Central, foram descobertos. Julgamentos abertos foram realizadas onde eles admitiram seus crimes. Muitos foram condenados à morte e executados.

CAPÍTULO 23 - TÁTICAS DURANTE A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

Durante a maior parte do período entre a Primeira Guerra Mundial e a Segunda Guerra Mundial, a economia capitalista mundial estava em um estado de colapso. A produção industrial mundial cresceu a um ritmo muito lento, e o comércio mundial manteve-se estagnado. Na verdade, o comércio total mundial em 1948 (três anos após o fim da Segunda Guerra Mundial) foi o mesmo que em 1913 (um ano antes da Primeira Guerra Mundial começar). A pior fase foi o que é chamado de Grande Depressão, entre 1929-1933, da qual o capitalismo realmente não se recuperou, mesmo até o início da Segunda Guerra Mundial, em 1939. Foi uma crise que afetou praticamente todo o mundo, desde o país mais industrializado ao mais atrasado. A produção industrial caiu e o desemprego atingiu os níveis mais elevados da história. Na Alemanha, quase a metade da classe trabalhadora permaneceu desempregada. Os preços caíram, afetando as economias de quase todos os países.

Como as dificuldades econômicas aumentaram, contradições se acentuaram e houve agitação social e política generalizada em muitos países. Na América Latina, houve tentativas de derrubadas de governos em quase todos os países, muitas das quais foram bem sucedidas. Houve também uma explosão de movimentos de independência em muitos países, incluindo a Índia. Assim, em todas as colônias e semi-colônias houve lutas e um deslocamento para a esquerda. Nos países imperialistas, as classes dominantes tentaram desesperadamente controlar os efeitos sociais da sua crise. Alguns deles

introduziram regimes de bem-estar social para desviar as massas da luta. A maior parte das classes dominantes, no entanto, utilizaram meios repressivos para suprimir o povo. Muitos países trouxeram regimes fascistas. A Itália foi o primeiro país a voltar-se para o fascismo. O Japão passou de um governo liberal a um regime nacional-militarista em 1930-1931. A Alemanha levou os nazistas ao poder em 1933. Em muitos outros países imperialistas também houve um crescimento de partidos de direita e um recuo dos partidos reformistas.

A *Internacional Comunista* analisou este crescimento do fascismo. Ela mostrou como três fatores na situação pós-Guerra haviam afetado as classes imperialistas e levaram à ascensão do fascismo. Em primeiro lugar, o sucesso da Revolução de Outubro e a vitória do socialismo havia feito a burguesia temer o avanço do proletariado e do sucesso da revolução em seus próprios países. Em segundo lugar eles estavam enfrentando a mais grave crise econômica na história do capitalismo. Em terceiro lugar, os dois primeiros fatores estavam fazendo as massas trabalhadoras de todo o mundo se voltarem à revolução. A resposta das classes dominantes imperialistas para todos esses três fatores foi trazer o fascismo à tona.

No VII Congresso da *Internacional Comunista*, que foi realizado em 1935, o fascismo e o perigo de guerra foram analisados detalhadamente. O fascismo foi definido como a ditadura aberta, terrorista dos elementos mais reacionários, mais chauvinistas e imperialistas do capital financeiro. Foi explicado como os imperialistas estavam planejando aumentar drasticamente o saque das massas trabalhadoras. Eles estavam se preparando para travar uma nova guerra imperialista mundial, para atacar a União Soviética, para dividir a China entre as potências imperialistas, e, assim, impedir o avanço da revolução. Enquanto importantes países imperialistas começaram a estabelecer governos fascistas, eles agressivamente começaram guerras locais como preparação para uma nova guerra mundial para a partilha do mundo. Como a Alemanha e o Japão começaram a atacar e invadir novas áreas, as outras potências imperialistas, como a Grã-Bretanha, França e os EUA iniciaram uma política de transigência e concessões em relação aos agressores fascistas e tentaram usá-los para destruir a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. Foi no contexto de tais táticas perigosas usadas pelos imperialistas que o proletariado internacional tinha de trabalhar e implementar suas táticas.

As táticas do proletariado foram diretamente oposta às táticas dos imperialistas. Os objetivos da classe trabalhadora internacional foram a defesa da União Soviética, a derrota do fascismo e dos instigadores da guerra, a vitória das lutas de libertação nacional e o estabelecimento do poder soviético em tantos países quanto possível.

Para atingir estes objetivos a *Terceira Internacional* adotou táticas com princípios marxistas de táticas de guerra. Como durante a Primeira Guerra Mundial, a Internacional apelou a todos os comunistas para tentar evitar a eclosão da guerra, e no caso de uma guerra realmente começar, a Internacional instruiu que todos os comunistas deveriam

trabalhar para converter a guerra injusta, imperialista, em guerra civil e assim, completar a revolução. No entanto, a principal diferença em relação à situação da Primeira Guerra Mundial era que agora havia uma única base socialista - a União Soviética. Era o dever de todo comunista defender esta base socialista. Assim, no caso do Exército Vermelho Soviético ser obrigado a entrar na guerra em defesa da União Soviética, a natureza da guerra mudaria. Ela iria se tornar uma guerra justa para a defesa do socialismo e se tornaria a tarefa de todos os comunistas mobilizarem os proletários e as massas trabalhadoras de todos os países para a vitória do Exército Vermelho sobre o imperialismo. Assim, a abordagem comunista para a guerra e as tarefas dos partidos comunistas do mundo ficaram claras em 1935, quatro anos antes da real eclosão da guerra.

A *Terceira Internacional* elaborou detalhadas táticas de Frente Única, a fim de combater o fascismo e implementar o objetivo citado. Nos países capitalistas dois tipos de frentes seriam criados. Um eram as frentes dos trabalhadores anti-fascistas, que seriam formadas junto com os partidos social-democratas. O outro eram as frentes populares anti-fascistas, que seriam formadas onde necessário, juntamente com outros partidos anti-fascistas, além dos social-democratas. Nas colônias e semi-colônias, a tarefa era formar frentes populares anti-imperialistas, incluindo a burguesia nacional. O objetivo final dos comunistas participando em todas estas frentes era alcançar a vitória da revolução em seus próprios países e a derrota mundial do capitalismo.

Nos anos que antecederam a guerra a maioria dos Partidos Comunistas tentaram implementar as táticas citadas. Frentes Únicas foram formadas e movimentos se desenvolveram em muitos países. No entanto, durante as várias voltas e reviravoltas na situação e nas diferentes condições concretas em vários países, alguns dos partidos não foram bem sucedidos na implementação das táticas corretas.

O governo soviético no entanto, que enfrentou a situação mais perigosa, foi capaz, sob Stálin, de empregar as táticas corretas na situação concreta da Segunda Guerra Mundial. Nos anos pré-guerra foram feitas inúmeras tentativas de construir uma Frente Única dos governos não-fascistas contra o grupo de países agressores fascistas. No entanto, logo ficou claro que esses países não estavam interessados em uma Frente Única, mas estavam fazendo o seu melhor para usar a Alemanha para esmagar a União Soviética. Para derrotar essas táticas, Stálin entrou em um pacto de não-guerra com a Alemanha em agosto de 1939, forçando a primeira parte da guerra ser uma guerra entre as potências imperialistas. Assim partidos comunistas de todo o mundo trabalharam de acordo com as táticas de "tornar a guerra em uma guerra civil" durante os dois primeiros anos da guerra. A União Soviética usou esse período para fazer todos os preparativos possíveis para a sua defesa no caso de qualquer um dos países imperialistas lançarem um ataque.

Isso aconteceu em junho de 1941, quando a Alemanha atacou a base socialista. Com

este ataque o Exército Vermelho foi forçado a responder e o caráter da guerra mudou para o de uma guerra popular anti-fascista e as táticas previstas anteriormente pela *Terceira Internacional* se tornaram aplicáveis. Alguns partidos, empregando as táticas corretas e fazendo uso do crise revolucionária grave, poderiam alcançar revolução. Em particular, o Partido Comunista da União Soviética (PCUS), foi capaz de liderar o Exército Vermelho e todo o povo soviético a uma vitória heróica na guerra. A URSS derrotou o poderoso exército alemão e deu as mãos aos partidos e combatentes comunistas dos países do Leste Europeu para libertá-los da ocupação alemã. Assim, utilizando essas táticas, o proletariado internacional não só conseguiu proteger sua Base Socialista, mas em 1949, poderia quebrar a cadeia imperialista em vários lugares, sair do sistema imperialista mundial e construir um Campo Socialista cobrindo um terço da humanidade. Assim, a estratégia e as táticas traçadas pela *Terceira Internacional*, durante o período da Segunda Guerra Mundial se provaram na prática basicamente corretos.

No entanto, também houve falhas graves. Isto deveu-se principalmente à educação incompleta partindo da liderança da *Terceira Internacional* sobre a abordagem correta na aplicação destas táticas, e aos fortes remanescentes da abordagem reformista da *Segunda Internacional* em muitos dos partidos europeus e os partidos formados por eles - como o Partido Comunista da Índia . Partidos como o PCI e do Partido Comunista da Grã-Bretanha passaram a maior parte de seu tempo no período da guerra popular tentando aumentar a produção. Muitos desses partidos fizeram várias quebras de greves e ficaram alienados da classe trabalhadora. Alguns outros, como o Partido Comunista da França, que se juntaram em frentes únicas com partidos das classes governantes, nem sequer tentaram manter alguma diferença entre comunistas e outros reacionários na frente única. Tal abordagem levou a esses partidos se tornarem caudas das classes dominantes nas frentes únicas que eles participaram. Isto também levou ao desenvolvimento de tendências direitistas, que no período seguinte resultaria nas lideranças de quase todos esses partidos tomarem o caminho do revisionismo.

A *Terceira Internacional*, apesar de não ser capaz de combater estas tendências revisionistas, também tinha perdido a sua eficácia na orientação nas condições muito diferentes enfrentadas pelos vários partidos membros. Exceto pela publicação regular de seus periódicos, a atividade do Comintern foi bastante reduzida a partir de 1940 e até mesmo os habituais manifestos *May Day* e *Revolução de Outubro* foram interrompidos entre maio de 1940 e maio de 1942. Finalmente decidiu-se dissolver o Comintern. Uma vez que o Congresso não poderia ser convocado nas condições de guerra, a Junta Governativa do Comitê Executivo da Internacional Comunista (CEIC) enviou uma resolução recomendando a dissolução da Internacional a todas as suas seções. Depois de receber a aprovação da maioria das seções, incluindo todas as seções importantes, o Comintern foi dissolvido em 10 de junho de 1943.

CAPÍTULO 24 - PRIMEIROS ANOS DE MAO

Mao TseTung nasceu em 26 de dezembro de 1893, na vila de Shaoshan Chung no fértil vale de Shaoshan, na província de Hunan na China. O distrito onde Mao nasceu era rico na área agrícola. Foi também uma área estratégica com todas as principais rotas por estrada e por rio que passavam pela da província de Hunan. Estando no cruzamento, o comércio do povo de Hunan era conhecido pelos seus camponeses mercadores. No final do século XIX e início do século XX Hunan também se tornou um centro intelectual e um centro de dissidência e revolta, forjando alguns dos homens mais sábios da China. E formando tanto os generais militares que ajudaram os imperadores chineses, bem como os revolucionários que derrubaram seu governo. Ela também foi um importante centro da maior revolta camponesa do século XIX - a grande revolta camponesa de Taiping. Hunan forneceu centenas de milhares de combatentes para a rebelião, que durou 14 anos, de 1850 à 1864. Este vasto apoio à revolta camponesa foi por causa da severa pobreza dos camponeses devido à exploração pelos proprietários e tributação excessiva. Embora a revolta tinha sido brutalmente esmagada, a memória da revolta permaneceu forte nas vilas ao redor onde Mao passou sua infância e juventude.

O pai de Mao, Mao Jen-shen, nasceu como um camponês pobre e foi forçado a tornar-se um soldado por sete anos, a fim de pagar as dívidas de seu pai. Mais tarde, por trabalho duro e poupança cuidadosa, ele pôde comprar suas terras de volta. Ele cresceu para se tornar um camponês-médio e um mercador-pequeno. O padrão de vida da família, porém, permaneceu muito pobre. Até com dezesseis anos de idade, Mao só comia um ovo por mês e carne cerca de três ou quatro vezes por mês. O pai de Mao colocava seus filhos para trabalhar o mais cedo possível. Dessa forma Mao começou a trabalhar no campo com seis anos de idade. A mãe de Mao, Wen Chi-mei, era do distrito de Xiangxiang apenas 16 milhas de Shaoshan. Mao foi o filho mais velho. Ele tinha dois irmãos e uma irmã adotiva. Todos os três estavam entre os membros do primeiro braço camponês do Partido Comunista que Mao formou. Todos se tornaram mártires da Revolução.

Mao era um rebelde ainda muito jovem. Ele chamou seu pai de O Poder Dominante. Ele muitas vezes unia-se com sua mãe, seu irmão e os trabalhadores contra a autoridade de seu pai. Na escola também se opôs aos velhos costumes. Uma vez, em protesto contra seu professor, com a idade de sete anos, fugiu e se hospedou por três dias nas montanhas que cercavam sua vila. Após este protesto - que Mao chama de seu primeiro ataque bem sucedido - ele não foi apanhado na escola.

A primeira escola de Mao foi a escola primária da vila, onde ingressou com sete anos de idade. Assim que ele aprendeu a ler suficientemente, ele desenvolveu uma paixão pela leitura. Ele preferia os livros românticos de rebeldia e aventura. Muitas vezes, ele iria ler toda a noite, à luz de uma lâmpada a óleo. O pai de Mao, que tinha muita pouca escolaridade, não estava interessado em Mao continuar sua educação por muito tempo.

Ele precisava de alguém para trabalhar nos campos e para manter suas contas. Assim, em 1906, ele removeu Mao da escola da vila.

Mao, porém, continuou o seu interesse na leitura e constantemente pediu para ser enviado para a educação superior. Seu pai não conseguia entender esse interesse de seu filho, e pensou que a solução estava em arranjar casamento para ele. Com catorze anos de idade, Mao era casado com uma garota da mesma área. Mao, no entanto se recusou a completar o casamento.

Enquanto isso, a atmosfera revolucionária estava crescendo rapidamente nas áreas ao redor. Duas rebeliões tomaram ação nesse período, o qual teve um impacto duradouro em Mao. Uma foi a revolta em Hunan, 1906, liderada pelos revolucionários do partido do nacionalista Sun Yat-sen. A outra foi uma rebelião contra um proprietário de terras por um grupo de camponeses da própria Shaoshan. As duas foram paradas à força e os líderes foram decapitados. Mao foi afetado grandemente pela injustiça e ansiava fazer algo radical para o país e o seu povo. Ele também ansiava a continuar sua educação. Finalmente, em 1910, ele foi enviado para um estágio mais elevado da escola primária, no distrito onde ficava a casa de sua mãe, Xiangxiang.

Os estudantes dessa escola eram todos de famílias de proprietários de terra e de tamanhas riqueza que, inicialmente, desprezaram Mao. Mao, porém, tinha, rapidamente superado todos os outros estudantes pelo seu intelecto superior, trabalho duro, e estudo. Ele sentaria para ler por longas horas na sala-de-aula depois que todos haviam saído. Os seus professores estavam extremamente impressionados por sua habilidade. Dentro de alguns meses, porém, ele estava sem descanso para mover-se em direção a um nível maior. Depois de um ano, ele facilmente passou nos exames para admissão para o ensino fundamental, o qual era situado em Changsha, a capital da província de Hunan. Em Setembro de 1911, Mao andou quarenta milhas até Changsha. Mao, o qual estava com quase dezoito anos, estava vendo uma cidade pela primeira vez.

Changsha, a cidade dos sábios, estava em extremo tumulto nos tempos em que Mao chegou lá. Associações revolucionárias por baixo de vários nomes haviam sido formadas por professores e estudantes. Literatura de pouca fama estava circulando e um estouro estava sendo esperado a qualquer momento. Mao, o qual já havia desenvolvido algum pensamento radical, estava ansioso para participar nos eventos. Dentro de um mês da chegada de Mao, a Revolução Burguesa de 1911 estourou sob a liderança de Sun Yat-sen. Mao imediatamente decidiu se juntar às forças revolucionárias. A revolução, porém, foi rapidamente traída e caiu nas mãos de forças contrarrevolucionárias. Mao, depois de cinco meses, saiu do exército e voltou a Changsha.

Em seu retorno, Mao estava à procura do que fazer e que direção tomar em sua vida. Observando anúncios em jornais, se registrou para certa quantidade de cursos em escolas variando de fabricação de sabão e a academia policial, até a escola de direito e

uma escola de comércio. Ele finalmente passou o exame de entrada para a Primeira Escola Provincial do Ensino Fundamental em Changsha e ficou em primeiro lugar. Depois de seis meses, porém, ele saiu da escola e organizou um cronograma de educação próprio, o qual consistia de ler todos os dias na Livraria Provincial de Hunan. Por seis meses, ele gastaria dias inteiros, das manhãs até as noites, na livraria, com apenas um pequeno almoço e dois bolinhos de arroz. Esse período de leitura intensiva cobriu uma grande quantidade dos tópicos sociais e científicos do Oeste, assim como autores de origem chinesa. Seis meses de tanto estudo, porém, deixaram Mao sem dinheiro. Seu pai, o qual não conseguia conceber o desejo de seu filho de apenas seguir em frente com sua leitura, recusou a ajudar ele, a não ser que o próprio se juntasse a uma escola de verdade.

Portanto, em 1913, Mao se juntou à Primeira Faculdade Normal de Hunan, a qual era uma faculdade de professores. Ele permaneceu lá por cinco anos, de 1913 a 1918. O colapso do governo-central chinês e o estouro da Primeira Guerra Mundial havia criado condições de extrema agitação por entre a China e a guerra-civil chinesa entre províncias de exércitos sob generais senhores da guerra se tornou uma ocorrência comum. Foi também o período quando o Japão, fazendo uso do envolvimento de outros poderes imperialistas na Grande Guerra, tentou alcançar total dominação sobre a China. Isso levou a uma oposição forte entre setores intelectual e revolucionário da China.

Foi durante esses anos que as ideias políticas de Mao tomaram forma. Em 1915 ele se tornou secretário da Sociedade dos Estudantes na Faculdade Normal, e criou a Associação para Auto-governo do Estudante. Essa organização criou várias agitações contra autoridades da faculdade por demandas de estudantes. Mao também liderou essa organização em demonstrações de rua contra a dominação japonesa e seus fantoches chineses. Essa organização se tornou mais tarde um núcleo para futuras organizações estudantis na província de Hunan.

Enquanto os ataques dos senhores de guerra cresciam, os estudantes de vários lugares formaram uma milícia para a auto-defesa. Em 1917, Mao se tornou chefe do batalhão de sua faculdade. Ele obteve algumas armas da polícia local e liderou os estudantes em ataques de guerrilha, contra grupos dos senhores de guerra para coletar mais armas. Usando seu conhecimento de táticas de guerrilha usado mais cedo por combatentes Hunanenses assim como estudo de teoria militar, Mao ergueu o batalhão de sua faculdade em uma força de combate eficiente. Mao também tomou certo interesse em todas as campanhas militares principais da Grande Guerra em andamento. Ele ensinou e escreveu artigos sobre estratégia e tática.

Mao também se envolveu em várias outras atividades. Ele lutou contra os males sociais como a tomada do ópio e a prostituição. Ele lutou contra a opressão das mulheres e tentou garantir ao máximo a participação das mulheres no movimento estudantil. Ele

escreveu e incentivou natação, esportes e treinamento físico intensivo entre os estudantes e jovens. Ele próprio mantinha aptidão física extrema - tomou banhos frios ao longo do ano, nadou em água fria, andava descalço e sem camisa por longas caminhadas nas colinas, etc. Em 1917, ele começou uma escola à noite, onde ele e outros alunos e professores davam aulas aos trabalhadores de fábricas de Changsha gratuitamente.

Em 1918, Mao inaugura a Nova Sociedade de Estudo Popular, o qual ele vinha planejando há cerca de um ano. Foi um dos muitos grupos de estudantes, mas cresceu em outra coisa, como o núcleo de um partido político. Desde o início ele insistiu em ação, bem como debate. Ele não só falava revolução, mas praticava, antes de tudo, revolucionando os seus próprios membros, transformando-os em "novos homens". Tinha membros do sexo feminino e enfrentava entre vários problemas, a opressão da mulher no sistema tradicional de casamento. Suas atividades correram de acordo com um programa de debate, estudo e ação social. A ação social incluía escolas noturnas para trabalhadores, visitas às fábricas, demonstrações contra o imperialismo japonês, escrever artigos, lutando por novas ideias e o uso da língua nativa. Nos anos posteriores, todos os treze membros originais da sociedade ingressaram no Partido Comunista da China (PCCh), fundado em 1921. Em 1919, havia oitenta membros, dos quais mais de quarenta estavam a aderir ao Partido.

Na época da formatura de Mao na faculdade normal em 1918 ele se juntou em Changsha com sua mãe, que foi para lá atrás de tratamento. Ela, porém, não podia ser curada e morreu em outubro de 1918. Após sua morte Mao vai para Pequim, a capital da China, onde por seis meses trabalhou por um baixo salário como bibliotecário assistente na Universidade de Pequim. Este trabalho foi obtido através de Li Ta-chao o bibliotecário da universidade, que foi o primeiro intelectual chinês elogiar a Revolução Russa e um dos primeiros a introduzir o pensamento marxista na China. Sob Li Ta-chao, Mao se desenvolveu rapidamente em direção ao marxismo. Ele começou lendo as obras de Lenin, que haviam sido traduzidas para o chinês. No final de 1918, ele se juntou ao Grupo de Estudos Marxista formado por Li. Ele também conheceu muitos intelectuais e marxistas. Alguém que teve um impacto nele foi Chen Tu-hsiu, que mais tarde se tornaria o primeiro secretário do PCCh. Chen naquela época era editor da revista radical, New Youth, que Mao já havia escrito para e que tinha tido um influência sobre ele.

Mao passou apenas seis meses em Pequim. Durante este período, no entanto, ele se apaixonou por Yang Kai-hui, a filha de um de seus professores da faculdade de Changsha, que era agora professor da Universidade de Pequim. Ela era então uma estudante, fazendo um curso de jornalismo na universidade. E foi portanto, seu primeiro amor. O amor deles era o tipo que era então chamado de amor "novo", onde os parceiros fizeram a sua própria escolha de ir contra o sistema tradicional dos casamentos arranjados. Por algum tempo, o amor deles permaneceu secreto. Eles não tinham certeza se havia tempo para amor quando o país precisava tanto deles. Eles decidiram esperar

algum tempo antes de tornar uma decisão final.

Em Abril de 1919 Mao retornou a Changsha logo antes da explosão do histórico 4 de maio de 1919. Este movimento anti-imperialista democrático sacudiu a China inteira. Embora iniciado pelos estudantes, ele rapidamente cobriu uma vasta seção de operários, mercadores, lojistas, artesãos e outros setores. Mao imediatamente se envolveu com todo seu coração na agitação política. Em sua chegada, ele imediatamente tomou um trabalho com um salário baixo como um professor de Escola Primária. Todo seu tempo livre, entretanto, foi gasto na organização de agitações e espalhando o marxismo. Ele estimulou o estudo do marxismo na Nova Sociedade de Estudo Popular e outras sociedades de estudo que ele teve contato. Ao mesmo tempo, ele construiu a Associação dos Estudantes Unidos de Hunan que abrangeu até mesmo os jovens alunos da escola e garotas estudantes de uma grande maneira. Unindo todas as seções Mao organizou um movimento para a apreensão e queima de produtos Japoneses. Ele trouxe á tona uma revista semanal o *Xiang river review*, que rapidamente teve uma grande influencia nos movimentos estudantis do sul da China. Quando a revista foi banida em Outubro de 1919, Mao continuou a escrever em outros jornais. Logo ele conseguiu um emprego como um jornalista para vários jornais de Hunan e partiu para a grande cidade de Wuhan, Pequim e Xangai para conseguir suporte para os movimentos de Hunan.

No entanto, quando ele desembarcou em Pequim em fevereiro de 1920, ele logo se envolveu com planos para construir o Partido Comunista da China. Ele manteve discussões com seus bibliotecários universitários, Li Ta-chao e outros intelectuais. Ele visitou a fabricas e jardas ferroviárias e discutiu marxismo com os trabalhadores. Ele fez estudos mais aprofundados dos trabalhos de Marx e Engels e outros comunistas. Ele também conheceu Yang Kai-hui, que vinha estudando o Marxismo. Eles discursaram as suas dedicações para um com o outro e para a revolução. Eles ficaram noivos.

Depois de Pequim, Mao permaneceu quatro meses em Xangai, Maior cidade da China e seu maior centro comercial e industrial. Lá ele manteve discussões com Chen Tu-hsiu e outros marxistas de Xangai. Para se sustentar ele aceitou o emprego como um operário, trabalhando 24h em uma lavanderia. Foi durante esse período, em maio de 1920, que o primeiro grupo comunista da China foi criado em Xangai.

Quando Mao voltou para Hunan em Julho de 1920, ele começou a trabalhar para criar um grupo comunista similar em sua região. Seu pai morreu no começo do ano e então Mao inicialmente fez sua casa em Shaoshan. Seus dois irmãos e sua irmã adotada estavam entre os primeiro recrutados. Ele então voltou para Changsha onde ele continuou recrutando. Ali, ele pegou um emprego como diretor de uma escola primaria e também ensinou uma classe na faculdade 'normal' para qual ele recebeu um salário confortável pela primeira vez.

Ao fim de 1920, Mao se casou com Yang Kai-hui e eles viveram juntos pelo o um ano e

meio que Mao esteve em Changsha como diretor de uma escola primária. Eles foram considerados como um casal ideal com Yang sendo também envolvida com o trabalho do partido de que ela se tornou um membro em 1922. Eles tiveram dois filhos, um deles morreu em 1950 como voluntário na guerra da Coreia contra o imperialismo dos EUA. O outro se tornou um contador. Yang, que realizou um trabalho clandestino para o partido foi presa em 1930 e executada.

Embora Mao passasse por várias agitações durante esse período, o foco principal de seu trabalho era a formação e edificação da PCCh. Depois de formar um grupo comunista em Hunan, Mao foi para Xangai para presenciar primeiro congresso nacional do PCCh em julho de 1921 que foi organizado de forma clandestina. Ele foi um dos doze delegados que representaram os apenas 57 membros do partido até o momento.

Depois do congresso, Mao se tornou o Secretário Provincial do Partido da Província de Hunan. Desde o início ele deu atenção particular para a criação do partido em Hunan nas bases dos princípios de partido Leninista. Ele recrutou jovens das organizações revolucionárias existentes, assim como os trabalhadores avançados quem foram ganhos por desenvolver a luta dos trabalhadores. Ele começou duas revistas semanais para elevar o nível político e ideológico dos membros do partido e liga da juventude e para ajuda-los a continuar a educação comunista entre as massas.

Isto foi durante este período até 1923 que Mao concentrou uma grande oportunidade na organização dos trabalhadores em Changasha, a mina de carvão de Anyuan (na província vizinha Kiangsia) e na mina de chumbo de Shuikoushan. Em Agosto de 1921, ele criou o primeiro sindicato comunista. Em 1922, ele fundou a sede em Hunan da *Federação de Toda a China de Trabalhadores*, da qual foi feito o presidente. O movimento e organização da mina de carvão de Anyuan foi um excelente exemplo de organização comunista. O partido fez com que pela primeira vez, no tempo livre das escolas os trabalhadores da mina de carvão continuassem na educação marxista. Em seguida, organizou um sindicato. Enquanto isso, um braço da *Liga Socialista da Juventude* foi formado entre os trabalhadores, os melhores membros dela mais tarde foram recrutados pelo partido. A mina de carvão de Anyuan viu grandes greves, que tiveram grande repercussão no país. Ela tinha uma organização forte, que sobreviveu mesmo em períodos de repressão. Os trabalhadores forneceram um valioso suporte e participação em vários estágios da guerra revolucionária. Anyuan foi o centro de ligação para a primeira base comunista nas montanhas de Ching kang.

Mao não participou no Segundo Congresso Nacional do PCCh, realizado em julho de 1922, perdendo assim sua nomeação. Ele participou do Terceiro Congresso Nacional do PCCh, realizado em junho de 1923, onde então foi eleito para o Comitê Central. Esse Congresso decidiu promover uma frente nacional anti-imperialista e anti-feudal em cooperação com o Partido Kuomintang então liderado por Sun Yat-senn. Isso dirigiu os membros do Partido Comunista a se juntar com o Kuomintang como indivíduos. Mao fez o

mesmo e foi eleito como um membro alternativo do Comitê Executivo Central do Kuomintang entre o Primeiro e Segundo Congresso Nacional realizados em 1924 e 1926. Ele trabalhou como o Chefe do Departamento Central de Propaganda do Kuomintang, editando a revista *Political Weekly* e dirigindo a sexta classe do Instituto do Movimento Camponês.

CAPÍTULO 25 - A LUTA DE MAO CONTRA AS LINHAS DE DIREITA E 'ESQUERDA' E A VITÓRIA DA REVOLUÇÃO CHINESA

A Primeira Guerra Civil Revolucionária: De 1924 até o início de 1926 a Revolução Chinesa avançou rapidamente com o proletariado e o campesinato em grande agitação. Em 1925 o protesto contra o massacre de manifestantes do 30 de maio, pela polícia britânica em Shanghai, se tornou um movimento popular anti-imperialista envolvendo todas as seções da massa ao redor do país. O país estava no limite de uma batalha decisiva entre revolução e a contra-revolução.

Contudo, em seguida, dois desvios atormentaram o PCCh. A camarilha da direita oportunista foi liderada pelo então Secretário-Geral do Partido, Chen Tu-Hsiu. Ele tomou a posição de que a revolução democrático-burguesa deveria ser liderada pela burguesia e o objetivo da revolução deve ser o de formar uma república burguesa. De acordo com sua linha a burguesia era a única força democrática com a qual a classe trabalhadora deveria se unir. Ele não considerou nenhuma possibilidade de construir uma aliança com o campesinato. De outro lado, haviam os oportunistas de 'esquerda' que eram representados por Chang Kuo-Tao, o líder da *Federação do Trabalho de Toda China*. Ele via apenas o movimento da classe operária, e argumentava que a classe operária é forte o suficiente pra fazer a revolução sozinha. Portanto, sua camarilha também ignorava o campesinato.

Enquanto lutava contra esses dois desvios, Mao fez suas primeiras grandes contribuições para o desenvolvimento da teoria marxista. Em março de 1926, ele desenvolveu sua famosa *"Análise das Classes na Sociedade Chinesa"* e em março de 1927, ele apresentou seu *"Relatório Sobre Uma Investigação Feita no Hunan a Respeito do Movimento Camponês"*. Nesses trabalhos ele tentou responder às questões mais básicas da Revolução Chinesa. Quem são os amigos e inimigos da revolução? Quem é a força dirigente? Quem são os aliados confiáveis e os vacilantes? Ele argumentou que era o proletariado e não a burguesia que deveria liderar a revolução. Porém o proletariado não seria capaz de vencer lutando sozinho. Ele ressaltou o papel do campesinato, que era o mais próximo e mais numeroso aliado do proletariado. Ele também apontou que a burguesia nacional era um aliado vacilante com a possibilidade da ala direita se tornar um inimigo e a linha esquerda remanescente uma amiga da revolução. Mao também apresentou suas ideias sobre a forma como as massas deveriam ser mobilizadas, um governo revolucionário estabelecido e as forças camponesas armadas organizadas. Esta

foi a clara perspectiva de Mao para a direção que as forças revolucionárias deveriam tomar.

Este foi o tempo da Expedição do Norte, que foi uma parte crítica da primeira fase da Revolução Chinesa – a Primeira Guerra Civil Revolucionária. Era uma marcha feita pelo Exército Revolucionário sob a liderança da *Frente Revolucionária Unida* (A aliança Kuomintang-PCCh). Iniciou-se em julho de 1926 em Kwantung no sul da China, seu objetivo era destruir o governo reacionário dos Senhores da Guerra do Norte, serviçais do imperialismo, numa guerra revolucionária e alcançar a independência e unidade da China.

A Expedição do Norte foi inicialmente um grande sucesso em todo o Sul da China e muitos dos Senhores da Guerra do Sul foram derrotados ou conquistados. Sob a influência da Expedição do Norte, houve um abalo entre o campesinato. O proletariado organizou muitos levantes armados na cidade para corresponder com o avanço do Exército Revolucionário. Mesmo Shanghai, a maior cidade industrial e comercial da China, foi libertada em março de 1927 após três tentativas de rebelião dos trabalhadores armados.

Depois de alcançar grandes vitórias, no entanto, a camarilha burguesa representada por Chiang Kai-Shek (o principal líder do Kuomintang após a morte de Sun Yat-Sen em 1925), quebrou a *Frente Unida*. Em Abril de 1927, massacres apoiados pelos imperialistas foram deferidos contra quadros comunistas em várias partes do país. O oportunista de direita Chen Tu-Hsiu líder do PCCh, no entanto, ao invés de mobilizar os trabalhadores e camponeses contra os reacionários do Kuomintang, se submeteu a eles. Em julho de 1927 outra camarilha do Kuomintang realizou massacres contra os comunistas. Isto resultou na quebra da *Frente Unida* e na derrota da Primeira Guerra Civil Revolucionária.

A linha direita de Chen Tu-hsiu, que dominava ao longo do período da Primeira Guerra Civil Revolucionária foi uma das razões importantes pela falha da revolução durante este período. Ainda que Mao lutasse contra essa linha de direita, ele não poderia ganhar o apoio da maioria no Partido. Na verdade, no V Congresso Nacional, realizado durante este período, em abril de 1927, Chen teve êxito em eliminar Mao do Comitê Central.

O Período da Segunda Guerra Civil Revolucionária: Em agosto de 1927, no início do seguinte período – O período da Segunda Guerra Civil Revolucionária – Chen Tu-Hsiu foi removido do cargo de Secretário Geral depois de uma crítica firme ao seu oportunismo de direita. Mao voltou ao Comitê Central e se tornou um membro suplente do Politburo provisório. No entanto, a crítica correta da linha de direita deu lugar, em novembro de 1927, a dominação da linha oportunista de 'esquerda' no Comitê Central, sob a liderança de Chu Chiu-Pai, um camarada intelectual que retornou de um treinamento na URSS. Essa linha formulou a avaliação errada de que a revolução Chinesa estava em um 'aumento contínuo', e assim demandava por rebeliões armadas em muitas cidades. A liderança criticou Mao por defender e liderar uma rebelião camponesa e se opor as

rebeliões armadas nas cidades grandes. Ele foi novamente removido de seu posto Central. Ele também foi removido como membro do Comitê Provincial de Hunan. A linha oportunista de 'esquerda' levou a enormes perdas e ao abandono dessa linha em abril de 1928.

O VI Congresso do PCCh, realizado em Moscou em junho de 1928, retificou essa primeira linha oportunista de 'esquerda' e adotou um entendimento basicamente correto, repudiando ambas as posições oportunistas, tanto de direita quanto a de 'esquerda'. Embora Mao não tenha comparecido ao Congresso, o mesmo basicamente apoiou sua posição em muitos pontos. Em sua ausência ele foi novamente eleito como membro do Comitê Central. Foi durante a implementação deste entendimento e enquanto fortalecia novamente o Exército Vermelho após as falhas da Expedição do Norte e as rebeliões da cidade, que Mao fez suas contribuições adicionais para o desenvolvimento da teoria marxista-leninista. Ele escreveu "*Porque Pode Existir na China o Poder Vermelho*" em outubro de 1928, e "*A Luta nas Montanhas de Tchincam*" em novembro de 1928. Esses trabalhos históricos providenciaram a base teórica para o processo da construção e desenvolvimento do Exército Vermelho até então em curso. Mao, começando com um grupo pequeno de lutadores composto por trabalhadores e camponeses, formado após a falha da rebelião camponesa em 1927, criou a primeira base nas montanhas de Tchincam em outubro de 1927. Ao longo do período de 1927 até o início de 1930 a área das rebeliões do campesinato e as bases revolucionárias rurais cresceram firmemente. Muitas das seções lutadoras sob a liderança Comunista se juntaram as forças de Mao. O Exército Vermelho cresceu para 60.000 soldados e um pouco depois para 100.000 soldados.

Porém as ideias da linha oportunista de 'esquerda' novamente começaram a ascender e a partir de 1930 tomou a liderança do partido. Duas linhas oportunistas de 'esquerda' lideradas por Li Li-San em 1930 e Wang Ming em 1931-34 dominaram o partido e causaram dano incalculável. Li Li-San em junho de 1930 elaborou um plano para organizar rebeliões armadas nas grandes cidades em todo o país e para concentrar todas as unidades do Exército Vermelho para atacar essas grandes cidades. A tentativa de implementar este plano, entre junho e setembro de 1930 levou a perdas severas e uma demanda de quadros para sua retificação. Durante esse período, Mao conduziu um ataque à Changsha, mas retirou-se para evitar grandes perdas em face de forças superiores imperialistas e do Kuomintang. Após a retirada houve uma repressão brutal em Changsha durante a qual Yang Kai-hui, esposa de Mao que estava fazendo um trabalho secreto no local, foi executada, Li Li-san fez a autocrítica na Conferência em Setembro de 1930 e se retirou das posições de liderança, Mao e Chu Teh (Comandante do Exército Vermelho) assumiram o recém-formado Politburo.

Esse Politburo foi, entretanto, contornado por uma Conferência chamada em janeiro de 1931 por Wang Ming do *grupo dos vinte e oito* pretensamente chamados "Bolcheviques" que haviam retornado após o treinamento na URSS. Eles não chamaram Mao e Chu Teh

para a plenária, mas, mesmo assim, removeram eles e outros do Comitê Central. Em agosto de 1932 Mao também foi removido dos seus postos como secretário da Comissão de Frente* e como comissário político do Exército Vermelho. Com o Partido e o Exército Vermelho em seu total controle a camarilha de Wang Ming cometeu inúmeros erros que levaram a perdas severas. Durante este período seu principal ataque foi contra Mao, que representava, de acordo com eles, o oportunismo de direita e o maior perigo dentro do Partido. A linha correta de Mao foi chamada de “linha dos camponeses ricos”. Métodos sectários e faccionários foram usados pela linha oportunista de 'esquerda' para atacar não apenas Mao mas também os líderes das linhas oportunistas de 'esquerda' anteriores, Li Li-San e Chu Chiu-pai. Enquanto a camarilha de Wang Ming estava criando estragos no Partido, Chiang Kai-Shek estava organizando repetidas campanhas de cerco e aniquilamento contra as áreas da base Vermelha. As primeiras quatro campanhas foram derrotadas graças à liderança de Mao e a influência de seus princípios estratégicos antes da liderança de oportunista 'esquerda' adquirir total controle sobre o Partido e o Exército Vermelho nas bases de apoio. Contudo, quando a liderança oportunista de 'esquerda' efetivamente se mudou para uma base de apoio sua liderança direta levou a sérios erros e a derrota das forças Comunistas na Quinta Campanha das forças do Kuomintang. A fim de romper o cerco de Chiang Kai-Shek e obter novas vitórias foi decidido a partir de outubro de 1934, empreender a estratégia que abalou o mundo do Exército Vermelho, a Grande Marcha. Mao estava acompanhado por sua então esposa, Ho Tzu-Chen, um quadro do Partido de uma família camponesa da base de apoio de Jiangxi. Eles se casaram em 1931, após a morte da anterior esposa de Mao, Yang Kai-hui. Eles tiveram dois filhos que foram deixados com os camponeses na base de apoio de Jiangxi no início da Grande Marcha.

Foi durante a Grande Marcha, na Conferência de Zunyi do PCCh, em janeiro de 1935, que a liderança do partido mudou para as mãos de Mao e suas políticas. Esta foi uma reviravolta para a Grande Marcha assim como para a Revolução Chinesa. Foi então decidido continuar a Grande Marcha em direção ao norte para poder coordenar melhor o movimento anti-japonês em todo o país, que tinha crescido continuamente desde o ataque japonês e a ocupação no Nordeste da China em 1931.

Durante a Grande Marcha, além dos repetidos ataques das tropas do Kuomintang, o Partido também teve de enfrentar a linha do acovardamento e dos 'senhores da guerra' liderada por Chang Kuo-Tao. Duas conferências do Comitê Central foram realizadas durante a Grande Marcha, derrotando a proposta de Chang Kuo-Tao de recuar de áreas de minoria nacionais em Xinjiang e Tibete. Ele de qualquer forma se recusou a seguir a decisão do Partido e tentou formar um novo Centro do Partido. Ele liderou uma seção do Exército Vermelho em uma direção diferente na qual eles foram atacados e destruídos pelas forças do Kuomintang. Chang se tornou um traidor e se juntou ao Kuomintang. A principal força do Exército vermelho chegou ao seu destino na província de Shaanxi no

nordeste da China em outubro de 1935, um ano depois de terem iniciado a Grande Marcha. O Exército Vermelho possuía em torno de 3.000.000 pouco antes do início da “Quinta Campanha de Cerco” foi agora reduzido a pouco mais de vinte mil. Foi este núcleo que criou a base de apoio de Shensi-Kansu-Ninghsia (nas áreas da fronteira destas três províncias no norte da China). O nome desta capital se tornou famoso e conhecido como Yan'an. Esta foi a base a partir da qual Mao guiou o Partido e o Exército Vermelho à vitória em 1945 na guerra contra o Japão.

Foi durante este período que Mao e Ho Tzu-chen se divorciaram em 1938. Em abril de 1939 Mao se casou com Chiang Ching. Chiang Ching foi o pseudônimo usado no partido de Lan Ping, uma atriz de filmes e teatro, que se juntou ao partido em 1933 e se mudou para Yan'an em 1937 para ensinar teatro na Academia de Artes e participava das equipes de propaganda entre o campesinato. Mao que tinha um grande interesse em arte e literatura a conheceu durante seu trabalho, eles se apaixonaram e decidiram se casar.

O Período da Guerra da Resistência Contra o Japão: Imediatamente depois de completar a Grande Marcha. Mao se concentrou em adotar e implementar uma nova orientação tática para acabar com a Guerra Civil e unir o máximo de forças na Guerra da Resistência contra o Japão. A apresentação '*Sobre a Tática na Luta Contra o Imperialismo Japonês*' foi um grande desenvolvimento de “*Táticas Marxistas-leninistas da Frente Única*”. Isto foi mais tarde desenvolvido em seu Relatório “*As Tarefas do Partido Comunista da China no Período da Resistência ao Japão*” em maio de 1937. Dando uma brilhante exposição do estágio de desenvolvimento das contradições externas e internas da China. Mao explicou a mudança da contradição principal causada pela agressão do Japão, e portanto, a mudança na tática da *Frente Única*, necessária para enfrentar a nova situação. Ele chamou para uma *Frente Única* com o *Kuomintang* com o fim de afastar os agressores Japoneses. Chiang Kai-shek, portanto, não concordou em se juntar a uma *Frente Única* até que ele foi forçado a fazê-lo pela propaganda do PCCh e pela pressão de algumas facções em seu próprio partido. Ele finalmente concordou quando foi preso em dezembro de 1936 por dois de seus próprios generais que insistiam que uma *Frente Única* deveria ser formada com o PCCh. A *Frente Única Anti-Japonesa* foi construída em agosto de 1937.

Durante o período da Guerra de Resistência, Mao teve novamente que combater tendências erradas, embora estas não tenham crescido para conquistar a liderança do Partido e a luta. Uma era uma tendência pessimista da subjugação nacional presente em algumas seções do *Kuomintang* na *Frente Única*. Essas pessoas após algumas derrotas nas mãos dos japoneses sentiram que os chineses estavam fadados a serem subjugados e governados por japoneses e outros imperialistas. Uma facção até mesmo se preparou para se render. De outro lado estava a tendência em algumas seções do PCCh, que acreditavam que desde que a *Frente Única* se formou haveria uma vitória rápida sobre os Japoneses. Estes camaradas superestimaram a força da *Frente Única* e não viram o lado

reacionário da camarilha de Chiang Kai-shek. A fim de corrigir essas teorias equivocadas e apontar o curso correto da guerra, Mao em maio de 1938 lançou seu livro “*Sobre a Guerra Prolongada*” no qual apontava que a guerra iria finalmente acabar em vitória, mas esta vitória não seria rápida. Ele também neste e em outros escritos estabeleceu princípios militares da guerra.

Mao também escreveu vários trabalhos filosóficos para ajudar a educar os quadros do Partido e remover os efeitos danosos das anteriores linhas oportunistas de direita e de 'esquerda'. Baseada nestes escritos, entre 1941 e 1944, a longa '*Campanha de Retificação*' foi realizada para combater os principais erros no Partido. Foi combinada com discussões aprofundadas para rever a história do Partido. Chou En-lai, que havia sido um importante companheiro durante este período, particularmente participou neste processo. Isto levou finalmente a um completo e aberto repúdio das linhas erradas anteriores. Este entendimento foi adotado na “*Resolução de Certas Questões na História do Nosso Partido*” no Congresso do PCCh realizado em abril de 1945.

Armados com a linha correta e com as táticas corretas, o PCCh levou o povo chinês a vitória, primeiro na Guerra da Resistência contra o Japão e depois contra os reacionários liderado por Chiang Kai-shek. Com uma força de combate de pouco mais de vinte mil no final da Grande Marcha, o Exército Vermelho cresceu a uma força de um milhão ao fim da guerra anti-japonesa, em 1945. Naquela época, no VII Congresso do PCCh em abril de 1945, Mao no seu relatório “*Sobre o Governo de Coligação*”, apresentou um resumo detalhado da guerra anti-japonesa e uma análise da atual situação internacional e nacional. Ele deu um programa específico para a formação de um governo de coalizão com o *Kuomintang* após a vitória sobre as forças japonesas.

O Período da Terceira Guerra Civil Revolucionária: No entanto, após a vitória sobre os japoneses, Chiang Kai-shek, pelo apoio do imperialismo norte-americano e a superioridade de suas forças militares, se recusou a concordar com a formação de um governo de coalizão em quaisquer condições razoáveis. Naquele tempo, mesmo Stálin queria que o PCCh chegasse a um acordo, dizendo que eles não deveriam ter uma guerra civil e deveriam cooperar com Chiang Kai-shek, caso contrário, a nação chinesa pereceria. No entanto, o PCCh, sob Mao foi em frente e lutou o que veio a ser conhecido como a Terceira Guerra Civil Revolucionária. Contando com o apoio total das massas e, particularmente, o campesinato, o Exército Vermelho foi capaz de alterar o equilíbrio militar de forças e em julho de 1947 partir da estratégia defensiva para estratégia ofensiva. Em outubro de 1949, o PCCh, dentro de um período de quatro anos, obteve a vitória em âmbito nacional sobre o *Kuomintang*, apoiado pelos EUA.

Como a China obteve vitória, marxistas-leninistas e o proletariado em todo o mundo estavam cheios de alegria e orgulho na formação de um campo socialista aparentemente invencível abrangendo um terço da humanidade. Mao, no entanto, deu uma ideia dos

desafios e perigos do próximo período. Em 1949, por ocasião do vigésimo oitavo aniversário da fundação do PCCh, em seu discurso de “*Sobre a Ditadura da Democracia Popular*”, ele disse: “Durante estes vinte e oito longos anos de existência, nosso Partido só fez uma coisa: obtivemos a principal vitória na luta revolucionária. Convém destacá-la porque é a vitória do povo e a vitória num país tão grande quanto a China. Entretanto, muito trabalho está ainda por fazer. O que foi feito até agora é apenas o primeiro passo de uma longa marcha de 10.000 li [medida de distância desconhecida].”

CAPÍTULO 26 - O CAMINHO DA REVOLUÇÃO NAS COLÔNIAS E SEMI-COLÔNIAS

Imediatamente após o estabelecimento da República Popular da China, o movimento comunista internacional reconheceu o significado do caminho chinês da revolução para as colônias e semi-colônias. Em 27 janeiro de 1950, o editorial “*Por uma paz duradoura, por uma democracia popular*”, o órgão do *Cominform*, declarou: “o caminho tomado pelo povo chinês ... é o caminho que deve ser tomada pelo povo de muitos países coloniais e dependentes na sua luta pela independência nacional e democracia popular.”

“A experiência da vitoriosa luta de libertação nacional do povo chinês ensina que a classe trabalhadora deve se unir com todas as classes, partidos, grupos e organizações dispostas a lutar contra os imperialistas e seus mercenários, e formar uma frente ampla de escala nacional, dirigida pela classe operária e sua vanguarda - o Partido Comunista ...”

“Uma condição decisiva para o desfecho vitorioso da luta de libertação nacional é a formação, quando as condições internas necessárias permitirem, de exércitos populares de libertação sob a liderança do Partido Comunista.”

Assim, a aplicabilidade universal da teoria marxista-leninista desenvolvida por Mao (Pensamento Mao Tse-tung) foi reconhecida e começou a tornar-se a orientação para os verdadeiros revolucionários em todo o mundo, particularmente nas colônias e semi-colônias.

A formulação do caminho da Revolução Chinesa de Mao tinha sido desenvolvida em seus numerosos escritos durante o avanço da Revolução. Lênin já havia salientado que, na era do imperialismo e da revolução proletária era o proletariado e não a burguesia que lideraria a revolução democrático-burguesa. Mao em seu trabalho *Sobre a Nova Democracia*, levando essa formulação de Lênin adiante, salientou ainda que, nesta época, nenhuma revolução numa colônia ou semi-colônia que é dirigida contra o imperialismo faz parte da velha categoria da revolução mundial democrático-burguesa, mas de uma nova categoria; já não é parte da antiga revolução burguesa ou capitalista, mas é parte da nova revolução mundial, a revolução socialista proletária mundial. Essas colônias e semi-colônias revolucionárias já não podem ser consideradas como aliadas da

frente contra-revolucionária do capitalismo mundial; elas tornaram-se aliadas da frente revolucionária do socialismo mundial. Assim, a fim de diferenciar da revolução democrático-burguesa, ele chamou a revolução nas colônias e semi-colônias de Revolução de Nova Democracia. Nesta base, ele elaborou a política, economia e cultura da Nova Democracia.

Mao também desenvolveu a concepção da frente única que Lênin e Stalin tinham formulado. Ele mostrou que a burguesia nas colônias e semi-colônias foi dividida em duas partes - a burguesia burocrática-compradora e a burguesia nacional. A burguesia compradora, que dependia do imperialismo para a sua existência e crescimento, sempre foi um inimigo da revolução. A burguesia nacional era um aliado vacilante, que às vezes ajudaria a revolução e outras vezes se juntaria aos inimigos. Assim, a *Frente Única* sob a liderança do proletariado seria composta por uma aliança de quatro classes - o proletariado, o campesinato, a pequena burguesia urbana e a burguesia nacional. Os inimigos da revolução foram o imperialismo, a burguesia burocrática-compradora e os latifundiários.

De acordo com Mao a revolução nas colônias e semi-colônias não iria seguir o caminho da insurreição seguida pela Revolução Russa, onde as principais cidades foram capturadas primeiro que o campo. Ele mostrou o caminho chinês da guerra popular prolongada que envolveu a construção de áreas revolucionárias na zona rural, a construção de zonas de guerrilha e bases de apoio e do cerco final e captura das cidades. Para isso Mao estabeleceu os princípios militares da guerra revolucionária. Ele ensinou como construir o Exército Vermelho, que era uma arma absolutamente necessária da revolução. Começando pela guerrilha, indo à guerra de movimento e finalmente à guerra de posições, Mao mostrou o caminho de como uma pequena força pode contar com as massas para construir as forças necessárias e derrotar um inimigo formidável.

Finalmente, baseando-se na compreensão marxista-leninista do Estado e da ditadura do proletariado, Mao elaborou a teoria sobre a forma do Estado nas revoluções nos países coloniais semi-coloniais. Com base na teoria da Nova Democracia, ele formulou a compreensão da República de Nova Democracia.

Mao explicou que esta República de Nova Democracia seria diferente da antiga forma europeia-americana de república capitalista sob a ditadura da burguesia, que é uma antiga forma de democracia já fora de data. Por outro lado, também seria diferente da República Socialista do tipo soviético sob a ditadura do proletariado. Durante um certo período histórico, esta forma também não era adequada para as revoluções nos países coloniais e semi-coloniais. Durante este período, portanto, era necessário ser adotada uma terceira forma de Estado nas revoluções de todos os países coloniais e semi-coloniais: a República de Nova Democracia sob a ditadura conjunta de várias classes de anti-imperialistas.

Uma vez que esta forma se adapte a um determinado período histórico, é por consequência uma fase de transição. No entanto, de acordo com a Mao, é uma fase que é necessária e não pode ser dispensada.

Este Estado foi estabelecido após a vitória da Revolução Chinesa, sob a forma de Ditadura Democrática Popular. Mao explicou a essência da ditadura democrática do povo como a combinação de dois aspectos - a democracia para o povo e ditadura para os reacionários. O povo a classe operária, o campesinato, a pequena burguesia urbana e a burguesia nacional. Essas classes, lideradas pela classe operária e o Partido Comunista, se unem para formar seu próprio Estado e eleger seu próprio governo; impondo a sua ditadura sobre os lacaios do imperialismo - o latifúndio, a burguesia burocrática e seus representantes.

Mao salientou ainda que o Partido Comunista tinha que liderar o processo de transformação da Ditadura Democrática Popular em Estado Socialista. A Ditadura Democrática Popular, liderada pelo proletariado e baseado na aliança operário-camponesa, necessita a união através do Partido Comunista das principais forças da ditadura, que é toda a classe trabalhadora, todo o campesinato e as grandes massas de intelectuais revolucionários. Sem essa unidade, a ditadura não pode ser consolidada. Também é necessário que o Partido se una com o maior número possível de representantes da pequena burguesia urbana e burguesia nacional que está disposta a cooperar, com seus intelectuais e grupos políticos. Isso é necessário para isolar as forças contra-revolucionárias. Se isso for feito, após a vitória da revolução será possível restaurar rapidamente e desenvolver a produção, lutar contra o imperialismo, transformar uma economia agrícola semi-colonial atrasada em um país industrial e construir um Estado socialista.

CAPÍTULO 27 - MAO SOBRE A FILOSOFIA

Os escritos de Mao sobre filosofia são direcionados para educar os quadros e as massas do partido no marxismo-leninismo, de modo a alterar o modo de pensar e a prática. O próprio Mao foi um fervoroso estudante de filosofia. Quando ele pegava livros de filosofia ele consumia-os em intensa e concentrada leitura. Devido à influência anterior dos dogmáticos que haviam retornado após estudarem na URSS e não conseguiam relacionar o seu conhecimento com a realidade, Mao era continuamente ansioso para fazer os estudos e o ensino do Partido ligarem-se à prática. Ele queria fazer a filosofia marxista, e particularmente o método dialético marxista de uso para todos os quadros e militantes do partido e para as massas comuns.

A teoria do conhecimento: o ensinamento de Mao sobre a teoria do conhecimento era de importância primordial. Um trabalho importante foi seu ensaio *Sobre a Prática - sobre a relação entre conhecimento e prática, entre saber e fazer*. Embora tenha levado apenas

duas horas para ensinar, Mao disse que tinha levado semanas para escrever. O ponto central que Mao explica é que o conhecimento não cai do céu, que vem da prática social e com isso apenas. O verdadeiro conhecimento, ou ideias corretas, vem de três tipos de prática social - a luta pela produção, a luta de classes e a experiência científica.

A teoria depende da prática. É impensável, disse Mao, que a teoria não deva ser medida e verificada pela prática. Por sua vez, a prática muda a teoria, muda o nosso método de trabalho e pensamento. Através disso é trazida a transformação e a obtenção de mais conhecimento. Ninguém nasce sábio, tampouco nasce estúpido. O conhecimento não pode vir antes da experiência material; ninguém pode se tornar um especialista antes de praticamente fazer alguma coisa.

Mao explicou o processo de obtenção de conhecimento. Ele começa a partir do conhecimento perceptual, o estágio de percepções e impressões dos sentidos, onde o homem em primeiro lugar vê apenas os aspectos separados, as relações externas das coisas. Ao andar da prática social, as coisas que dão origem a percepções e impressões dos sentidos do homem no curso de sua prática são repetidas muitas vezes; em seguida, uma mudança súbita (salto) ocorre no cérebro no processo de entendimento, e conceitos são formados. Conceitos não são mais os fenômenos, os aspectos individuais e as relações externas das coisas; eles captam a essência, a totalidade e as relações internas das coisas. Entre conceitos e percepções sensoriais não há apenas uma diferença quantitativa, mas também uma diferença qualitativa. Conhecimento conceitual ou lógico ou racional é um estágio mais elevado que o estágio de conhecimento perceptual.

Há dois aspectos importantes nisso. Uma delas é que o conhecimento racional depende do conhecimento perceptual. É tolice pensar que o conhecimento racional pode ser desenvolvido sem que alguém primeiro experimente e obtenha conhecimento perceptual. O segundo aspecto importante é que o conhecimento perceptual continua a ser desenvolvido em conhecimento racional. Isto significa que o conhecimento perceptual deve ser aprofundado e desenvolvido ao estágio do conhecimento racional.

A aquisição de conhecimento racional, contudo, não é em si um fim. Como o marxismo sempre pôs, o ponto essencial de todo o conhecimento é para trazê-lo à prática. Como diz o Presidente Mao, "descubra a verdade através da prática, e novamente através da prática verifique e desenvolva a verdade. Comece do conhecimento sensorial e desenvolva-o ativamente em conhecimento racional; em seguida, inicie a partir do conhecimento racional e ativamente oriente a prática revolucionária para mudar tanto o mundo subjetivo quanto o mundo objetivo. Prática, conhecimento, prática novamente, e novamente conhecimento. Esta forma se repete em ciclos intermináveis, e com cada ciclo o conteúdo da prática e do conhecimento se eleva a um nível superior. Assim é a teoria materialista-dialética do conhecimento por inteira, e essa é a teoria materialista-dialética da unidade do saber e do fazer".

Sobre Contradições: A outra contribuição importante de Mao à filosofia marxista foi na dialética e particularmente em relação à compreensão e aplicação de contradições. A compreensão e aplicação de contradições aparecem em vários pontos e em quase toda a análise e nos escritos de Mao. Sua obra principal é *Sobre a Contradição*, que é um ensaio sobre filosofia escrito em agosto de 1937 por Mao, depois de seu ensaio "*Sobre a Prática*", e com o mesmo objetivo de superar o grave erro que era o pensamento dogmático encontrado no Partido na época. Originalmente este ensaio foi apresentado como duas palestras na Faculdade Militar e Política Anti Japonesa, em Yen-an.

O trabalho de Mao era, de certo modo, a continuação do trabalho feito por Lenin, que fez um estudo particularmente profundo das contradições. Lenin chamou a contradição de "o sal da dialética" e afirmou que "a divisão do Uno e o conhecimento de suas partes contraditórias é a essência da dialética." Lenin ainda nos seus *Cadernos Filosóficos* afirmou: "de forma breve, a dialética pode ser definida como a doutrina da unidade dos opostos. Esta é a essência da dialética, mas isto exige explicações e desenvolvimento."

Estas "explicações" e este "desenvolvimento" foram feitos cerca de vinte anos mais tarde por Mao. O trabalho de Mao foi um salto na compreensão das contradições. Ele examinou a questão de contradições detalhadamente e clarificou-as de tal forma a torná-las facilmente compreensíveis e facilmente utilizáveis por qualquer pessoa.

Em primeiro lugar, ele afirmou que a lei da unidade dos opostos é a lei fundamental da natureza e da sociedade e, portanto, também a lei fundamental do pensamento.

Na sequência disto, explicou o princípio da universalidade e da incondicionalidade da contradição. De acordo com este princípio, a contradição está presente em todos os processos de cada objeto e de cada pensamento e existe em todos estes processos do começo ao fim.

Em seguida, ele nos dá o princípio da particularidade e da relatividade de contradição. De acordo com este princípio, cada contradição e cada um dos seus aspectos têm suas respectivas características.

Um conceito muito importante dado por Mao a este respeito é sobre a unidade e luta entre os opostos em uma contradição. Mao salienta que a unidade ou a identidade dos contrários é condicional; é, portanto, sempre temporária e relativa. Por outro lado, a luta dos contrários é interminável; é universal e absoluta.

Outro princípio importante que Mao nos deu e usou muitas vezes em sua análise foi o entendimento da contradição principal e o aspecto principal de uma contradição. De acordo com este princípio, há muitas contradições no processo de desenvolvimento de uma coisa complexa, e uma delas é necessariamente a contradição principal, cuja existência e desenvolvimento determinam ou influenciam na existência e desenvolvimento das outras contradições. Assim, se em qualquer processo há uma série de contradições,

uma delas deve ser a contradição principal que atua como papel principal e decisivo, enquanto o resto ocupa uma posição secundária e subordinada. Portanto, ao estudar qualquer processo complexo no qual há duas ou mais contradições, devemos dedicar todos os esforços para encontrar a sua principal contradição. Uma vez que esta contradição principal é conhecida, todos os problemas podem ser facilmente resolvidos.

Da mesma forma, em qualquer contradição o desenvolvimento dos aspectos contraditórios é desigual. Às vezes eles parecem estar em equilíbrio, o que é, no entanto, apenas temporário e relativo, enquanto a desigualdade é básica. Dos dois aspectos contraditórios, um deve ser o principal e outro secundário. O aspecto principal é aquele que atua como papel principal na contradição. A natureza de uma coisa é determinada principalmente pelo aspecto principal da contradição, o aspecto que ganhou a posição dominante.

Mao sempre deu importância central para a compreensão da contradição principal em sua análise. Assim, em sua análise da sociedade chinesa ele sempre analisava a contradição principal. Este foi um avanço em relação à anterior análise marxista-leninista, que particularmente não entrava em uma análise da contradição principal em um país ou uma revolução. Mao, no entanto, afirmou que a menos que nós examinemos dois aspectos - as contradições principais e não-principais de um processo, e os principais e não-principais aspectos de uma contradição - nos atolaremos em abstrações, seremos incapazes de entender a contradição concreta e conseqüentemente, seremos incapazes de encontrar o método correto de resolvê-la. A importância de compreender a contradição principal e o aspecto principal de uma contradição era porque representavam o desnível das forças que estão em contradição. Nada neste mundo se desenvolve absolutamente uniforme e, portanto, era necessário entender a mudança na posição das contradições principais e não-principais e dos principais e não-principais aspectos de uma contradição. É somente através da compreensão das várias fases de irregularidade nas contradições e do processo de mudança nessas contradições que um partido revolucionário pode decidir sobre a sua estratégia e táticas, tanto nos assuntos políticos quanto militares.

Por último Mao esclareceu sobre a questão do antagonismo em uma contradição. De acordo com Mao o antagonismo é uma forma, mas não é a única forma, da luta de opostos; A fórmula de antagonismo, por conseguinte, não pode ser aplicada em toda a parte arbitrariamente. Algumas contradições são caracterizadas por antagonismo aberto, outras não. De acordo com o desenvolvimento concreto das coisas, algumas contradições, que foram originalmente não antagônicas, desenvolveram-se em antagônicas, enquanto outras que eram originalmente antagônicas evoluíram para não-antagônicas. As formas de luta diferem de acordo com as diferenças na natureza das contradições. Contradições não-antagônicas podem ser resolvidas por meios pacíficos e amigáveis. Contradições antagônicas exigem meios não pacíficos.

Mao voltou para a questão das contradições antagônicas e não-antagônicas durante o

período da construção do socialismo e durante a Grande Revolução Cultural Proletária. Ele ressaltou que, apesar da vitória da revolução, era errado pensar que as contradições já não existiam na sociedade chinesa. Ele mostrou que havia dois tipos diferentes de contradições ainda existentes - as contradições com o inimigo e as contradições entre o povo. As contradições com o inimigo são antagônicas e deviam ser tratadas por supressão. Por outro lado, as contradições entre as pessoas que são não-antagônicas deviam ser tratadas de tal forma que elas não se tornassem antagônicas. Mao sempre salientou a necessidade da manipulação correta de contradições. Ele ressaltou que, se as contradições não forem compreendidas e tratadas corretamente haveria sempre o perigo de restauração do capitalismo.

CAPÍTULO 28 - MAO SOBRE O PARTIDO

A partir do momento em que Mao assume a liderança do PCCh, ele se esforçou ao máximo para desenvolver o Partido em linhas verdadeiramente leninistas. Devido a dominação de linhas incorretas anteriores, particularmente a terceira linha oportunista de “esquerda” de Wang Ming, houveram vários desvios no funcionamento do Partido. Devido à compreensão sectária, não haviam normas de centralismo democrático em funcionamento, e uma abordagem totalmente equivocada da Luta de Duas Linhas. Decisões eram tomadas sem a consulta e sem envolver os quadros do Partido e manipulando plenárias e outras reuniões. A Luta de Duas Linhas não era conduzida abertamente e representantes de outros pontos de vistas eram assediados e punidos. Também, devido ao dogmatismo, não houve implementação da Linha de Massas. Mao tentou de tudo para retificar esses desvios, como também construir fóruns e organismos (*bodies*) adequados. No processo, Mao também esclareceu e desenvolveu muitos conceitos organizacionais. Ele também tentou corrigir certas compreensões erradas que haviam crescido dentro do movimento comunista internacional e também no PCUS sob a liderança de Stalin.

Centralismo democrático: A tentativa de Mao de corrigir desvios sectários e burocráticos é vista na sua explicação em relação ao centralismo democrático. A compreensão de Mao sobre o Centralismo democrático é claramente “primeiro a democracia, depois o centralismo”. Ele explicou isso em diversas formas – “se não há democracia, não haverá centralismo”, “centralismo é centralismo construído na fundação da democracia. Centralismo proletário com uma ampla base democrática”.

Essa visão de Mao foi baseada na compreensão de que o centralismo significava a primeira centralização das ideias corretas. Para isso funcionar foi necessário que todos os camaradas expressassem suas posições e opiniões e não mantivessem presos dentro de si. Isso apenas seria possível se houvesse o máximo possível de democracia, onde camaradas poderiam se sentir a vontade para expor o que eles queriam dizer e até expressar raiva. Logo, sem democracia, seria impossível sintetizar experiências corretamente. Sem democracia sem ideias vindo das massas, seria impossível formular boas linhas, princípios, políticas ou métodos. Entretanto, com a democracia proletária era possível alcançar união de compreensão, de política, planejamento, comando e ação na base de concentrar as ideias corretas. Isso é unidade através do centralismo.

Mao não restringiu a compreensão do centralismo democrático apenas ao funcionamento do Partido. Ele ampliou a compreensão para a questão de administração do Estado Proletário e construção da economia socialista. Mao sentiu que, sem centralismo democrático, a ditadura do proletariado não poderia ser consolidada. Sem ampla democracia para o povo, era impossível para a ditadura do proletariado ser consolidada ou o poder político se estabilizar. Sem democracia, sem incitar as massas e sem

supervisão pelas massas, seria impossível exercer efetivamente a ditadura sobre os reacionários e maus elementos, ou para remodelá-los efetivamente. Mao estava fazendo essas observações após a ascensão do revisionismo moderno na União Soviética e viu que as massas não foram mobilizadas para exercer a ditadura do proletariado. Ele também viu a ascensão de tendências revisionistas dentro do PCCh nos níveis mais altos e reconheceu que a única garantia contra tais tendências era a iniciativa e vigilância dos quadros de base e das massas.

Assim, Mao disse em discurso em Janeiro de 1962, “A não ser que promovamos democracia popular e democracia dentro do Partido, e não ser que implementemos completamente a democracia proletária, vai ser impossível para a China ter um centralismo proletário verdadeiro. Sem um alto nível de democracia, é impossível ter um alto nível de centralismo e sem um alto nível de centralismo é impossível estabelecer uma economia socialista. E o que acontecerá com o nosso país se falharmos em estabelecer uma economia socialista? Se tornará um Estado revisionista, de fato um Estado burguês, e a ditadura do proletariado se transformará em uma ditadura da burguesia, e uma ditadura reacionária e fascista, aliás. Essa é uma pergunta que muito merece nossa vigilância, e eu torço para que os camaradas pensem bastante sobre isso”.

A Luta de Duas Linhas é outro aspecto dos princípios organizacionais do Partido, em relação ao que Mao desenvolveu da compreensão e teoria Marxista. A abordagem de Mao, baseada materialismo dialético, era enxergar opiniões incorretas dentro do Partido Comunista como reflexo de classes estranhas (*ao proletariado*) na sociedade. Assim, enquanto a luta de classes continuar na sociedade deverá haver seu reflexo na luta ideológica dentro do Partido. Sua abordagem com respeito a essas contradições também era diferente. Ele as enxergava como contradições não-antagônicas inicialmente, que através de uma “séria luta” deveríamos tentar retificar. Nós devemos dar amplas oportunidades para retificação, e somente se as pessoas cometendo os erros “persistirem” ou “os agravarem”, então havia a possibilidade da contradição se tornar antagônica.

Isso foi uma correção da compreensão de Stalin, que ele havia apresentado em “*Fundamentos do Leninismo*”. Stálin se opusera a retificar tendências erradas através da luta dentro do Partido. Ele chamava tais tentativas de “teoria de ‘derrotar’ elementos oportunistas através da luta ideológica interna do Partido”, que de acordo com ele era “uma teoria apodrecida e perigosa, que ameaça condenar todo o partido à paralisia e a enfermidade crônica”. Tal apresentação recusava a aceitar a existência de uma contradição não-antagônica e tratava da luta contra o oportunismo com uma contradição antagônica desde o princípio.

Tirando lições da mesma experiência histórica, Mao apresentou métodos de luta interna do Partido da seguinte maneira: “Todas as lideranças do Partido deve promover democracia interna no Partido e deixar as pessoas falarem. Quais são os limites? Um é

de que a disciplina do Partido deve ser observada, a minoria sendo subordinada à maioria e a todos os membros do Comitê Central. Outro limite é que nenhuma facção secreta deve ser organizada. Não temos medo de oponentes descobertos (*open*), temos medo somente de inimigos secretos. Tais pessoas não falam a verdade na sua frente, o que dizem são apenas mentiras e fraudes. Eles não expressam suas reais intenções. Contanto que uma pessoa não viole a disciplina e não se engaje em atividades de facções secretas, nós devemos permitir que fale e não devemos puni-lo se ele disser coisas erradas. Se as pessoas dizem coisas erradas, elas podem ser criticadas, mas devemos convencê-los racionalmente. Se eles ainda não se convencerem? Contanto que conformem-se pelas resoluções e decisões tomadas pela maioria, a minoria pode guardar suas opiniões”.

A compreensão de Mao, assim, se baseia claramente em que, enquanto existir luta de classes na sociedade, haveria luta de classes no Partido – isto é, a luta de duas linhas. Portanto, era apenas correto que essa luta fosse feita abertamente e de acordo com os princípios do Centralismo Democrático. Assim Mao, através de sua compreensão e implementação do conceito de luta de duas linhas, tentou fazer uma abordagem dialeticamente correta às classes, à luta de classes e a luta interna do Partido.

Linha de Massas: Outra área onde Mao avançou o Marxismo era em relação à linha de massas. Começando com a compreensão marxista-leninista básica do partido mantendo ligações próximas com as massas, Mao desenvolveu o conceito da Linha de Massas a um novo nível qualitativo. A um nível filosófico, ele mostrou o como esse era um aspecto essencial da teoria do conhecimento Marxista. A um nível político e organizacional, ele mostro como essa era a base da linha política correta e também como era a linha organizacional essencial das relações internas do Partido.

Mao explica que no trabalho prático do Partido, toda a correta liderança é necessariamente “das massas, para as massas”. Isso significa: pegue as ideias das massas (ideias dispersas e assistemáticas) e as concentre (através do estudo transformá-las em ideias concentradas e sistemáticas), então ir às massas e propagar e explicar essas ideias até que as massas as assimilarem como suas próprias, agarrem-se a elas e as traduzam em ação. Então, novamente, concentrar ideias das massas e novamente ir às massas para que as ideias sejam levadas adiante. E assim em diante, vezes e mais vezes numa espiral infinita, com as ideias se tornando mais corretas, mais vitais e mais ricas a cada vez. Isso, como Mao diz, é a teoria marxista de conhecimento.

A fim de trazer prática ao princípio “das massas, para as massas”, Mao explica que é necessário ter uma relação correta entre a liderança e as massas numa organização ou numa luta. É necessário que o partido reúna os ativistas para formar um núcleo de liderança e ligar essa liderança bem próximo às massas. Se isso não for feito, a liderança do partido se torna burocrática e divorciada das massas. É também necessário que a liderança não se contente em apenas fazer chamadas gerais. Chamadas gerais devem

ser seguidas por uma direção particular e concreta, para serem implementadas corretamente. “Pegue as ideias das massas e as concentre, então vão para as massas, persistam nas ideias e levem-nas adiante, para formar ideias corretas de liderança – tal é o método básico de liderança”. Dessa forma, Mao explica que a linha de massas é o método básico de liderança do Partido sobre as massas.

Por último, Mao diz que a linha de massas não deveria apenas ser enxergada no contexto de liderança do Partido sobre as massas. Na verdade, Mao insiste na aplicação da linha de massas para relações internas do Partido também. Assim, ele também enxergou a linha de massas como uma linha organizacional. Mao aponta que para assegurar que a linha realmente venha das massas e, em particular que realmente volte para as massas, deve haver laços estreitos não somente entre o Partido e as massas de fora do partido (entre a classe e o povo), mas acima de tudo entre os quadros avançados e as massas dentro do Partido. Assim Mao, mostra que era de importância vital que laços estreitos fossem mantidos entre os níveis mais altos e mais baixos do Partido. Qualquer rompimento dos laços internos do Partido resultaria numa lacuna nas relações entre a liderança do Partido e as massas. Seria contrário à implementação da linha de massas.

CAPÍTULO 29 - A CONSTRUÇÃO DO SOCIALISMO: EXPERIÊNCIA CHINESA

A implementação do novo programa econômico democrático começou antes mesmo da vitória da revolução em todo o território nacional. Pouco depois do Exército Vermelho e da Revolução Chinesa entrarem na ofensiva estratégica em 1947, Mao anunciou e começou a implementar as reformas chamadas de “três principais políticas econômicas da revolução de Nova Democracia”. Eram elas:

- 1) O confisco da terra da classe feudal e sua distribuição em meio ao campesinato
- 2) O confisco do capital da burguesia compradora
- 3) Proteção para a indústria e o comércio da burguesia nacional

Essas políticas foram imediatamente implementadas em vastas áreas do norte da China que já estavam sob controle revolucionário, e a reforma agrária se completou nessa região na metade dos anos 1950. Subsequentemente o programa da reforma agrária se completou no resto do país.

A Linha Geral e a Coletivização Passo-a-Passo: Em 1951 o Partido adotou o que veio a ser conhecido como “linha geral da construção do socialismo”, pelo período da transição entre capitalismo e socialismo. A meta principal para esse período era atingir a industrialização da China juntamente com a transformação da agricultura, manufatura e o comércio e indústria capitalistas. A meta para conclusão desse processo era de aproximadamente dezoito anos. Esse prazo estava dividido em: três anos de reabilitação para que o país se recuperasse da destruição causada pela guerra civil, mais quinze anos

que cobririam os três planos quinquenais para o desenvolvimento planejado da economia.

Em concordância com essa linha geral, um plano “passo-a-passo” foi desenvolvido para a transformação socialista da agricultura. O primeiro passo era convocar os camponeses a organizarem equipes de ajuda mútua para produção agrícola, limitadas a aproximadamente doze famílias cada. Essas equipes agiam de acordo com alguns dos princípios mais básicos do socialismo, como a ajuda e cooperação entre os membros. O segundo passo era convocar os mesmos camponeses a formarem cooperativas agrícolas, tendo como base as equipes de ajuda mútua. Essas cooperativas eram de natureza semi-socialista e eram caracterizadas pelo agrupamento de terras e pela gerência unificada. E finalmente, o terceiro passo consistia em chamar novamente os camponeses para se agruparem mais ainda tendo como base as cooperativas, para dessa forma organizar cooperativas de produção em larga escala totalmente socialistas. Os princípios básicos que fundamentavam este plano passo-a-passo eram a participação voluntária e o benefício mútuo. Os camponeses deveriam ser persuadidos para participarem voluntariamente no processo de coletivização.

O primeiro passo, dos times de ajuda mútua, havia sido iniciado nas bases de apoio da Revolução muito antes da vitória a nível nacional. O segundo passo em direção a cooperativas elementares se concretizou entre os anos 1953-55. O terceiro passo de transição para cooperativas avançadas veio já em 1956. Houve uma explosão de transformação socialista no campo. Simultaneamente, nos primeiros meses de 1956, um movimento relacionado rapidamente tomou a frente e concluiu o processo de nacionalização da produção. Assim, a indústria e comércio chineses saíram da propriedade privada e se tornaram propriedade de todo o povo muito antes do previsto.

A Aproximação Dialética de Mao sobre o Processo de Construção Socialista: A linha geral era fundamentalmente inspirada no modelo Soviético de construção do socialismo. A ênfase na indústria, particularmente na indústria pesada, era a direção central dos primeiros planos quinquenais de 1953-57. Além do mais, havia uma tendência à adoção acrítica de todas as políticas soviéticas. Com a ascensão do revisionismo moderno na União Soviética (principalmente depois do revisionista 20º Congresso do PCUS em Fevereiro de 1956), as tendências revisionistas no PCCh foram imediatamente reforçadas. Em 1956, uma campanha de “oposição aos avanços apressados” foi iniciada dentro do Partido – i.e., para atrasar o processo de socialização. Ao mesmo tempo, a teoria revisionista das forças produtivas ascendeu dentro do Partido, tendo como principal representante o Secretário-Geral Liu Shiao-chi. Os representantes dessa corrente aprovavam os Kruschevistas, negavam a luta de classes e concentravam seus esforços na modernização das forças produtivas através da indústria pesada. O argumento deles era de que as forças produtivas seriam o principal condutor da mudança, e que a tecnologia atrasada da China era o principal fator mantendo o país para trás. Mudanças nas relações de produção deveriam esperar até que as forças produtivas estivessem

desenvolvidas o suficiente. A cooperativização da economia deveria esperar até que as indústrias houvessem se desenvolvido o suficiente para prover maquinário para a mecanização rural. Todas essas propostas negavam a importância das relações de produção e da luta de classes. Elas levariam ao crescimento das tendências revisionistas e burocratas e à ascensão de uma nova classe exploradora.

Observando a experiência soviética e percebendo o perigo revisionista, Mao imediatamente lançou uma campanha para derrotar essas tendências, que na época já controlavam o Partido. O primeiro passo nessa luta foi o discurso de Abril de 1956, “*Sobre as Dez Relações Principais*”. Nesse discurso, Mao fez uma crítica clara e direta ao padrão Soviético de construção socialista pela primeira vez. Enquanto se referia à relação de forças produtivas, que tinha de um lado a indústria pesada e do outro a indústria leve e agricultura, Mao enfatizou: “Nós fizemos melhor que a União Soviética e um grande número de países do Leste Europeu. (...) Seu foco na indústria pesada em detrimento da indústria leve e da agricultura resultaram na escassez de bens no mercado e em uma moeda corrente instável.” De forma similar, ele criticou a política Soviética de “espremer os camponeses excessivamente”. Também atacou os dogmáticos dentro do PCCh que “copiam tudo indiscriminadamente e transpõem mecanicamente” quando aprendem sobre a experiência soviética e de outros países socialistas. Em seguida, não poupou críticas aos que estavam seguindo o exemplo de Krushev e atacando Stálin de forma indiscriminada. Ele homenageou Stálin como um grande marxista com “70% de conquistas”. Então, através da sua crítica extensa aos revisionistas soviéticos e aos erros na construção soviética do socialismo, Mao liderou a luta contra a linha dominante e revisionista de forças produtivas dentro do PCCh.

No entanto, a maior contribuição do discurso de Mao foi o grandioso avanço no entendimento do processo de construção do socialismo e do planejamento socialista. Ao apresentar os problemas da construção socialista na forma de dez relações principais, Mao trouxe a dialética e a teoria das contradições para o centro do processo de construção da sociedade socialista. Ele mostrou como a construção do socialismo envolve não somente a implementação mecânica de metas de produção e distribuição, mas também um entendimento dialético das principais contradições envolvidas no processo, e a mobilização de todas as forças positivas para a conquista do socialismo. Então ele disse, “Estes dez problemas estão sendo levantados para que possamos nos focar em uma política básica, a política da mobilização de todos os fatores positivos, externos e internos, para servir à causa do socialismo... Estas dez relações são todas contradições. O mundo consiste de contradições. Sem contradições o mundo deixaria de existir. Nossa tarefa é manejar corretamente as contradições.”

Mao deu continuidade no ano seguinte com seu trabalho intitulado “*Sobre o Manejo Correto das Contradições no Seio do Povo*”. Nesse trabalho, ele continuou o desenvolvimento do entendimento dialético dos processos de construção do socialismo.

Primeiro ele colocou a luta de classes no centro do processo. Ele ressaltou que “a luta de classes não está de forma alguma terminada...a pergunta sobre quem irá vencer, o socialismo ou o capitalismo, ainda não foi respondida.” Com isso ele começou sua luta contra as seções revisionista do Partido, que estavam dizendo que a luta de classes não existia mais sob o socialismo. Isso marcou o início de um Movimento de Retificação a nível nacional, o *Movimento Anti-Direitista*. Durante esse período muitos partidários de alto escalão tiveram que fazer autocrítica frente às massas, milhões de estudantes se envolveram no trabalho manual para se integrarem com os trabalhadores e camponeses, todos os partidários nas fábricas e cooperativas agrícolas tiveram que participar do trabalho manual, trabalhadores começaram a participar dos processos de decisão em suas fábricas e a campanha de educação socialista começou entre o campesinato. Através desse processo o Partido foi trazido para mais perto do povo, e as tendências direitistas que estavam crescendo em seu seio foram contidas.

O Grande Salto Adiante e o Nascimento das Comunas Populares: Com o progresso do movimento de retificação, os direitistas no partido foram colocados na defensiva. Isso levou, em 1958, a retificação da errônea teoria das forças produtivas, que havia dominado o VIII Congresso do Partido em 1956. Diante da Segunda Sessão do VIII Congresso do Partido em maio de 1958, o expoente principal dessa teoria, Liu Shiao-chi, foi forçado a admitir que durante o período anterior à consolidação da sociedade socialista, a principal contradição era entre o proletariado e a burguesia, entre o caminho socialista e o caminho capitalista. Seu relatório também mencionou o Grande Salto Adiante, que então havia começado. Avanços foram vistos em todos os fronts da construção do socialismo. Indústria, agricultura e todos os outros campos de atividade registraram crescimento expressivo e acelerado.

Além do crescimento acelerado, o Grande Salto Adiante também representou uma grande mudança nas prioridades dos planos iniciais e na linha geral. A linha geral do Grande Salto Adiante havia sido formulada em uma sessão do Comitê Central ocorrida em novembro de 1957. Ela tirou o foco da indústria pesada e visou o desenvolvimento simultâneo da agricultura e das indústrias leve e pesada. Seu objetivo era reduzir o abismo que havia entre campo e cidade, camponês e operário, entre trabalhador intelectual, administrador e trabalhador braçal. O Grande Salto não era somente uma revolução econômica, mas também tecnológica, política, social e cultural para transformar a cidade e o campo.

Em 1958 se iniciou a construção das comunas populares. Em princípio esse processo surgiu espontaneamente, quando duas associações camponesas vizinhas decidiram unir seus recursos e forças de trabalho para realizar um grande projeto de irrigação, após sua região ser afetada por uma grande seca. Essa união foi batizada de “comuna” por Mao. Ele encorajava tais formações, e isso levou a um espalhamento rápido das comunas por todo o país. Elas eram formadas pela união de cooperativas vizinhas, com o intuito de

realizar projetos de grande escala como controle de enchentes, preservação de água, desflorestamento, pesca e transporte. Além disso, muitas comunas abriram suas próprias fábricas de tratores, fertilizantes químicos, entre outros meios de produção. O movimento para fundação de comunas populares cresceu de forma acelerada. O Comitê Central do PCCh anunciou em sua famosa *Resolução Wuhan*, de dezembro de 1958, que “Em poucos meses, começando no verão de 1958, todas as mais de 740.000 cooperativas de produtores agrícolas se reorganizaram em 26.000 comunas populares, devido à demanda entusiástica das massas camponesas. Mais de 120 milhões de lares, ou seja, mais de 99% dos lares camponeses de todas as nacionalidades na China já se juntaram às comunas populares.” Resumindo a essência política, o Comitê Central afirmou:

“A comuna popular é a unidade primordial da estrutura social socialista de nosso país, combinando indústria, agricultura, comércio, educação e defesa; ao mesmo tempo ela também é a organização básica do poder estatal socialista. A teoria Marxista-Leninista e a experiência inicial das comunas populares em nosso país nos permitem ver que elas ajudarão a acelerar nossa construção do socialismo, e hoje se mostram a melhor forma de realizar as seguintes transições:

- 1) A transição da propriedade coletiva para propriedade de todo o povo do campo;
- 2) A transição da sociedade socialista para a sociedade comunista. Também podemos prever que na futura sociedade comunista, a comuna popular continuará sendo a unidade básica de nossa estrutura social.”

Então, o movimento das comunas representou um avanço tremendo que praticamente completou o processo de coletivização da agricultura. No entanto, a expectativa de que a comuna tomaria a frente no processo de transição para propriedade totalmente coletiva e para o comunismo não se realizou totalmente. Tentativas de estabelecer comunas urbanas também não foram frutíferas.

No período inicial do movimento da comuna durante o Grande Salto houveram alguns erros “esquerdistas”. Estes erros de esquerda, que Mao identificou, foram principalmente de três tipos:

O primeiro erro foi nivelar as brigadas pobres e ricas dentro da comuna, transformando a comuna em uma única unidade contábil. Isso significou que a renda dos camponeses membros das brigadas ricas (as antigas cooperativas avançadas) acabou sendo menor do que ela teria sido antes da formação da comuna. Dessa forma, alguns lamentavam a formação da Comuna e sua participação não era inteiramente voluntária. O segundo erro estava na acumulação de capital da comuna, que foi alta demais, e em sua demanda por trabalho não-remunerado, também alta demais. Quando uma quantidade de dinheiro muito grande é reservada para acumulação, a parte que os camponeses recebem diminui. De forma similar, mais trabalho sem remuneração só pode existir caso a consciência já esteja elevada a esse ponto. O terceiro erro foi a “comunalização” de todos os tipos de

“propriedade”. Em algumas regiões foram feitas tentativas de coletivizar até mesmo pequenas propriedades de camponeses, como galinhas e porcos. Esse movimento também sofreu oposição.

Estes erros foram corrigidos com agilidade. A brigada de produção (anteriormente cooperativa avançada), foi mantida como unidade contábil básica, e em 1962 ela foi trazida a um nível ainda menor, o da equipe de produção. No entanto, como a perspectiva continuou sendo a de sempre elevar o nível de propriedade e de coletivização (como um processo de socialização e transição ao comunismo), essa ideia não foi adiante. A unidade contábil básica e a propriedade continuaram até 1976 em seu nível mais baixo—o da equipe de produção.

Luta contra os seguidores da Via Capitalista: Apesar dos erros “de esquerda” terem sido corrigidos rapidamente, a posição dos seguidores da via capitalista, liderados por Liu Shiao-chi, se manteve forte dentro dos altos níveis do Partido. A luta de duas linhas estava representada de formas diretas e indiretas. Em julho de 1959, Peng The-huai, então Ministro da Defesa, atacou diretamente o Grande Salto Adiante, criticando o que ele chamou de “fanatismo pequeno burguês” e desejo de “adentrar ao comunismo com um único passo”. Mao repeliu estes ataques e defendeu as políticas do Grande Salto. No entanto, mesmo com Peng derrotado, os outros seguidores da via capitalista continuaram seus ataques por meios indiretos.

Um de seus métodos era defender Peng veladamente e atacar Mao na mídia. Eles o fizeram através de artigos, peças de teatro e outras performances culturais que pretendiam mostrar como Peng era um camarada correto que foi vitimizado. O outro método consistia em atrasar ou divergir a implementação de políticas cruciais que eram decididas nos níveis altos do Partido. Um dos exemplos principais foi a sabotagem do programa de educação socialista e da decisão de lançar uma Revolução Cultural, tomada pela Décima Plenária do Comitê Central em 1962. Mesmo que esses programas tenham sido formalmente aceitos pelos seguidores da via capitalista, eles procuraram assegurar que seu controle dentro da estrutura do partido se mantivesse igual, garantindo que não houvesse mobilização de massa. Eles tentaram virar a Revolução Cultural na direção do debate acadêmico e ideológico ao invés da luta de classes.

Mao, durante esse período (1959-65), travou a batalha em diversos níveis. Ele percebeu, se baseando na experiência russa, o perigo real da restauração do capitalismo. Ele, portanto, com base em um extenso estudo da política e economia do revisionismo Krushevista, traçou as lições teóricas dessa experiência para a educação do proletariado Chinês e internacional. Através da luta do Grande Debate contra o revisionismo moderno de Krushev, Mao tentou unir revolucionários no mundo todo e na China. Com seus trabalhos, como *Crítica da Economia Soviética*, e como a análise do PCCh sobre *O Comunismo Fajuto de Krushev e suas Lições Históricas para o Mundo*, ele tentou inserir nas fileiras do partido as fundações teóricas para uma batalha contra o revisionismo e a

restauração.

Mais importante, Mao tentou mobilizar principalmente as massas para a luta de defesa e desenvolvimento do socialismo, buscando prevenir a restauração capitalista. Além de seu supracitado programa para a educação socialista, ele também criou *slogans* para a reprodução socialista das experiências do Tachai e Tach'ing, tomando-as como experiências modelo. Mas quanto todas as tentativas de mobilização popular foram suprimidas pela burocracia do Partido, Mao emergiu vitorioso após esforços tremendos para libertar a energia das massas através da Grande Revolução Cultural Proletária. Ela foi resultado prático do desenvolvimento de Mao dos princípios marxistas da construção do socialismo.

CAPÍTULO 30 - O GRANDE DEBATE: A LUTA DE MAO CONTRA O REVISIONISMO MODERNO DE KRUSCHEV

Em 1953, após a morte de Stalin, uma camarilha revisionista liderada por Krushev, realizou um golpe de Estado e assumiu o controle do PCUS, o então partido dirigente do proletariado internacional. Eles expurgaram e mataram os revolucionários no partido, iniciaram o processo de restauração do capitalismo no primeiro país socialista e passaram a desenvolver laços com o campo imperialista, particularmente com o imperialismo norte-americano. Em 1956, após garantirem um controle firme sobre o PCUS, no 20º Congresso do PCUS eles começaram a espalhar seu veneno revisionista em outros Partidos Comunistas. Eles simultaneamente atacaram o famigerado culto à personalidade de Stálin e introduziram sua teoria revisionista dos Três Pacíficos - transição pacífica coexistência pacífica e competição pacífica.

Transição pacífica significava transição pacífica para o socialismo pela via parlamentar. Krushev propôs que naquele momento histórico era possível alcançar o socialismo ganhando uma maioria de forma pacífica no parlamento e, em seguida, realizando reformas para trazer o socialismo. Assim, ele negou a necessidade de uma revolução. Esta teoria foi assim uma repetição do revisionismo de Bernstein e outros social-democratas.

A coexistência pacífica entre Estados com diferentes sistemas sociais foi proposta por Krushev como a linha geral da política externa do Estado socialista. Assim, ele distorceu a política de Lenin de coexistência pacífica com Estados capitalistas, que era apenas um aspecto da política externa do Estado socialista e do internacionalismo proletário. Krushev subordinou todas as outras políticas ao seu desejo de manter uma coexistência pacífica com o imperialismo. Ele tornou as relações de ajuda a outros países socialistas e às lutas dos povos oprimidos dependentes dos requisitos de coexistência pacífica com as potências imperialistas. Isso era nada mais que uma política de colaboração com o imperialismo.

Emulação pacífica era a teoria que dizia que a contradição entre o imperialismo e o socialismo seria resolvido através da competição econômica entre o sistema capitalista e socialista. Assim esta teoria recusou a reconhecer o caráter reacionário e belicista do imperialismo. Ela criou a ilusão de que a contradição entre o campo socialista e imperialista era uma contradição não-antagônica, o que seria resolvido através de formas pacíficas de luta.

A Teoria dos Três Pacíficos de Krushev era uma teoria revisionista, que ele queria impor ao movimento comunista internacional. Ela foi direcionada no sentido de construir uma estreita relação com o imperialismo. A fim de implementar seus planos e ganhar a aceitação das potências imperialistas, Krushev simultaneamente lançou um ataque vicioso à Stálin em nome do culto à personalidade. Para demolir os princípios revolucionários que Stálin levantou e lutou, foi primeiro necessário destruir a imagem de Stálin entre os revolucionários e as massas no mundo todo. Isso foi feito através de uma degenerada campanha de mentiras e propaganda.

Muitas das lideranças dos partidos comunistas do mundo apoiaram a linha kruschevista revisionista. Muitos proeminentes líderes e partidos já tinham começado a tomar a linha revisionista em seus próprios países. Browder nos Estados Unidos já tinha apresentado teorias de colaboração entre o socialismo e o capitalismo rompendo com o movimento comunista internacional; Thorez, o ex-líder da Terceira Internacional na França, que desenvolveu estreitas relações com a burguesia após o período da frente antifascista, tinha nos anos do pós-guerra tomadas posições nacional-chauvinistas em relação aos povos das colônias francesas, se tornando um lacaios da burguesia imperialista francesa; Togliatti da Itália, outro grande líder da Terceira Internacional, queria "reformular" e "reestruturar" o capitalismo para chegar ao socialismo através do parlamento; a liderança do Partido Comunista da Índia já havia mudado sua linha tática para reconhecer o caminho pacífico. Dessa forma as forças revisionistas, que tardaram a ser criticadas e derrotadas, colaboraram com Khrushchev de forma eficaz.

No entanto, alguns partidos que tentaram implementar a "transição pacífica" através do sistema eleitoral e chegaram a ameaçar a ordem social vigente foram eliminados através de golpes militares e repressão selvagem, como no Brasil (1964), Indonésia (1965) e Chile (1973).

Entre as recém-formadas democracias populares, a *Liga dos Comunistas da Iugoslávia*, liderada por Tito, a partir de 1948 começou na estrada revisionista e rompendo com o campo socialista. Krushev, no entanto, logo começou a fazer amizade com ele. A maioria das lideranças restantes também se alinharam com Krushev. Dentro do campo socialista foram apenas o PCCh e o Partido Albanês do Trabalho que identificaram e reconheceram o revisionismo kruschevista e travaram uma valente e determinada defesa do marxismo-

leninismo.

À medida que a luta se agudizava, os revisionistas soviéticos em junho de 1959 retiraram da China a assistência técnica no domínio da defesa, e em julho de 1960 retiraram de repente todos os especialistas técnicos soviéticos que lá estavam trabalhando. O mesmo foi feito com a Albânia. Em abril de 1960, o PCCh publicou *Vida Longa ao Leninismo* e dois outros artigos defendendo os princípios básicos do leninismo sobre o imperialismo, a guerra e paz, a revolução proletária e a ditadura do proletariado. Estes artigos opõem as posições revisionistas do PCUS sem mencioná-lo pelo nome.

Os revisionistas, porém, continuaram com suas tentativas de sistematizar ainda mais as suas posições. Assim, no 22º Congresso do PCUS, realizado em 1961, o Programa aprovado revisou a essência do marxismo-leninismo, ou seja, os ensinamentos sobre a revolução proletária, sobre a ditadura do proletariado e sobre o partido do proletariado. Ele declarou que a ditadura do proletariado já não era necessária na União Soviética e que a natureza do PCUS como a vanguarda do proletariado tinha mudado. O Congresso desenvolveu as teorias absurdas do "Estado de todo o povo" e do "partido de todo o povo". No Congresso Krushev lançou um ataque aberto e público contra o Partido Albanês e até fez uma chamada para derrubar seu líder, Enver Hoxha. Este ataque foi rejeitado pela delegação do PCCh liderada por Chou En-lai.

Krushev também começou a incentivar outros partidos comunistas a lançarem ataques públicos contra o PCCh. Inúmeros artigos na União Soviética também atacaram a liderança chinesa. O PCCh finalmente começou a responder a alguns dos ataques de Togliatti do Partido Italiano, Thorez do Partido Francês, Gus Hall do PCUSA e outros, na série de sete artigos que saíram no final de 1962 e início de 1963.

Um resumo dos principais pontos de vista do PCCh foram colocadas na famosa Carta de 14 de Junho de 1963, intitulado "*Uma proposta relativa à Linha Geral do Movimento Comunista Internacional*". Este foi respondido por uma Carta Aberta ao PCCh pelo PCUS. Como a questão se tornou aberta às massas, o PCCh decidiu realizar o debate através da imprensa aberta. Ele trouxe nove comentários sobre Carta Aberta do PCUS e esclareceu todas as questões para as massas.

Esta luta, que saiu em aberto em 1963 e continuou até 1964, veio a ser conhecida como o **Grande Debate**. O Grande Debate foi de imenso significado histórico. Foi uma luta de princípios contra o revisionismo moderno. Ele forneceu o ponto de encontro para todas as forças revolucionárias proletárias em todo o mundo. Foi também um desenvolvimento científico do marxismo-leninismo, que deu ao movimento comunista internacional a sua linha revolucionária geral para esse período. Mao foi a força motriz por trás da luta. Foi através do Grande Debate que Mao avançou a ciência do marxismo-leninismo, fornecendo as respostas para as perguntas mais importantes do movimento proletário - as contradições internacionais fundamentais no mundo, que são os amigos e os inimigos, os

objetivos do movimento e o caminho para alcançar a vitória da revolução socialista mundial. Estas formulações foram principalmente desenvolvidas na Carta de 14 de junho. Os nove comentários delinearão e elaboraram a posição revolucionária sobre várias questões cruciais para o movimento comunista internacional após a Segunda Guerra Mundial - o neo-colonialismo, a guerra e paz, a convivência pacífica, Iugoslávia, o revisionismo de Krushev e as lições históricas a serem aprendidas. Foi através do Grande Debate que o Pensamento Mao Tse-tung ganhou uma maior aceitação como a ideologia guia das seções revolucionárias do proletariado internacional.

CAPÍTULO 31 - A GRANDE REVOLUÇÃO CULTURAL PROLETÁRIA

A Grande Revolução Cultural Proletária (Grande Revolução Cultural Proletária) foi a resposta do Marxismo aos obstáculos e sabotagem do processo de construção socialista criado pelo Krushevistas e seus seguidores da capitalistas. Particularmente após a ascensão do revisionismo na União Soviética, Mao havia percebido que um dos maiores perigos da restauração do capitalismo vinha de dentro do próprio Partido. Ao longo do Grande Debate, Mao, enquanto lutava contra o revisionismo, tentou encontrar a resposta para a questão de como prevenir a restauração do capitalismo. Ele estava ao mesmo tempo profundamente envolvido na luta contra os Krushevistas chineses, como Liu Shaoqi e Deng Xiaoping. Assim, concluindo o Grande Debate no último documento do Partido Comunista da China, que foi chamado de *Acerca do Falso Comunismo de Khrushhev e as Lições Históricas para o Mundo*, Mao salientou alguns pontos sobre a questão da prevenção da restauração do capitalismo.

Mao salientou, em primeiro lugar, o reconhecimento da necessidade de continuar a luta de classes durante todo o período da sociedade socialista, até o fim. Ele explicou que a mudança na propriedade dos meios de produção, ou seja, a revolução socialista na frente econômica, não é suficiente por si só. Ele insistiu que temos de ter uma revolução socialista aprofundada nas frentes política e ideológica, a fim de consolidar a revolução. E esta revolução deve ser continuada sob a ditadura do proletariado.

Outro ponto que Mao ressaltou repetidamente foi que para realizar essa revolução seria necessário furar a linha de massas, e despertar corajosamente as massas e desdobrar os movimentos de massa em grande escala. Para isso, o Partido teria que confiar, conquistar e unir-se com as massas do povo, que constituem 95% da população, numa luta comum contra os inimigos do socialismo. Mao também enfatizou a necessidade de "realizar extensos movimentos de educação socialista repetidamente nas cidades e no campo." Nestes movimentos contínuos para educar o povo, Mao voltou a sublinhar a necessidade de organizar as forças de classe revolucionárias, e "de travar uma afiada, retaliadora luta contra o anti-socialismo, o capitalismo e as forças feudais". Assim Mao viu claramente que a ampla participação das massas era uma condição prévia essencial para prevenir a restauração do capitalismo. Isto surgiu da experiência de Mao de que eram os

revisionistas de dentro da liderança do próprio Partido os principais elementos que traziam a restauração do capitalismo.

No entanto, dentro do próprio PCCh houve uma forte resistência nos níveis mais altos, liderada por Liu Shaoqi, contra a implementação destas teorias e do programa concreto que estava sendo proposto por Mao. Assim, embora a "revolução cultural socialista" tenha sido oficialmente aceita na Décima Sessão Plenária do Oitavo Comitê Central em 1962, sua implementação era hesitante e numa direção oposta à linha dada por Mao. Na verdade, a burocracia do partido, sob o controle de Liu, começou a criticar Mao pelas ações que ele estava tentando tomar e se opôs ao tratamento dado aos seguidores da via capitalista, como Peng Dehuai. Esta crítica foi realizada através de artigos na imprensa e peças de teatro e outros fóruns culturais que estavam sob seu controle total. Seu controle era tal que Mao não conseguia sequer imprimir um artigo defendendo-se na imprensa em Pequim. Tal artigo defendendo Mao e suas políticas foi finalmente publicado em novembro de 1965 na imprensa de Xangai, que era um centro muito mais radical do que Pequim. Isso foi o que Mao mais tarde chamou de "o sinal" para a Grande Revolução Cultural Proletária, que começou um fluxo de crítica da burocracia do partido e um suporte à linha de Mao na mídia e no domínio da cultura. Ali também surgiram demandas de auto-crítica pelos principais culpados. A burocracia do partido no entanto fez todo o possível para impedir este movimento de assumir um caráter de massa. O Grupo da Revolução Cultural, que devia iniciar e dirigir a Grande Revolução Cultural Proletária acabou tentando controlar a dissidência e canalizá-la por linhas acadêmicas.

Finalmente, o Comitê Central, sob a direção de Mao, emitiu uma circular de 16 de maio de 1966, dissolveu o "Grupo dos Cinco", sob cuja responsabilidade a Revolução Cultural estava sendo sabotada, e criou um novo 'Grupo da Revolução Cultural' diretamente sob ordens do Comitê Permanente do Politburo. Esta Circular de 16 maio deu a chamada para criticar e romper a resistência dos seguidores da via capitalista, especialmente aqueles dentro do Partido. Esta ação levou ao início real da Grande Revolução Cultural Proletária, e fez dela um fenômeno de massa envolvendo milhões de pessoas.

Em 25 de maio o primeiro Dazibao (mural com letras enormes) foi posto na Universidade de Pequim criticando seu vice-chanceler e o sistema de ensino. Este foi apenas o primeiro de milhares de tais cartazes enormes colocados pelos alunos e pelas massas em todo o país, onde eles expressaram a sua opinião e criticaram o que eles sentiam que era errado na sociedade. Manifestações e críticas de massa foram realizadas criticando professores, burocratas do partido e outros por suas políticas erradas. Logo houve uma demanda de uma seção de estudantes para a abolição de exames de admissão. O Comitê Central, em junho, passou um pedido de suspensão de novas admissões para faculdades e universidades por seis meses, para que os alunos e os jovens pudessem participar mais plenamente na Grande Revolução Cultural Proletária. No entanto, o período de seis meses revelou-se demasiado curto, e as universidades só abriram novamente após

Mao também começou a participar pessoalmente da Grande Revolução Cultural Proletária. Em 17 de julho, ele participou junto com outros dez mil nadadores em um longo mergulho de uma milha através do rio Yangtze (Rio Azul). Este foi o seu ato simbólico significando que ele estava participando da corrente da Grande Revolução Cultural Proletária. Novamente em 05 de agosto, durante a Décima Primeira Reunião Plenária do PCCh, Mao deu um sinal muito mais simples. Ele ergueu o seu próprio Dazibao. Seu principal slogan era "Bombardear a Sede!" Esta foi uma chamada clara para atacar o quartel-general capitalista dos seguidores do capitalismo no partido, liderados por Liu Shaoqi. O chamamento de Mao deu um novo impulso às ações e à militância do movimento.

Em 18 de agosto Mao estava presente na primeira reunião dos Guardas Vermelhos em Pequim – havia um milhão de presentes. Os Guardas Vermelhos eram os membros das milhares de organizações de massas que haviam surgido em todo o país para a participação na Grande Revolução Cultural Proletária. As primeiras organizações de massa foram compostas principalmente de estudantes e da juventude, mas como o movimento cresceu, tais organizações cresceram entre os trabalhadores, camponeses e empregados de escritório. A reunião de 18 de agosto foi a primeira de muitas dessas manifestações. Em algumas vezes, havia mais de dois milhões de Guardas Vermelhos de todo o país reunidos na capital.

O Décimo Primeiro Plenário definiu a Grande Revolução Cultural Proletária como "uma nova etapa no desenvolvimento da revolução socialista em nosso país, a fase mais profunda e mais extensa." Mao, em seu discurso de encerramento do Plenário disse: "A Grande Revolução Cultural Proletária é, em essência, uma grande revolução política sob condições socialistas do proletariado contra a burguesia e todas as outras classes exploradoras. É a continuação da longa luta contra os reacionários do Kuomintang travadas pelo PCCh e as grandes massas revolucionárias sob a sua liderança. É continuação da luta entre o proletariado e a burguesia. "

O Décimo Primeiro Plenário adotou o que veio a ser conhecido como os *Dezesseis Artigos da Revolução Cultural*. Eles repetiram o que havia sido dito pela Circular de 16 de Maio, de que a atual revolução devia tocar a alma das pessoas, mudar o homem. Velhas ideias, cultura, costumes, hábitos das classes exploradoras ainda moldavam a opinião pública, oferecendo um terreno fértil para a restauração do passado. A perspectiva mental deve ser transformada e novos valores devem ser criados.

Eles identificaram o alvo principal como "aqueles dentro do partido que estão em autoridade e estão tomando o caminho capitalista." Eles identificaram as principais forças da revolução como "as massas operárias, camponeses, soldados, intelectuais

revolucionários e quadros revolucionários".

O objetivo da revolução era "lutar contra e esmagar as pessoas em posição de autoridade que estão tomando o caminho capitalista, criticar e repudiar as autoridades acadêmicas burguesas reacionárias e a ideologia da burguesia e todas as outras classes exploradoras e para transformar a educação, arte e literatura e todas as outras partes da superestrutura que não correspondem a base econômica socialista, de modo a facilitar a consolidação e desenvolvimento do sistema socialista." A forma da revolução era incitar as massas em suas centenas de milhões a expor as suas opiniões livremente, escrever Dazibaos, e manter grandes debates de modo que os seguidores da via capitalista no poder seriam expostos e seus planos para restaurar o capitalismo poderiam ser esmagados.

O aspecto essencial da Revolução Cultural foi o avanço e aplicação prática da linha de massas de Mao. Objetivou-se não apenas a eliminar os elementos hostis ao socialismo, mas a permitir que a classe trabalhadora obtivesse o "exercício de liderança em tudo", para "por a política no comando da administração", e para garantir que todos servindo como funcionários públicos deveriam "permanecer uma das pessoas comuns ". A fim de alcançar estes objetivos, foi necessário lançar uma ofensiva total contra a ideologia burguesa, de tal forma que as massas seriam ativamente envolvidas.

Assim, a resolução do Décimo Primeiro Plenário instruiu:

"Na Grande Revolução Cultural Proletária, o único método é que as massas libertem-se, e qualquer método de fazer as coisas em seu nome não deve ser utilizado."

"Confiem nas massas, contem com elas e respeitem sua iniciativa. Descartem o medo. Não tenham medo de desordem. ... Que as massas se eduquem nesta grande revolução e aprendam a distinguir o certo e o errado e entre formas corretas e incorretas de fazer as coisas."

Enquanto as massas entraram com força total na revolução, elas chegaram até a criar uma nova forma organizacional - o comitê revolucionário. Foi baseada na combinação "três-em-um": isto é, seus membros, que eram eleitos, sujeitos a revogação, e diretamente responsáveis pelo povo, foram retirados do Partido, do Exército de Libertação Popular, e das organizações de massas (a Guarda Vermelha, cuja filiação atingiu trinta milhões em número). Eles surgiram em todos os níveis, desde a fábrica ou comuna aos órgãos do governo provincial e regional, e sua função era fornecer a ligação através da qual as massas pudessem participar diretamente na administração do país.

Este órgão três-em-um de poder permitiu o poder político do proletariado atingir raízes profundas entre as massas. A participação direta das massas revolucionárias no funcionamento do país e a execução de supervisão revolucionária a partir de baixo sobre os órgãos do poder político em vários níveis desempenhou um papel muito importante no sentido de garantir que os principais grupos em todos os níveis aderissem à linha de

massas. Assim, este reforço da ditadura do proletariado, também foi o mais extenso e profundo exercício de democracia proletária conseguido até hoje no mundo.

Sob a varredura inicial da Revolução Cultural, em 1966-1967, a sede burguesa dentro do Partido foi efetivamente esmagada, e a maioria dos principais seguidores da via capitalista como Liu Shaoqi e Deng Xiaoping e seus partidários foram tirados de seus postos no Partido e forçados a fazerem auto-crítica diante das massas. Foi uma grande vitória, que não só inspirou as massas chinesas, mas também criou uma onda de entusiasmo revolucionário entre revolucionários comunistas de todo o mundo.

Durante o Grande Debate muitas forças revolucionárias se reuniram em torno da linha revolucionária do PCCh liderada por Mao, mas foi sobretudo durante a Revolução Cultural que essas forças em todo o mundo chegaram a aceitar que era o Marxismo-Leninismo Pensamento de Mao Tse-tung (que mais adiante se consolidou em marxismo-leninismo-maoísmo) que poderia fornecer as respostas para os problemas da Revolução Proletária Mundial. A Grande Revolução Cultural Proletária tinha mostrado que o Marxismo tinha uma resposta para o inimigo da restauração capitalista. Este avanço no marxismo levou à consolidação de numerosos grupos revolucionários e partidos em todo o mundo com base no Marxismo-Leninismo-Maoísmo, e o lançamento de lutas revolucionárias sob suas lideranças.

No entanto, Mao alertou: "A atual Grande Revolução Cultural Proletária é apenas a primeira; inevitavelmente haverá muitas outras no futuro. A questão de quem vai ganhar na revolução só pode ser resolvida após um longo período histórico. Se as coisas não são tratadas corretamente, é possível que uma restauração capitalista tenha lugar em qualquer momento no futuro. "

Além disso, ele lembrou ao Nono Congresso do Partido em 1969: "Nós ganhamos uma grande batalha. Mas a classe derrotada vai continuar a lutar. Seus membros ainda estão próximos e eles ainda existem, portanto não podemos falar da vitória final, não por décadas. Não devemos perder a nossa vigilância. Do ponto de vista Leninista, a vitória final em um país socialista não só exige os esforços do proletariado e das amplas massas em casa, mas também depende da vitória da revolução mundial e a abolição do sistema de exploração do homem pelo homem na Terra, para que toda a humanidade seja emancipada. Consequentemente, é errado falar sobre a vitória final da revolução em nosso país despreocupadamente; é contrário ao Leninismo e não corresponde aos fatos.

As palavras de Mao provaram-se verdadeiras dentro de um curto espaço de tempo. Primeiro, em 1971, Lin Biao, então vice-presidente que, no Nono Congresso do PCCh havia sido nomeado um sucessor para Mao, conspirou para tomar o poder através do assassinato de Mao e da encenação de um golpe militar. Isto foi frustrado graças ao estado de alerta dos revolucionários no Partido.

Após isso, no entanto, revisionistas como Deng Xiaoping foram reabilitados a altas

posições dentro do aparato do Partido e do Estado. Durante o último período da Revolução Cultural, houve novamente uma luta contra esses seguidores da via capitalista e Deng Xiaoping foi novamente criticado e removido de todos os seus postos alguns meses antes da morte de Mao, em 9 de setembro de 1976. Porém ele tinha muitos de seus agentes em posições de poder. Foram esses renegados que projetaram o golpe para assumir o Partido e levá-lo ao caminho da restauração capitalista, logo após a morte de Mao. Foram eles que sabotaram a Revolução Cultural e, em seguida, anunciaram formalmente o seu fim em 1976.

Este golpe e a restauração capitalista, no entanto, não podem repudiar a validade da verdade da Revolução Cultural. Em vez disso, de certa forma, confirma ensinamentos de Mao sobre a natureza da sociedade socialista e da necessidade de continuar a revolução sob a ditadura do proletariado. A Revolução Cultural é uma ferramenta científica desenvolvida na luta contra a restauração capitalista e na luta teórica para desenvolver o Marxismo-Leninismo-Maoísmo. Sua validade científica foi estabelecida no teste da prática da Revolução Chinesa. A sua eficácia como uma arma para mobilizar as grandes massas na luta contra o perigo de restauração capitalista em um país socialista também foi comprovada. No entanto, como o próprio Mao salientou, nenhuma arma pode fornecer uma garantia de vitória final. Assim, o fato de que os seguidores da via capitalista alcançaram uma vitória temporária não diminui de forma alguma a verdade objetiva da necessidade e da eficácia desta arma na luta pela construção do socialismo e da defesa do socialismo.

A Grande Revolução Cultural Proletária é uma das contribuições mais importantes do Marxismo-Leninismo-Maoísmo para o arsenal do proletariado internacional. Ela representa a aplicação na prática da maior contribuição de Mao ao Marxismo - a teoria de continuar a revolução sob a ditadura do proletariado para consolidar o socialismo, lutar contra o revisionismo moderno e prevenir a restauração do capitalismo. Sua importância para o proletariado internacional é imensurável no mundo de hoje, onde todas as bases socialistas foram perdidas devido aos esquemas de manipulação da burguesia dentro do próprio Partido Comunista. Por isso é chegada a hora de rever a definição de Lenin de um Marxista.

Lenin, definindo um Marxista, havia dito que não era o suficiente aceitar a luta de classes para ser chamado de Marxista. Ele disse que somente aqueles que reconhecem ambas a luta de classes e a ditadura do proletariado podem ser chamados de Marxistas. Hoje não basta apenas reconhecer a luta de classes e a ditadura do proletariado para ser Marxista. Um Marxista tem de aceitar o entendimento básico do Grande Revolução Cultural Proletária. Assim, *só é um Marxista aquele que alarga o reconhecimento da luta de classes e da ditadura do proletariado ao reconhecimento da revolução contínua da superestrutura com o objetivo da conclusão da revolução mundial e construção da sociedade comunista o mais cedo possível.*

CAPÍTULO 32 - APÓS A MORTE DE MAO

O fim dos anos 60 – o período da Grande Revolução Cultural Proletária e o estabelecimento de Mao Tse-tung: Visto como um novo estágio do Marxismo-Leninismo, foi um período de fermentação revolucionária em muitas partes do mundo. A guerra revolucionária na Indochina (a área do Vietnã, Camboja e Laos) estava lidando com muitas baixas por causa do tremendo poderio militar dos imperialistas ianques. Simultaneamente, revolucionários rejeitaram a imposição do revisionismo moderno e começaram lutas armadas sob a liderança de Mao, principalmente no Terceiro Mundo – as lutas armadas nas Filipinas e da Índia continuam desde então. Guerrilhas para a liberação nacional também aconteceram em muitos lugares, assim como lutas armadas sob a ideologia Guevarista (ideologia seguindo as ideias e as práticas de Che Guevara, revolucionário crucial em Cuba e na Bolívia) em partes da América Latina.

A Guerra da Indochina, as lutas cada vez mais acirradas no Terceiro Mundo e a Revolução Cultural foram alguns fatores importantes para o vasto surto de movimentos estudantis e anti-guerra no mundo capitalista ao fim dos anos 70. A revolta dos estudantes de Paris em maio de 1968 foi a mais significativa mas não a única onda de revoltas estudantis, que iam dos EUA até a Itália, passando pela Polônia, Tchecoslováquia e Iugoslávia. Essa onda também teve seu impacto em vários lugares do Terceiro Mundo. Ao mesmo tempo, protestos contra a guerra do Vietnã começaram a ganhar adeptos nos EUA e em outras partes do mundo, com grandes movimentos pela paz, contra a guerra e a corrida armamentista nuclear em grandes cidades europeias. Os imperialistas estadunidenses foram efetivamente isolados, pois, nem mesmo seus aliados concordaram em mandar tropas para lutar no Vietnã. Seguindo os movimentos estudantis, houve também um grande aumento de lutas dos operários da classe trabalhadora no oeste europeu, particularmente na Itália e na França, apesar das demandas serem apenas na parte econômica. Grandes ondas de greves pelo aumento salarial muitas vezes paralisavam toda a economia de países imperialistas.

O meio dos anos 70 viu a derrubada final de muitos antigos regimes coloniais, após longas guerrilhas. Assim, os EUA e seus fantoches foram expulsos do Vietnã, Kampuchea e Laos em 1975. Na África, as repúblicas de Moçambique, Angola, Etiópia, Congo e Benin foram formadas nesse período. Entretanto, a maioria desses países foram dominados por fantoches ou satélites do novo imperialismo – o social-imperialismo Soviético. Uma proeminente exceção foi o Camboja, onde os revolucionários comunistas genuínos – o Khmer Vermelho – continuaram independentes até serem invadidos em 1978 pelo Vietnã, sob a ordem dos imperialistas Soviéticos.

No período seguinte, excelentes situações revolucionárias continuaram, com o aumento de todas as contradições fundamentais e o enfraquecimento do imperialismo. Particularmente, as colônias e semi-colônias continuaram a ser o centro de revoluções

mundiais. No começo desse período, guerrilhas continuaram no Zimbábue, Nicarágua, Eritreia e outros países. A Guerra Popular começou no Peru em 1980 sob liderança comunista revolucionária. O xá do Irã foi derrubado e uma república islâmica anti-americana passou a existir. A guerra da libertação nacional começou no Afeganistão após a instalação de um regime soviético de fachada em 1978 e a ocupação pelo exército soviético social imperialista em 1979. A luta heróica do povo Afegão causou muitas mortes ao regime soviético e foi um importante fator no colapso final da URSS.

A significância histórica das lutas populares de colônias e semi-colônias mudou para sempre a natureza das relações entre o imperialismo e nações oprimidas. Ambas guerras do Vietnã e do Afeganistão provaram que nem mesmo uma superpotência poderia ocupar um país, mesmo que fosse pequeno e fraco. Essa verdade se mostrou ainda mais nos anos 90, em numerosos lugares onde as forças da paz da ONU tentaram intervir. A Somalilândia, que já havia sido controlada por muitos anos sem muita dificuldade por colonialistas Britânicos e Italianos, tornou-se a Somália onde milhares de tropas americanas e de outros países foram forçadas a recuar em desgraça, ao serem atacadas pelo povo. Até mesmo o bombardeio em larga escala no Iraque e na Iugoslávia, sem o compromisso de tropas terrestres, é o reconhecimento do imperialismo que nenhum país, nação ou povo desse período estava preparado para aceitar um exército de ocupação.

Desde o colapso de regimes revisionistas no Leste Europeu e de várias repúblicas da antiga União Soviética, lá vem acontecendo uma contínua crise revolucionária também. Até em países imperialistas do Ocidente, o aprofundamento da crise levou à intensificação da contradição entre trabalho e capital, e repetidas ondas de greves lideradas pela classe operária. No entanto, as forças revolucionárias não tem sido organizacionalmente fortes o suficiente para utilizar a excelente situação mundial revolucionária para avançar com a Revolução Proletária Mundial.

Após a morte de Mao em 1976, os capitalistas que permaneceram no partido organizaram um golpe sob a liderança do revisionista Deng Xiaoping e passaram a controlar o partido sob a liderança nominal de Hua Kuo-feng, que se considera um centrista. Como Mao já havia ensinado diversas vezes, com o controle político nas mãos de revisionistas, a base socialista saiu das mãos do proletariado. Ao mesmo tempo, a liderança do Partido do Trabalho da Albânia passou a seguir uma linha oportunista, atacando Mao Tse-tung, argumentando que Mao era um revolucionário pequeno-burguês. Apesar do Khmer Vermelho continuar no poder no Camboja, havia uma guerra constante contra inimigos internos e externos da Revolução, e o país ainda não havia conseguido se recuperar das desgraças econômicas da guerra e consolidar seu poder quando foram derrotados pelo exército vietnamita, apoiado pelos soviéticos. Assim, não havia nenhum país no mundo no qual o proletariado havia consolidado seu poder estatal formado uma base socialista para o proletariado internacional.

Nos anos imediatamente após a morte de Mao, havia uma quantidade considerável de

confusão ideológica no movimento comunista internacional, com os revisionistas de Deng, que através de Hua Kuo-feng, tentaram se projetar como legítimos defensores do pensamento de Mao. Particularmente, venderam a idéia falsa e revisionista da Teoria dos Três Mundos como as regras gerais de Mao para o proletariado internacional. Muitas seções revolucionárias aceitaram tais posições, e foi apenas depois da abertamente revisionista Resolução Histórica do PCCh em 1981 e do Duodécimo Congresso de 1982 que a maioria das forças revolucionárias do mundo começaram a se opor abertamente ao revisionismo de Deng. Entretanto, algumas seções continuaram a seguir a corrente revisionista de Deng e abandonaram os ensinamentos revolucionários de Mao. Certas seções se aliaram ao ataque oportunista do Partido Trabalhista da Albânia ao pensamento de Mao Tse-tung, porém, depois se desintregaram ou começaram a revelar sua real natureza revisionista.

Aqueles que resolutamente se opunham ao revisionismo de Deng e defendiam o pensamento de Mao conseguiram fazer avanços consideráveis na prática. Hoje em dia, tais forças formam o núcleo do proletariado revolucionário internacional. Eles lideram lutas armadas no Peru, Filipinas, Turquia, Nepal e Índia. Apesar de ainda terem uma organização fraca, suas forças continuam a crescer.

A principal fonte do crescimento de suas forças é a retidão da ideologia Marxista-Leninista-Maoísta. A corrente de importantes acontecimentos históricos dos últimos vinte e poucos anos confirmou a maioria dos princípios maoístas. Particularmente, o colapso da URSS, o fim de seu poder de superpotência frente à luta popular e o enfraquecimento do superpoder estadunidense frente às dificuldades das pessoas oprimidas ao redor do mundo confirmaram o princípio de Mao que esses imperialistas são apenas tigres de papel, e aprenderiam uma lição através do povo.

Similarmente, o pensamento maoísta continuou a ser a melhor ferramenta nas mãos do proletariado internacional e povos oprimidos para formular e implementar a revolução em seus respectivos países. O maoísmo também teve uma grande influência nas lutas armadas pela libertação nacional em vários cantos do mundo. Apesar de nesse período não ter acontecido grandes ou significantes desenvolvimentos na teoria Marxista, o Marxismo-Leninismo-Maoísmo continua a se adaptar às mudanças ao redor do mundo. Ele fornece a única teoria científica e correta para o proletariado internacional.

O movimento comunista internacional está passando por um processo de vitória-derrota-vitória no caminho à vitória final na Revolução Proletária Mundial. Para aqueles que ficam desanimados com os altos e baixos desse processo, seria bom lembrar o que Mao disse durante o Grande Debate e também durante a Revolução Cultural: “Até mesmo a revolução burguesa, que substituiu uma classe exploradora por outra, teve que passar por diversos estornos e testemunhar muitas lutas – revolução, depois restauração e então a derrubada da restauração. Vários países europeus demoraram centenas de anos para completar suas revoluções burguesas, começando com as preparações ideológicas até a

tomada final do poder. Como a revolução proletária é uma revolução que visa derrubar permanentemente todos os sistemas de exploração, é ainda menos imaginável que as classes exploradoras vão mansamente permitir que o proletariado os prive de todos os seus privilégios sem tentarem restaurar seu poder.”

Derrotas temporárias são esperadas no longo e tortuoso caminho da Revolução Proletária Mundial. A história de 150 anos do desenvolvimento do Marxismo-Leninismo-Maoísmo provou de forma conclusiva que é o destino histórico dessa doutrina liderar e guiar o proletariado internacional até a vitória final.